

**Universidade Federal de Pernambuco**  
**Centro de Ciências Sociais Aplicadas**  
**Departamento de Ciências Administrativas**  
**Programa de Pós-graduação em Administração – Propad**

Edilange Luiz Pereira

**A Cultura Carnavalesca da Bomba do Hemetério  
como Recurso Econômico:  
Uma Análise Pós-desenvolvimentista**

Recife, 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

**CLASSIFICAÇÃO DE ACESSO A TESES E DISSERTAÇÕES**

Considerando a natureza das informações e compromissos assumidos com suas fontes, o acesso a monografias do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco é definido em três graus:

5.2.1 "Grau 1": livre (sem prejuízo das referências ordinárias em citações diretas e indiretas).

5.2.1 "Grau 2": com vedação a cópias, no todo ou em parte, sendo, em consequência, restrita a consulta em ambientes de biblioteca com saída controlada.

5.2.1 "Grau 3": apenas com autorização expressa do autor, por escrito, devendo, por isso, o texto, se confiado a bibliotecas que assegurem a restrição, ser mantido em local sob chave ou custódia.

**A classificação desta dissertação se encontra, abaixo, definida por seu autor. Solicita-se aos depositários e usuários sua fiel observância, a fim de que se preservem as condições éticas e operacionais da pesquisa científica na área da Administração.**

**Título da Dissertação: A Cultura Carnavalesca da Bomba do Hemetério como Recurso Econômico: Uma Análise Pós-desenvolvimentista**

Nome do Autor: Edilange Luiz Pereira

Data da aprovação: 14 de Dezembro de 2015.

Classificação, conforme especificação acima:

Grau 1

Grau 2

Grau 3

Recife, 14 de dezembro de 2015

---

Assinatura da autora

**Edilange Luiz Pereira**

**A Cultura Carnavalesca da Bomba do Hemetério  
como Recurso Econômico:  
Uma Análise Pós-desenvolvimentista**

Orientador: Prof. André Luiz Maranhão de Souza Leão, Doutor.

Dissertação apresentada como requisito complementar para obtenção do grau de Mestre em Administração do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, do Departamento de Ciências Administrativas, Programa de Pós-graduação em Administração – Propad.

Recife, 2015

Catálogo na Fonte  
Bibliotecária Ângela de Fátima Correia Simões, CRB4-773

P436c Pereira, Edilange Luiz  
A cultura carnavalesca da Bomba do Hemetério como recurso econômico: uma análise pós-desenvolvimentista / Edilange Luiz Pereira. - Recife : O Autor, 2015.  
144 folhas : il. 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. André Luiz Maranhão de Souza Leão.  
Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Pernambuco, CCSA, 2015.  
Inclui referências.

1. Cultura popular. 2. Carnaval. 3. Economia do desenvolvimento. 4. Economia evolutiva. I. Leão, André Luiz Maranhão de Souza (Orientador). II. Título.

658 CDD (22.ed.) UFPE (CSA 2016 –004)

Universidade Federal de Pernambuco  
Centro de Ciências Sociais Aplicadas  
Departamento de Ciências Administrativas  
Programa de Pós-Graduação em Administração - Propad

# **A Cultura Carnavalesca da Bomba do Hemetério como Recurso Econômico: Uma Análise Pós- desenvolvimentista**

Edilange Luiz Pereira

**Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Administração  
da Universidade Federal de Pernambuco e aprovada em 14 de dezembro de 2015.**

**Banca Examinadora:**

---

Prof. André Luiz Maranhão de Souza Leão, Doutor, UFPE (Orientador)

---

Profª. Maria Christiani Coutinho Marçal, Doutora, UFPE (Examinador Externo)

---

Prof. Fernando Gomes de Paiva Júnior, Doutor, UFPE (Examinador Interno)

*À minha mãe, Antônia, pelo amor, pelo cuidado e pela generosidade.*

*À minha (irmã espiritual) Márcia, pela força, pela compreensão e pelo companheirismo.*

# Agradecimentos

À Facepe, pelo apoio financeiro que viabilizou este estudo.

Ao meu orientador, professor André Leão, por acreditar na possibilidade deste estudo. Por todos os questionamentos necessários e que, por tantas vezes ouvindo meu silêncio, calou minhas falas e com paciência esperou meu tempo. Sem isso, este trabalho jamais teria sido realizado. Muito obrigada.

À banca examinadora, professor Fernando Paiva e professora Christiani Marçal, que gentilmente aceitaram o convite para compartilhar seus conhecimentos e concederam valiosas sugestões que enriqueceram este trabalho.

Aos professores que fazem parte do Propad – UFPE, pelo compartilhamento de seus conhecimentos.

Aos funcionários do Propad – UFPE, pelo suporte sempre que solicitado.

Ao grupo de pesquisa, pelas dicas e sugestões nas bancas informais, especialmente a Bruno e Suélen. Aos amigos, Felipe, Luciana, Rafael, Hannah e o meu querido companheiro de orientações: Diego. Paracaxes, sem vocês essa jornada teria sido muito mais difícil!

À Márcia (anjo benfeitor), pela sua presença confortadora e seu apoio desinteressado em todos os momentos de minha vida.

A todos aqueles ou aquelas que, de forma direta ou indireta, me ajudaram nesta etapa.

Por fim, agradeço a Deus, inteligência suprema, natureza, plenitude e imensidão: pela vida.

## Resumo

No cenário contemporâneo a economia e a cultura são abordadas como questões fundamentais para as políticas de desenvolvimento, tendo em vista o reconhecimento das agências dedicadas a ele e que a cultura o favorece, cria emprego e promove a coesão social, tornou-se imperativo promover o empoderamento das atividades culturais. Nessa perspectiva, a economia criativa e suas categorias passaram a ser tomadas como estratégias para a formulação e implementação de políticas, focando, principalmente, na promoção e distribuição das manifestações culturais para propiciar o crescimento econômico. Como marco das iniciativas da economia criativa brasileira, está a proposta metodológica para identificação de polos criativos e a instituição do programa de incentivo. Em 2011, a Bomba do Hemetério se tornou polo criativo, na condição de um território expandido que agrega uma diversidade de agremiações carnavalescas, algumas delas consideradas de fundamental importância para o Carnaval de Pernambuco. Pode-se dizer que o cenário cultural local tornou possível o seu reconhecimento como polo criativo. A comunidade recebeu uma iniciativa de desenvolvimento local realizada a partir da articulação do poder público e de instituições não governamentais. Com base nisto, esta pesquisa se dedicou à análise da cultura carnavalesca da Bomba do Hemetério afim de desvelar os discursos que caracterizam essa cultura como recurso de desenvolvimento local. Utilizamos como lente teórica a teoria do Pós-desenvolvimento e, por meio da interpretação do arquivo inspirada na Análise de Discurso Foucaultiana, foram reveladas três formações discursivas: uma sobre a cultura local e suas tradições, outra evidencia a cultura local como fonte de sobrevivência e outra aponta para a política de economia criativa.

**Palavras-chave:** Cultura carnavalesca. Bomba do Hemetério. Economia criativa. Pós-desenvolvimento. Análise de Discurso Foucaultiana.

## **Abstract**

In the contemporary scenario the economy and culture are addressed as key issues for development policies, considering the recognition of dedicated agencies and a culture that favors it, creates jobs and promotes social cohesion, it has become imperative to promote the empowerment of cultural activities. From this perspective, the creative economy and its categories came to be taken as strategies for the formulation and implementation of policies, focusing mainly on promotion and distribution of cultural events as economic growth factors. The methodological proposal for identifying creative centers and the institution of the incentive program is a starting point of initiatives of the Brazilian creative economy. In 2011, Bomba do Hemetério district became a creative center, as an expanded territory that aggregates a variety of carnival groups, some of them considered of fundamental importance for the Pernambuco Carnival. It can be said that the local cultural scene has made possible its recognition as a creative center. The community received a local development initiative carried out through the articulation of government and non-governmental institutions. Based on this, this research was dedicated to the analysis of Bomba do Hemetério district carnival culture in order to unveil the discourses that characterize this culture as a local development resource. We used post-development theory as theoretical lens and, by interpreting the file inspired by Foucauldian Discourse Analysis, three discursive formations were revealed: one on the local culture and its traditions, the other highlights local culture as a source of survival and another points to the creative economy public policy.

**Keywords:** Carnival culture. Bomba do Hemetério district. Creative economy. Post-development. Foucauldian Discourse Analysis.

## Lista de Figuras

Figura 1 (6) - Mapa de relações das formações discursivas	99
Figura 2 (6) - Mapa de relações da primeira formação discursiva	101
Figura 3 (6) - Afoxé Ogdon Obá	104
Figura 4 (6) - Mapa de relações da segunda formação discursiva	108
Figura 5 (6) - Mapa de relações da terceira formação discursiva	115
Figura 6 (6) - Moradores da Bomba do Hemetério	118
Figura 7 (6) - Terreiro Obá Ogunté e Ogbom Obá	119
Figura 8 (6) - Destino Bomba do Hemetério	122

## **Lista de Quadros**

Quadro 1 (5) - Fontes informativas	87
Quadro 2 (6) - Enunciados	93
Quadro 3 (6) - Funções enunciativas	95
Quadro 4 (6) - Critérios de regras	96
Quadro 5 (6) - Regras de formações	97
Quadro 6 (6) - Relação entre Critério de regras e Regra de formação	98

## Lista de Siglas

AE	Aliança Empreendedora
APLs	Arranjos Produtivos Locais
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
CAQDAS	Computer-Aided Qualitative Data Analysis Software
CIEC	Centro Internacional das Indústrias Criativa
EMPETUR	Empresa Pernambucana de Turismo
FMI	Fundo Monetário Internacional
FUNDARPE	Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco
IA	Instituto Aliança
IADH	Instituto de Assessoria para o Desenvolvimento Humano
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IQE	Instituto Qualidade no Ensino
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IWM	Instituto Walmart
MinC	Ministério da Cultura
MTUR	Ministério do Turismo
NúcleoPE	Núcleo de Decoração de Pernambuco
ODM	Objetivos de Desenvolvimento do Milênio
ONU	Organização das Nações Unidas
OPBH	Orquestra Popular da Bomba do Hemetério
PEC	Plano de Economia Criativa
PNB	Produto Nacional Bruto
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
RPA	Região Político Administrativa
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEC	Secretaria de Economia Criativa
SETUR	Secretaria de Turismo do Recife
TLC	Tratado de Livre-Comércio da América do Norte
UE	União Europeia
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UNCTAD	United Nation Conference on Trade and Development
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
USAID	Agência Norte-Americana de Desenvolvimento Internacional
ZEIS	Zonas Especiais Interesses Sociais

# Sumário

<b>1 Introdução</b>	<b>13</b>
<b>2 Pós-desenvolvimento: repensando o desenvolvimento</b>	<b>23</b>
2.1 A teoria do Pós-desenvolvimento	23
2.2 Disposição das categorias teóricas do Pós-desenvolvimento	30
2.2.1 Cultura local: modos de vida baseados no lugar	30
2.2.2 Padrão de vida: uma narrativa desenvolvimentista contra a pobreza	36
2.2.3 Mercado: troca mediada pela moeda	38
2.2.4 O Estado como planejador do progresso	40
<b>3 Economia criativa como discurso desenvolvimentista</b>	<b>46</b>
3.1 Cultura como recurso para o desenvolvimento	46
3.2 Contextualizando economia criativa	51
3.3 Economia criativa como política pública no Brasil	56
<b>4 Bomba do Hemetério como polo criativo</b>	<b>64</b>
4.1 A Bomba do Hemetério e sua cultura carnavalesca	64
4.2 O Programa Bombando Cidadania	69
<b>5 Procedimentos metodológicos</b>	<b>80</b>
5.1 Posicionando as bases epistemológicas da pesquisa	80
5.2 Análise de Discurso Foucaultiana	82
5.3 Planejamento de pesquisa	85
5.3.1 Construção do arquivo	86
5.3.2 Procedimentos analíticos	89
5.3.3 Critérios de qualidade da pesquisa	90
<b>6 Descrição dos resultados da pesquisa</b>	<b>92</b>
6.1 Descrição das formações discursivas e os seus elementos constitutivos	92
6.2 As formações discursivas	98
6.2.1 Os saberes e as manifestações populares garantem a tradição da cultura local	100
6.2.2 As agremiações carnavalescas têm na cultura uma fonte de sobrevivência	106
6.2.3 As políticas culturais de economia criativa vêm modificando a cultura local	112
<b>7 Considerações finais</b>	<b>125</b>
<b>Referências</b>	<b>136</b>

# 1 Introdução

---

A relação entre cultura e desenvolvimento tem assumido um lugar de destaque na agenda contemporânea mundial, já os conceitos culturais prefiguram o modo de se compreender uma sociedade. Assim, a cultura tem recebido uma atenção especial na política, na economia e na academia, pois tem sido percebida como um meio de se atingir o desenvolvimento econômico. Eis aqui a razão pela qual Yúdice (2013) afirma ser a cultura hoje invocada para resolver problemas que anteriormente eram da competência das áreas econômica e política.

Para Yúdice (2013), o fato da cultura ser ultimamente incorporada como uma estratégica de desenvolvimento econômico faz dela fator decisivo na gestão das políticas de desenvolvimento internacionais e nacionais. O autor se refere a instituições como a União Europeia (UE), o Banco Mundial (BM), o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e defende que, quando as maiores fundações internacionais começam a compreender a cultura como uma esfera crucial para investimentos, com efeito ela passa a ser cada vez mais adotada como um recurso, tornando-se conveniente para solucionar os problemas econômicos (YÚDICE, 2013).

Nessa lógica, Canclini (2003) ressalta que, atualmente, as transformações culturais ultrapassam a dimensão global, passando a estar mais relacionadas com aspectos das culturas locais. De acordo com ele, as culturas locais vêm sendo alteradas pela industrialização e pelo processo de homogeneização provocados pelo modelo de desenvolvimento caracterizado por uma economia global. Canclini atenta, ainda, para as alternativas de políticas ordenadas de desenvolvimento econômico e indica que deve ser analisado o modo como elas operam em relação às interações culturais e a relação de modos de desenvolvimento de países de Primeiro Mundo e de Terceiro Mundo, o que o autor chama de *relação Norte–Sul* (CANCLINI, 2013).

Na interpretação de Yúdice (2013), sendo o papel da cultura expandido como nunca antes para as esferas política e econômica (a cultura vista como recurso para melhorias sociopolíticas e econômicas tanto para resolver conflitos políticos quanto econômicos e de cidadania), partindo de sua centralidade e transversalidade, as suas dimensões assumem diferentes abordagens e práticas. Em uma visão holística, Yúdice (2013), considera que a cultura — entendida como catalizadora de desenvolvimento — e portanto, gerenciável, tornou-se passível da racionalidade econômica que concerne a sua reorientação, passando a ser regida pela lógica de mercado.

Nesse contexto, Canclini (2013) aponta para as concepções de mudanças no campo da cultura. Nesse movimento, o modo como o processo de globalização vem evidenciando novos desafios diante do problema da homogeneização questiona as condições de articulação dos modos como são guiadas as políticas em torno da cultura. Ora, se a cultura gera desenvolvimento econômico, cabe analisar os retornos internacionais, nacionais e regionais, pois a acumulação de capital global atende, por vezes, a interesses hegemônicos (CANCLINI, 2003).

Seguindo essa linha, Burity (2007) sugere que o vínculo entre cultura e desenvolvimento exige a elaboração de projetos de desenvolvimento que não permitam a mera legitimação desses processos hegemônicos mais amplos, constituindo, sobretudo, uma espécie de aparelho cultural que gera cultura à luz do desenvolvimento, imposta pela circulação de capital em estado global.

A percepção da cultura como perspectiva de desenvolvimento se expandiu de tal forma na área econômica que uma nova denominação de economia vem se afirmando como um modelo pautado na cultura e na criatividade. Essa nova economia, chamada *criativa*, baseia-se na visão de que quanto mais conteúdo cultural diverso tenha uma sociedade, maiores são as expectativas de possibilidades de desenvolvimento (YÚDICE, 2013).

Nesse cenário, a economia criativa ganha significados no papel de política pública, reforçando a ideia de desenvolvimento a partir da cultura. A economia criativa como estratégia de desenvolvimento vem sendo difundida por agentes internacionais e é realizada por atores locais impulsionados por esse discurso, que tem o apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), da United Nation Conference on Trade and Development (UNCTAD) e da Organização Mundial do Comércio (OMC). Nessa dinâmica, a economia criativa se estende em diversas áreas de responsabilidade política e administração pública (UNCTAD, 2010; IPEA, 2013).

Assim, a economia criativa vem sendo percebida como um novo modelo de desenvolvimento que integra diversas atividades produtoras de bens e serviços. Seu aspecto estruturador tem como fonte o potencial criativo, e o fator-chave para que as atividades criativas tenham dinamismo é produzir localmente bens e serviços de valor simbólico e econômico para distribuir globalmente (UNCTAD, 2010). Nas discussões sobre esse tema, percebe-se que comumente se conecta um conjunto de atividades relacionadas à cadeia produtiva da indústria criativa e a isso se vinculam diversos conceitos que envolvem política, economia e cultura. Devido ao seu aspecto subjetivo, um repertório de reflexões passou a ser emitido dos debates acadêmicos, dos gabinetes governamentais e de outros contextos linguísticos (MIGUEZ, 2007; REIS, 2008).

A proposta de economia criativa surge na busca por soluções aos problemas socioeconômicos. Tal denominação incorpora conceitos das indústrias criativas — termo que, segundo Reis (2008), foi inspirado em um projeto australiano que se firmou a partir da década de 1990, representado por alguns setores da economia denominados criativos — e das indústrias culturais, terminologia que se refere às indústrias que combinam a criação, produção e comercialização de conteúdos criativos que são intangíveis e de natureza cultural. Dentro do campo da economia, a denominação *economia da cultura* se refere ao setor que lida

com as relações econômica das artes e com a construção de modelos de oferta e demanda de bens culturais. Da sobreposição desses campos temáticos ligados à economia criativa se desencadeia uma série de modelos e termos que, apesar de correlatos, têm suscitado diferentes interpretações. Apesar dessas noções, os significados em torno do termo *economia criativa* partem do princípio de que os bens e serviços culturais integram valor tanto cultural quanto econômico (MIGUEZ, 2007; REIS, 2008; UNCTAD, 2010).

Contudo, não se trata de uma simples construção de modelos teóricos para explicar a racionalidade da lógica de mercado no campo da cultura, mas da constatação de que a produção de bens e serviço passou a ser baseada na criatividade, pois, há nesse campo, uma interação entre criatividade, atividade cultural e expressões culturais. Partindo dessas noções, a economia criativa atua com base na cultura para gerar desenvolvimento. A implantação dessa estratégia requer políticas de todos os níveis do governo que levem em conta a peculiaridade dos setores que a formam, tendo em vista que essa lógica opera de forma global e em diferentes espaços institucionais. Devido à pluralidade de significados que o termo pode representar, seu aspecto multifacetado e as diferentes concepções caracterizam a economia criativa, portanto, como um discurso (MIGUEZ, 2007; REIS, 2008; UNCTAD, 2010).

A noção de discurso é aqui compreendida como um processo de construção social da realidade mediado por mecanismos de comunicação e construção de sentido que opera por meio do uso da linguagem. Com isso, os aspectos e as visões da realidade são conduzidos a partir da vontade de quem produz o discurso (ESCOBAR, 2012; FOUCAULT, 2013A, 2013B).

Segundo Miguez (2007), as questões sobre economia criativa no Brasil tiveram início em 2004, com a realização da *XI Conferência Ministerial da UNCTAD*, em São Paulo. O Brasil recorreu à economia criativa e criou o seu Plano de Economia Criativa (PEC), formulado pela Secretaria de Economia Criativa (SEC) sob a coordenação do Ministério da Cultura (MinC). Com base no PEC, que prioriza os setores criativos e por meio de políticas

culturais, a SEC resolveu potencializar projetos de desenvolvimento local e regional e de cooperação entre territórios, tendo como cenário a cultura (BRASIL, 2011).

A economia criativa brasileira abrange a economia da cultura e se desdobra como plataformas de políticas culturais que elegem a cultura como fator elementar para o desenvolvimento (BRASIL, 2011; FERNADEZ, ET AL., 2013; WANIS, 2013). Na leitura do PEC, é possível perceber essa ênfase dada à cultura na formulação de ações para o desenvolvimento, pois parte do argumento sobre a diversidade da cultura brasileira. O PEC enfatiza que "a diversidade cultural não deve ser compreendida somente como um bem a ser valorizado, mas como um ativo fundamental para a nova compreensão de desenvolvimento" (BRASIL, 2011, p. 19).

Ainda sobre a política de economia criativa no Brasil, é importante destacar que tal iniciativa vem sendo implantada por meio de políticas culturais, tanto para produção e distribuição de bens culturais como para criação de estratégias que visam ao mapeamento, à identificação e à nomeação de polos criativos o que inclui, muitas vezes, ações de desenvolvimento local. Essa política pública opera na cultura com vistas para promover o desenvolvimento econômico utilizando as ferramentas da economia criativa (FERNANDEZ, ET AL., 2013; LIMA, 2011).

Um exemplo de como a política de economia criativa vem sendo operacionalizada no Brasil é o bairro da Bomba do Hemetério, que foi indicado como polo criativo em 2011 (BRASIL, 2011; LIMA, 2011). Nesse bairro, localizado na Zona Norte do Recife (PE), há mais de cinquenta grupos culturais, entre eles algumas das agremiações mais antigas do carnaval pernambucano, como o Maracatu Nação Elefante, a Tribo Nação Canindé do Recife, a Troça Mista Abanadores do Arruda, o Grêmio Recreativo Escola Gigante do Samba e o Clube Carnavalesco Misto Reisado Imperial. O bairro conta, também, com o trabalho do Maestro

Forró e sua Orquestra Popular da Bomba do Hemetério (OPBH) (PREFEITURA DO RECIFE, 2009).

A Bomba do Hemetério tem sido considerada, segundo o Instituto de Assessoria para o Desenvolvimento Humano (IADH), um lugar com forte tradição carnavalesca que expressa uma cultura diversa e original. Isso porque lá existem diferentes manifestações de segmentos da cultura popular pernambucana, tais como troças, caboclinhos, maracatus, ursos de carnaval, bois, afoxés, clubes de frevo, bonecos gigantes, mestres populares e artesãos. Nesse sentido, pode-se falar que a Bomba do Hemetério é um celeiro cultural (PREFEITURA DO RECIFE, 2011). Essa referência ao local se deve, também, às agremiações centenárias de cultura indígena e de cultura afrodescendente que possuem sede no bairro (LIMA, 2011). O próprio contexto histórico da Bomba do Hemetério encontra suas raízes na cultura carnavalesca: o seu povoamento teve origem com os fatos históricos associados às manobras de combate aos mocambos<sup>1</sup> e ao processo de deslocamento de terreiros de candomblé. A construção da Estrada de Ferro do Limoeiro, em 1879, atual Avenida Miguel Arraes de Alencar, ou Avenida Norte, também acelerou o povoamento dos morros na área de Casa Amarela, onde está localizada a Bomba do Hemetério. Com isso, os grupos de cultura que ali se instalaram, ora deslocados do centro urbano do Recife ou advindos da migração dos terreiros, encontraram ali um lugar para abrigar seus costumes, suas crenças e suas práticas (COSTA, 2009; LEITE, 2010; PONTUAL, 2001; SOUZA, 2004; SOUZA ET AL., 1984).

Como a cultura carnavalesca faz parte do cotidiano do bairro, essas expressões culturais estão sendo interpretadas como fonte de riqueza cultural pela SEC (LIMA, 2011). Pode-se dizer que não se trata apenas das manifestações culturais, mas de toda uma cadeia produtiva que se desenvolve a partir dessa cultura, como produção de eventos, apresentações

---

<sup>1</sup> O termo *mocambo* refere-se à expressão usada por Gilberto Freyre no seu livro *Sobrados e Mocambos* (2012). Tal expressão designa "[...] casas térreas de barro, nem mesmo caiadas" (FREYRE 2012, p. 138). O autor, associa o termo ao *mucambeiro*, ao quilombola, ao negro de Palmares ou escravo foragido. Freyre esclarece, ainda, que os mocambos se estenderam aos morros da cidade (FREYRE, 2012).

e confecção de fantasias e adereços. Tudo isso é transformado em produtos e serviços que movimentam o turismo local não somente nos dias de Carnaval, mas ao longo de todo o ano (BRASIL, 2011; IADH, 2011).

A cultura carnavalesca propicia, portanto, a valorização cultural da Bomba do Hemetério sobretudo por três aspectos: primeiro, pelo número de agremiações existentes no lugar (no ano de 2010, totalizavam mais de cinquenta grupos culturais)<sup>2</sup>; segundo, pelas características dos grupos carnavalescos agregados no bairro (do total, 63% foram formados antes de 2010 e alguns possuem mais de 100 anos de existência); terceiro, pela própria constituição do lugar, sua formação sociocultural ligada à cultura carnavalesca e às raízes das tradições que valorizam a memória e a sabedoria de culturas indígena e afrodescendente (IADH, 2011).

Na Bomba do Hemetério, foi realizado um trabalho que integrou elementos da economia criativa às atividades culturais dos grupos carnavalescos do bairro. Esse processo ocorreu por meio da implantação de um programa de desenvolvimento local, cujo escopo atuou na criação de novos ambientes produtivos e inovações criativas partindo das atividades culturais desses grupos com o intuito de gerar emprego e renda e, conseqüentemente, aumentar o padrão de vida da comunidade (IADH, 2011).

Durante cinco anos, a comunidade teve a implantação do Programa Bombando Cidadania, de iniciativa do Instituto Walmart (IWM), e contou com uma rede de parceiros, entre eles o Governo do Estado, a Prefeitura do Recife, a Empresa Pernambucana de Turismo (Empetur), o IADH (que realizou as ações de desenvolvimento), o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), instituições de fomento e ONGs locais e internacionais. Segundo o IADH, o programa teve o foco na cultura local para operacionalizar e comercializar produtos e serviços. Nesse sentido, a cultura carnavalesca e a tradição local

---

<sup>2</sup> O bairro concentra o maior número de agremiações carnavalescas do Recife, em torno de 40% do total de agremiações divulgadas no *Catálogo de Agremiações da Prefeitura do Recife* (2009).

precisaram ser valorizadas para o fortalecimento das manifestações culturais locais (IADH, 2011).

Considerando as transformações no cenário econômico e político mundial que ocasionaram mudanças significativas no campo da cultura, Canclini (2003) argumenta que, se a economia globalizada favorece um desenvolvimento internacional das cidades, tal desenvolvimento não ocorre do mesmo modo em todas as áreas. Tendo em vista o caráter da proposta de desenvolvimento incluída na ideia de economia criativa, nesse sentido não se pode pensar em economia criativa de forma isolada, uma vez que sua operacionalização parte de um conjunto de dinâmicas que atua de forma global, tendo como centro estratégico o desenvolvimento (SACHS, 2010; PIRES, 2009; WANIS, 2013).

No que diz respeito à noção de desenvolvimento, Escobar (2012) argumenta que vem sendo implantada como uma representação da ideia de progresso, desde as últimas décadas pós-Segunda Guerra Mundial. Com isso, surgiu à ideia de dois mundos, sendo um desenvolvido e outro não. Em consequência disso, constituíram-se, em termos culturais e econômicos, o Primeiro Mundo e o Terceiro Mundo. Desde então, o discurso do desenvolvimento vem sendo difundido pelos Estados Unidos e pela Europa.

A teoria do Pós-desenvolvimento conduz a uma reflexão crítica a respeito da ideia da própria crença do desenvolvimento. Seus teóricos consideram o desenvolvimento como um regime de representação que vem construindo as concepções da realidade e argumentam que é necessário se pensar formas de economias locais alternativas (ESCOBAR, 2012).

Segundo Escobar (2012), o discurso do desenvolvimento ganha feições específicas por meio de organismos e agências incumbidas de colocar em prática as políticas criadas para atender a programas, projetos e princípios norteadores de desenvolvimento econômico. Diante da difusão da lógica de desenvolvimento, aspectos culturais e econômicos são simultaneamente tratados na esfera pública. Com isso, percebe-se o papel significativo do

Estado pela função que desempenha no estabelecimento de políticas regulatórias. Nisso se constitui a mediação, que permite as integrações entre o regional e o global.

Como foi mencionado, o programa de desenvolvimento realizado na Bomba do Hemetério focou as ações de economia criativa e teve como objeto os grupos culturais locais. A condição de se implantar o programa permitiu o diálogo entre diferentes agentes sociais e simbólicos no campo discursivo e envolveu os atores locais, o poder público e a iniciativa privada (LIMA, 2011; IADH, 2011).

Tendo em vista os pontos discutidos até aqui e considerando que a cultura carnavalesca da Bomba do Hemetério (com suas manifestações culturais) foi entendida como potencialidade criativa, tornando-se, com isso, um forte atrativo para o seu reconhecimento como polo criativo, nos debruçamos sobre os discursos que permeiam e se manifestam por meio das ações dos agentes envolvidos na implantação dessa política de economia criativa que teve como finalidade promover o desenvolvimento econômico local. Nesse sentido, o aporte teórico do Pós-desenvolvimento surge como uma perspectiva apropriada para dar suporte crítico à problemática emergente nesta discussão, uma vez que apresenta elementos capazes de serem aplicados neste estudo.

.Por essas condições, a investigação realizada neste trabalho teve como norte a seguinte questão de pesquisa: **Que discursos caracterizam a cultura carnavalesca da Bomba do Hemetério como recurso de desenvolvimento local?**<sup>3</sup>

O presente estudo se justifica por sua contribuição para o conhecimento, tanto por sua especificidade no campo da economia criativa, que ainda é incipiente no Brasil, quanto por contribuir para a reflexão sobre diferenças paradigmáticas do conceito de desenvolvimento (RADOMSKY, 2011A). Tal reflexão, partindo de um olhar crítico, permite questionamentos

---

<sup>3</sup> Em pesquisas qualitativas, pode-se optar pela elaboração de uma ou mais perguntas de pesquisa ao invés de objetivos ou hipóteses (CRESWELL, 1998; 2003). Estas perguntas podem se apresentar de duas formas: uma questão *grand tour* ou uma hipótese-guia, seguida de questões específicas (CRESWELL, 2003; MILES E HUBERMAN, 1994). Adotou-se nesta a questão *grand tour*, que deve ser elaborada na forma mais geral possível, porém não deve limitar as possibilidades do estudo (CRESWELL, 2003; MARSHALL E ROSSMAN, 1999).

acerca da implantação de programas de desenvolvimento e suas implicações na cultura local e nas múltiplas manifestações culturais.

Este estudo se justifica, também, por sua contribuição social, no sentido de que aborda a cultura carnavalesca da Bomba Hemetério, pois, apesar de haver alguns trabalhos que abordaram as ações realizadas nesse bairro, até então não havia sido produzido na área de administração um estudo dedicado a essa temática sob uma perspectiva crítica.

Como esta pesquisa se enquadra nos Estudos Críticos em Organizações (SOUZA, 2012; ALCADIPANI E CAVALCANTI, 2011), contribui, por fim, para a área de Administração em geral, tendo em vista que a teoria do Pós-desenvolvimento ainda é pouco explorada no Brasil (RADOMSKY, 2011A). Assim, certamente contribui para a desmitificação de discursos hegemônicos sobre o desenvolvimento, que procura estabelecer os princípios de um programa com objetivos concretos e desconsidera a cultura local, replicando o modelo de desenvolvimento importado das sociedades industrializadas (ESCOBAR, 2012; SACHS, 2010).

## **2 Pós-desenvolvimento: repensando o desenvolvimento**

---

Nesta seção, trataremos da teoria do Pós-desenvolvimento, abordada em duas partes: na primeira, apresentamos seus conceitos basilares e a contribuição de alguns dos seus teóricos; na segunda, apresentamos algumas categorias analíticas que dão apoio a esta discussão, contudo, o objetivo não foi esgotá-las aqui, mas elencar aquelas que implicam de forma mais contundente na pesquisa.

### **2.1 A teoria do Pós-desenvolvimento**

A teoria do Pós-desenvolvimento surgiu a partir de vários estudos realizados por teóricos que sustentam que o desenvolvimento é um conceito que passou a ser construído pouco depois da Segunda Guerra Mundial e investigam seus efeitos. Os estudiosos dessa corrente de pensamento entendem o desenvolvimento como uma prática hegemônica fundada pelos Estados Unidos e pela Europa Ocidental em relação ao resto do mundo (ESCOBAR, 2012; SACHS, 2010).

A teoria do Pós-desenvolvimento oferece um inventário crítico das crenças sobre o desenvolvimento. Assim, é possível constatar uma crescente literatura sobre esse tema. Contudo, convencionou-se pensar em duas fases da teoria. Na primeira, em meados da década de 1980, alguns teóricos, como Arturo Escobar (1985, 1987, 1988); Gustavo Esteva (1985, 1987); Majid Rahnema (1985); Seger Latouche (1986) e Gilbert Rist e Sabelli (1986). Esses autores desenvolveram estudos expondo insatisfações acerca do conceito e da prática do desenvolvimento. Inspirados no pensamento de autores como Ivan Illich, Michel Foucault e Karl Polanyi, os teóricos dessa corrente passaram a conceber o desenvolvimento como discurso que visa à manutenção das relações de poder exercida politicamente.

A teoria do Pós-desenvolvimento é uma corrente de matriz Pós-colonial e inserida em uma corrente Pós-estruturalista. Vale ressaltar que o termo Pós-desenvolvimento foi usado pela primeira vez em um colóquio internacional em Genebra, em 1991 (ESCOBAR, 2012; ZIAL, 2007). Nesse ponto, é importante destacar que, em termos teóricos, dois movimentos que disputavam hegemonia: a modernização, segundo a qual o desenvolvimento positivo é essencial para o planejador estabelecer condições objetivas, e o neomarxismo dependista, que, com caráter crítico, aponta as lacunas que o desenvolvimento diz realizar, mas não realiza. Esses movimentos partiram do pressuposto da naturalização do discurso desenvolvimentista, permitindo a compreensão de que no funcionamento desse discurso se discute apenas como ele está sendo utilizado. Contudo, deve-se pontuar que a teoria do Pós-desenvolvimento, apesar de se tratar de uma abordagem crítica e de alguma influência marxista, apresenta-se em consonância maior com a perspectiva Pós-estruturalista, não marxista e não fundamentada na filosofia da consciência. Por isso, concebe uma recomposição da subjetividade contemporânea, não leva em consideração aspectos como alienação e emancipação (RADOMSKY, 2011A).

O surgimento de estudos empíricos de movimentos e comunidades em vários países realizados por teóricos do Pós-desenvolvimento aponta para a segunda fase da teoria. Esses estudos criticam o modelo universal de desenvolvimento e revelam conceitos-chave do vocabulário do desenvolvimento. Essa fase revelou que a busca por crescimento econômico e industrialização não levou à recuperação da maioria dos países considerados não desenvolvidos (SACHS, 2010; ZIAL, 2007).

Escobar (2012) reafirma a condição do conceito de desenvolvimento como um discurso capaz de produzir conhecimentos para o exercício do poder, que conduz a vários sistemas interligados, até mesmo abordagens alternativas de desenvolvimento que se estabelecem por meio da política (ESCOBAR, 2012; ZIAL, 2007).

A proposta de desenvolvimento traz implícita uma ameaça subjetiva que opera transformando os modos de vida locais. A análise de desenvolvimento realizada em localidades atingidas pelo processo da Guerra Fria indicou que a população foi alvo das aspirações de potências dominantes empenhadas na busca de expansão econômica e geopolítica (RAHNEMA E BAWTREE, 1997; ZIAL, 2007).

Ferguson (1990), em sua análise sobre um projeto de desenvolvimento rural no Lesoto<sup>4</sup>, sugeriu que o desenvolvimento implanta desigualdades, pois muitas vezes os programas de desenvolvimentos aplicados em países do Terceiro Mundo, na busca por solucionar problemas sociais e conflitos locais, baseiam-se em diagnóstico que olha a realidade local partindo da ideia de necessidades concebidas pelo Primeiro Mundo.

Nesse sentido, Ferguson (1990) propõe que, em casos de intervenção de desenvolvimento local, o aparelho estatal local e suas agências reajam às representações impostas pelas elites políticas, que buscam, por vezes, atingir seus próprios interesses. E lembra que os interesses políticos implicam, de certa forma, nos interesses da comunidade local, e com isso não apenas se desafia o poder político de instituições globais, mas também revela estruturas globais de poder que se intensificaram com o processo de globalização.

Por sua vez, Rist (2004) aponta para a noção de "mito do progresso". Segundo o autor, o desenvolvimento não apresenta a realidade conceitual, pois cada vez mais requer a produção e reprodução de produtos e serviços direcionadas pelo mecanismo que visa suprir demandas efetivas, o que revela uma contradição. Ora, se a busca pelo desenvolvimento é sempre insuficiente para se atingir o progresso, aparentemente não possui um fim em si mesma.

A imprecisão da ideia de progresso também foi o centro das críticas de Latouche (2014). Segundo ele, o desenvolvimento fez surgir a sociedade do crescimento, pois se trata

---

<sup>4</sup> Em seu livro *A máquina antipolítica* (1990), Ferguson critica o conceito de desenvolvimento visto através da lente de um projeto de desenvolvimento implantado no Lesoto. O autor analisa a maneira como as agências de desenvolvimento realizaram o processo. No entendimento de Ferguson, se o processo de desenvolvimento for definido isolado do contexto histórico e geográfico do lugar, não será possível estabelecer qualquer tipo de estabilidade econômica.

de uma economia que não tem outro objetivo senão o crescimento pelo crescimento. Romper com essa ordem da ideia de crescimento seria desafiar a sociedade a deflagrar a hegemonia econômica global e política e desarticular formas inter-relacionadas de poder para aspirar por mudanças (LATOUCHE, 2014).

Ainda de acordo com Latouche (2014), a ideia de crescimento conduz o pensamento da sociedade contemporânea para atingir sempre um padrão de vida cada vez mais elevado. Tal ideia se encontra tão enraizada na sociedade que, para romper com ela, é necessário descolonizar o imaginário social das representações acerca do que é ser desenvolvido ou subdesenvolvido. Nessa perspectiva, abandonar o crescimento pelo crescimento não significa rejeitá-lo. É nesse ponto que Latouche introduz a concepção de *decrecimento*, que não significa “crescimento negativo”, mas, “avançar recuando”. Assim, a ideia de decrecimento refere-se à diminuição da velocidade de crescimento para, com isso, promover a desconstrução do imaginário do desenvolvimento (LATOUCHE, 2003, 2014).

Além dos exemplos mencionados, na década de 1990 surgiram diversas publicações que abordaram o tema de forma alternativa, como ocorreu no Brasil, onde a temática ainda é incipiente e conta com algumas publicações, como Radomsky (2011A, 2011B, 2013); Satrústegui (2013); Pérez, Gómez, (2014); Santos, Santos e Braga, (2014).

O discurso do desenvolvimento traz em si um controle invisível que sustenta relações desiguais de poder, pois suas concepções foram projetadas para se aplicar no Terceiro Mundo experiências produzidas no Primeiro Mundo. O Pós-desenvolvimento aponta essa condição de se revelar essas relações implícitas, e em favor dessa posição argumenta três concepções: o reducionismo, o universalismo e o etnocentrismo. A primeira concepção se refere à ideia do conceito tradicional de desenvolvimento, cujos valores são tomados como universais. A segunda se baseia em padrões universais para a classificação e avaliação de sociedades, o que subordina percepções e pessoas diferentes. A terceira concepção enfatiza que o

desenvolvimento tem implicações autoritária e tecnocrática, pois quem decide o que é desenvolvimento e como este deve ser alcançado é um especialista no tema que está em uma posição de poder (ESCOBAR, 2012).

A expressão *modelo desenvolvimentista* por vezes aparece na literatura do Pós-desenvolvimento para se referir, de forma crítica, à teoria do desenvolvimento econômico e governos que projetam e executam planos ambiciosos de desenvolvimento e também a instituições que executam programas e estudos de desenvolvimento em lugares considerados não desenvolvidos (ESCOBAR, 2012).

Segundo Escobar (2012), o desenvolvimento como um discurso teve início em 20 de janeiro de 1949, quando o presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, enunciou uma nova era: a da gestão da economia global. Com isso, um plano de desenvolvimento, com foco nos países menos avançados economicamente, objetivou criar as condições necessárias para reproduzir em todo o mundo os traços característicos das sociedades avançadas da época (ESCOBAR, 2012).

A partir daí, o termo *desenvolvimento* passou a significar altos níveis de industrialização e urbanização, modernização da agricultura, crescimento rápido da produção material e dos padrões de vida, adoção generalizada da educação moderna e dos valores culturais, além da lógica do capital, ciência e tecnologia como os principais componentes para produzir uma revolução global (ESCOBAR, 2012).

As circunstâncias do pós-Segunda Guerra Mundial permitiram a emergência dos Estados Unidos como principal potência capitalista. Do ponto de vista estratégico, uma aliança com a Europa Ocidental selou o compromisso contra o "subdesenvolvimento"<sup>5</sup>. Tal aliança deu início a uma campanha política mundial em prol do "desenvolvimento",

---

<sup>5</sup> O termo *subdesenvolvimento*, segundo Esteva (2010) surgiu no discurso de Truman. Tal discurso, além de ter dado um novo significado ao termo *desenvolvimento*, criou o eufemismo (*subdesenvolvimento*). Desde então, essa expressão passou a ser usada inadvertidamente, tendo como referência a hegemonia norte-americana. Nota-se que no discurso desenvolvimentista há uma recorrência aos termos *subdesenvolvimento*, *Terceiro Mundo* e *países em desenvolvimento*, para referir-se a uma localidade considerada não desenvolvida.

assumindo dimensão global com a missão de promover a ajuda aos países necessitados na busca de se igualarem aos países mais industrializados (ESTEVA, 2010; ESCOBAR 2012; SACHS, 2010).

O termo desenvolvimento passou a ser, então, um reflexo desse pensamento hegemônico capitalista, no qual o Primeiro Mundo compreende os dos países chamados desenvolvidos e o Terceiro Mundo os países subdesenvolvidos. Nesse sentido cabe destacar o papel da ONU como instituição projetada para promover o desenvolvimento global, elaborar documentos destinados a implementação de políticas públicas e medidas para implantação de ações de desenvolvimento econômico nos países subdesenvolvidos. Em ampla dimensão o desenvolvimento passou a guiar os projetos econômicos, sociais e culturais (ESCOBAR, 2012).

De outro modo, em um contexto micro, o desenvolvimento se reproduz como uma disciplina que instrumentaliza formas de conhecimento local. Nessa perspectiva, modelos de compreensão da natureza são sacrificados em favor de um modo racional de governo, com a constituição de programas (ESCOBAR, 2012). Aí Radomsky (2011B) inclui neste prisma de observação o efeito do descaso, do acesso desigual às políticas e às promessas não cumpridas dos programas de desenvolvimento é resultado do próprio dispositivo na conjuntura como um todo, ao movimentar, planejar e quantificar a vida das pessoas. Assim, ao perceber o desenvolvimento como um campo discursivo, o Pós-desenvolvimento atenta para a emergência de uma análise crítica sobre textos e representações dos termos *desenvolvimento* e do *subdesenvolvimento* (RADOMSKY, 2011A).

Podemos perceber na concepção do Pós-desenvolvimento a transversalidade do termo *poder* ligado ao conceito de desenvolvimento e seus sistemas de conhecimento. Sachs (2010), por exemplo, reconhece no conhecimento um exercício de poder por sua posição privilegiada de orientar, selecionar e compor uma dada realidade de maneira a rejeitar outras formas de relacionamentos. Desse modo, em todas as esferas sociais, instrumentos de exercício de poder

atuam de múltiplas formas e proporções, sendo, em certas vezes, evidentes; já em outras, tão sutis que não são percebidas (SACHS, 2010).

As reflexões do filósofo Michel Foucault sobre poder permitiram aos teóricos do Pós-desenvolvimento estabelecerem concepções de pensar o tema como uma estrutura que distribui poder. O pensamento de Foucault contribuiu sobremaneira, pois alerta para uma noção de poder que não está mais associada a determinadas pessoas que exercem algum tipo de poder.

Essa noção se refere às novas ideias sobre estruturas, linguagem e tempo que determinam e instituem poder. Além disso, Foucault explora a relação entre discurso e verdade, questionando supostas universalidades de saberes e poderes. Nessa linha, os saberes são modelos discursivos postos historicamente como verdade, enquanto o poder fornece condições para construções de verdades. Nesse processo, instauram-se sistemas de exclusão ou inclusão, nos quais são afirmados aspectos da vontade de quem produz o discurso. Entretanto, outras realidades são silenciadas. Tal processo resulta sempre na exclusão de vozes heterogêneas (FOUCAULT, 2014).

Com base nas reflexões do Pós-desenvolvimento, podemos dizer que o termo *desenvolvimento*, em sua construção histórica, vem sendo carregado de conotações. Mas, mesmo quando esse termo é utilizado em contextos distintos, não se consegue desassociá-lo de expressões como *crescimento econômico* e da noção de progresso. Como ressaltam Sachs (2010) e Sbert (2010) até o século XIX, não se havia formado um conceito universal sobre o desenvolvimento nem sobre o subdesenvolvimento. A concepção de avanços tecnológicos e científicos, bem como o processo de aprimoramento do conhecimento e de projetos políticos associados à ideia virtuosa de progresso, figuraram um ideal de desenvolvimento com a finalidade de atingir o progresso (ESCOBAR, 2012; SACHS, 2010).

## 2.2 Disposição das categorias teóricas do Pós-desenvolvimento

O Pós-desenvolvimento não deve ser pensado como um programa unitário e homogêneo de pensamento, mas deve ser considerado "como um movimento intelectual [...]" (RADOMSKY, 2011A, p. 54). Dentre as diversas possibilidades de se analisar o discurso do desenvolvimento à luz da teoria do Pós-desenvolvimento, destacamos doze categorias (**Estado, progresso, planejamento, necessidade, produção, mercado, cultura, local, ajuda, padrão de vida, população e igualdade**), que serviram de base para a interpretação dos achados (*vide* seção 6.2).

### 2.2.1 Cultura local: modos de vida baseados no lugar

Na contemporaneidade, a cultura assumiu uma posição de grande importância na política e na economia mundial. Eagleton (2011) ressalta que, com a emergência da cultura de massa, a relação entre o espaço, a cultura e a identidade fez fortalecer o papel do Estado-nação, dando à cultura uma posição de destaque nos planejamentos das nações. A notoriedade da cultura é explicada por Canclini (2003) pelo fato de ser o setor que produz conhecimento, que possibilita desenvolver tecnologia, criar meios de comunicação, medir o consumo, além de planejar e inovar. Assim a cultura perpassa diferentes campos do conhecimento

Dessa forma, para Canclini (2003), o fato de a cultura ocupar uma posição central nas políticas públicas e nas economias se explica pelas condições de transformações socioculturais associadas ao desenvolvimento dos meios de comunicação em massa, mudanças tecnológicas e a contínua busca de saídas para as crises econômica e política ocorridas no âmbito internacional desde os meados do século XX. Assim, seguindo essa linha, Eagleton (2011) afirma que já no final do século XX, a cultura e a vida social passam a estar

cada vez mais estreitamente alinhadas, devido à maneira como a política, o mercado e o consumo se combinam às experiências cotidianas.

Contudo, conforme Williams (1992), houve uma evolução no sentido de cultura que o autor afirma ser complexo e histórico. Ele começa definindo como nome de um processo de cultivo (criação e reprodução), que, por extensão, cultivo da mente humana, passando a informar um modo de vida global. Embora possa-se distinguir uma gama de significados de cultura como ativo da mente, como interesses culturais — atividades culturais ou até mesmo os meios desses processos como as artes e o trabalho intelectual do homem —, todos são usuais na contemporaneidade.

Assim, sendo óbvia a dificuldade de fixar o conceito de cultura, cabe dizer que a ideia de cultura vem sendo estudada e trabalhada em diferentes enfoques, usos e interesses. Utilizada de maneira mais conveniente como resultado de formas precursoras de convergência de interesses. Nesse ponto, Williams (1992) cita duas principais formas de uso: primeiro, como ênfase no espírito formador de um modo de vida global (manifestação de atividades sociais ou de maneira mais precisa, culturais), inclui-se a linguagem, as artes e trabalhos intelectuais; segundo, como ênfase na ordem social global no centro da qual uma cultura específica nesse sentido, arte e tipos de trabalho intelectual, produto direto ou indireto de uma ordem primordialmente constituída por outras atividades sociais.

Contudo, há pois uma nova convergência que aponta para diferença, em que a prática cultural e a produção cultural não procedem apenas de uma ordem social diversamente constituída, mas são elementos de sua constituição em que a cultura pode ser considerada como sistema de significação, mediante a qual uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada. Essa convergência vem sendo trabalhada na teoria geral e em estudos de áreas de interesse característicos como meios de comunicação de massa e cultura popular (WILLIAMS, 1992).

O entendimento de cultura no Pós-desenvolvimento parte da noção *de lugar*. Escobar (2005) nos oferece condições de entender como modelos de cultura e conhecimento se baseiam em processos históricos, linguísticos e culturais que, apesar de nunca estarem isolados das histórias mais amplas, retêm certas especificidades no lugar. Assim, os aspectos da vida natural, modos de vidas, mecanismos e práticas estão no jogo das construções e representações das relações espaciais e são significativamente do lugar (ESCOBAR, 2005). A reconsideração de valores culturais e o apelo à construção de uma cultura com os movimentos globalizantes implicaram no contexto da **cultura local**, cuja dimensão mais ampla tem a capacidade de marcar e produzir a diferença. A ênfase dada aos processos migratórios e às populações expostas às mudanças causadas pelo capitalismo aponta para a reflexão tanto sobre os movimentos de capitais, bens e comunicações quanto sobre o confronto entre diferentes estilos de vida e representações (CANCLINI, 2003; EAGLETON, 2011). Quanto à distinção entre diferença cultural e diversidade cultural, Bhabha (1998) defende a utilização do primeiro termo para o tratamento das questões ligadas à cultura. Ele argumenta que, enquanto *diversidade cultural* abrange um universo de coisas, *diferença cultural* representa melhor como enunciados são criados para promover a legitimação de determinadas culturas em relação a outras (BHABHA, 1998).

Os processos de mudanças conduziram as culturas para um plano de estetização disseminada da vida social, na qual o mundo foi praticamente reduzido a um capitalismo transnacional em que diversos modos de vida foram colocados juntos por meio da globalização (CANCLINI, 2003; EAGLETON, 2011). De acordo Canclini (2003), esses processos políticos e culturais na atualidade, por consequência da extensão do mercado internacional, tendem a provocar tanto a incerteza quanto a necessidade de se pensar em escala global. Assim, os países passaram a fortalecer suas alianças regionais e a delimitar mercados, territórios e circuitos.

Enquanto, por um lado, alguns estudos privilegiam a expansão e promoção da cultura local como um fator econômico gerador de riquezas, e que, portanto, pode ser aproveitada para o desenvolvimento, por outro advertem para alguns fatores, como o processo de homogeneização cultural. A expansão das indústrias culturais que colocou a cultura no auge dos debates das políticas públicas e como objeto de estudo e de ação econômica tem a capacidade de homogeneizar e, ao mesmo tempo, contemplar de forma articulada as diversidades setoriais e regionais, pois, o sistema de produção cultural local se tornou estratégia de desenvolvimento, na medida em que as atividades culturais passaram a movimentar uma cadeia produtiva em expansão para gerar emprego e renda (CANCLINI, 2003).

O discurso desenvolvimentista tende a valorizar essas diferenças culturais dentro de um prisma capitalista global. No entanto, Canclini (2003) afirma que as identidades culturais locais não têm como sair imunes do sistema. O autor ainda adverte quanto aos debates atuais sobre cultura em que se tem discutido a necessidade de criar novas formas de se preservar e criar barreiras que ponham ordem nos investimentos, ao mesmo tempo que se preservam ou não as etnias, as regiões e os grupos que se misturam rápido demais ou permanecem isolados.

Nesse ponto, ressalta-se que os processos de integração têm sido debatidos desde a década de 1990, na União Europeia e mais recentemente no marco do Nafta e até mesmo no Mercosul. Esse movimento entre globalização, integração regional e culturas diversas, conforme foi mencionado, resultou necessariamente em implicações acadêmico-políticas (CANCLINI, 2003).

Tomando como base a noção de lugar como experiência de uma população localizada, específica, com conexão com a vida diária, Escobar (2005) argumenta que o local é associado ao lugar de convivência, ao trabalho e às tradições dessa população. Entretanto, ressalta que,

com os processos de globalização, os modos de vida locais passaram a ser redefinidos por questões políticas, culturais e econômicas de ordem global.

Os processos de desenvolvimento vivenciados pelos países ou por comunidades mais circunscritas constituem processos de modernização que expressam uma forma de transformação social e econômica que tem a população como indicador de desenvolvimento, pois o discurso desenvolvimentista pressupõe que o desenvolvimento melhora as condições de vida das populações nos países subdesenvolvidos. Desse modo, dos vários sentidos que pode ter o termo *população*, Duden (2010) afirma que tal expressão traz consigo uma carga de referenciais simbólicos normalmente relacionados às questões emocionais, pois retratam mudanças sociais e de desenvolvimento. No discurso desenvolvimentista, o termo provoca repercussão e assume grande importância nos debates políticos, vistos como representação de uma coletividade social concreta, que é também um alvo em que os mecanismos de controle populacional e de poder passam a atuar (DUDEN, 2010).

Quanto a isso, é conveniente a contribuição de Michel Foucault em torno da noção de soberania. Para o filósofo, a população é alvo da gestão governamental, da qual se irradiam diversos mecanismos essenciais para garantir o exercício do poder. Esse poder é múltiplo pela via da disciplina e da hierarquia para administração de técnicas de que a sociedade dispõe para tornar afetiva a ação de governo (FOUCAULT, 2015).

Dessa forma, a população é, por muitos motivos, a finalidade de governo. Para avançar e promover o desenvolvimento, o governo elabora programas, planejamentos e planos de ação que interagem com as atividades da população. Essa população, como conjunto de elementos prioritários, passa a ser objeto de investigação, medição e comparação para diagnosticar a pobreza (DUDEN, 2010). Vale destacar que o discurso desenvolvimentista supõe que o crescimento econômico gera benefícios para todas as camadas da população. Assim, percebe-se nesse discurso que o desenvolvimento econômico virá ligado ao social. Isto

pressupões que o enfrentamento da pobreza torna-se nesse sentido, o único e suficiente objetivo a ser perseguido para enfrentar a desigualdade (DUDEN, 2010; LUMMIS, 2010).

Um dos aspectos mais relevantes que impacta uma população sobre o seu modo de vida é a noção de **igualdade**. Lummis (2010) apresenta duas variedades de significados para a noção de igualdade, uma associada à justiça e a outra à semelhança, ou homogeneidade. Embora em alguns contextos os dois sentidos possam convergir, em outros podem assumir sentidos totalmente diferentes. O autor exemplifica essa questão demonstrando que agir igualmente não significa agir com justiça. Nesse exemplo, vê-se que a igualdade relacionada à justiça tem a ver com juízo de valor e a relação entre pessoas, enquanto a igualdade relacionada à semelhança tem a ver com as características comuns entre pessoas.

No discurso desenvolvimentista, a noção de igualdade tem significado de oportunidade e pode ser compreendida por dois aspectos: o que a proposta de desenvolvimento promete e o que de fato o desenvolvimento produz. Assim, a igualdade econômica reflete a sua promessa, enquanto a homogeneidade reflete o que de fato produz. Nesse ponto, Lummis (2010) adverte que, ao mesmo tempo que produz homogeneidade, o desenvolvimento econômico baseado nessa promessa apenas mantém ou intensifica a desigualdade. Esse processo contraditório traduz a concepção desenvolvimentista, pois uma reflexão atenta sobre os últimos quarenta anos de suas promessas denuncia a persistência da divisão entre países ricos e pobres.

Assim, presume-se que a cultura local, entendida como a cultura baseada nos modos de vida locais, uma desigualdade pode não afetar a igualdade essencial, visto que essa desigualdade apresenta-se em relação a uma capacidade individual num saber ou preparo específico. Podemos dizer até mesmo que, em lado oposto ao discurso desenvolvimentista do domínio do espaço e do capital, a ideia de igualdade baseada na cultura local resulta da

concepção desses modos de vida e pressupõe igualdade do ser sem se por restrições absolutas ao acesso a qualquer das suas atividades (WILLIAMS, 1992).

### **2.2.2 Padrão de vida: uma narrativa desenvolvimentista contra a pobreza**

Como destacado por Latouche (2010), o conceito de **padrão de vida** abrange todas as dimensões do paradigma dominante do desenvolvimento, pois se constitui como esfera de elementos que abrangem conceitos-chave como necessidade, escassez, trabalho, produção, renda e consumo, e funciona como uma dinâmica do discurso desenvolvimentista, cujo objetivo é promover padrões de vida mais altos em todo o globo. O padrão de vida pode ser medido pela quantidade de bens e serviços que podem ser adquiridos com a renda nacional média, e o aumento de qualquer um desses indicadores indica uma consequência do desenvolvimento (LATOUCHE, 2010).

Em termos de resultado, o aumento do padrão de vida em toda sociedade pressupõe a utilização de recursos naturais e de conhecimento, como o uso da ciência e da tecnologia em um processo industrial e tecnológico. As perspectivas de quantificar padrões de vida, comparar índices para resultar em um padrão de vida uniforme, condicionaram as pesquisas, dados estatísticos que resultaram em conceitos econômicos e médias padronizadas para a macroeconomia (LATOUCHE, 2010).

Segundo Latouche (2010), o predomínio da economia de mercado, a busca pela diminuição da pobreza e o ajustamento estrutural do modelo de desenvolvimento na sociedade contemporânea é marcado por indicadores de renda, escolaridade, acesso à saúde e segurança alimentar. Estes são apenas alguns exemplos que permitem o monitoramento desse processo, em diferentes escalas (regional, nacional e global). O autor explica que o PNB trata de uma invenção, no período posterior à Segunda Guerra, e foi ressignificado pela Associação Americana de Economia a partir de 1945. O sentido do PNB oscila entre duas noções, ora em

um nível de renda mínimo, ora em um nível de renda desejado. Com o propósito de promover o bem-estar, criou-se a expectativa dessa afluência universal. E para o aumento do padrão de vida expandir, esse suposto bem-estar tornou-se um critério essencial para desenvolvimento.

Nessa perspectiva, o aumento do padrão de vida pressupõe a substituição da escassez como questão prioritária para se atingir desenvolvimento. Defendendo a ideia de que **necessidade** é uma narrativa desenvolvimentista, Illich (2010) afirma que as necessidades ocorrem no contexto do discurso moderno de desenvolvimento. O autor explica que o movimento histórico do Ocidente em busca do desenvolvimento fez surgir o homem necessitado, que continuamente busca atingir o crescimento econômico e o progresso. Defendendo essa posição, Illich argumenta que a necessidade, uma vez descoberta, tornou-se a base das certezas sociais, comumente relegada ao plano dos valores pessoais. Sendo assim, assume um *status* inerente à condição humana. Como experiência universal, a necessidade de abrigo, de educação, de higiene, proteção, entre outras, funde-se com o desejo em uma realidade sentida, cujo estágio atual reflete essa multiplicidade de necessidades ao longo tempo. Como elas estão vinculadas à ideia de valor econômico e sua utilidade na satisfação da necessidade, busca-se atingir o desenvolvimento econômico, e sem a existência da necessidade não existiria a utilidade, por isso o autor afirma que, quanto maior for a segunda, tão maior será a primeira (ILLICH, 2010).

Entre os conceitos associados ao desenvolvimento, a **pobreza** implica uma realidade que conduz pessoas ao desespero. Rahnema (2010) sinaliza que o fato de o termo *pobreza* estar associado à ideia de fome, de falta de algo e de miséria e conflitos faz com que a pobreza seja vista no discurso desenvolvimentista como fracasso.

Rahnema (2010) oferece-nos quatro dimensões às quais a pobreza está associada: a primeira diz respeito às materialidades (pois uma das construções da pobreza são *as coisas*, ou seja, a noção da própria condição de pobreza do sujeito); a segunda diz respeito ao sentimento

de privação (que tende a estabelecer um estado de dependência); a terceira refere-se à ideia de ser visto como pobre e tratado com desprezo (como é demonstrado em narrativas que ligam a pobreza à violência); e, por fim, a quarta diz respeito ao espaço-tempo sociocultural (no que se refere às várias concepções da pobreza).

Com isso, Rahnama (2010) sugere que a condição de pobreza não deixa de ser uma construção e um invento de uma determinada cultura, pois o termo traz em si uma concepção utópica da ideia de *falta* e pressupõe que a uma pessoa completa nunca falta nada. Escobar (2012) também argumenta sobre as práticas do desenvolvimento, que embora sejam feitas em nome dos pobres, os resultados dos programas assistenciais raramente produzem resultados que os beneficiam.

### **2.2.3 Mercado: troca mediada pela moeda**

Uma economia baseada em desejo compreende e define o que são necessidades. Nesse ponto, vários conceitos se entrecruzam no discurso desenvolvimentista, como o de **produção** (ILlich, 2010). No aspecto econômico, o termo produção é um elemento-chave que se transformou em fonte de valor e instrumento para satisfazerem necessidades. Entretanto, desse conceito se desdobra todo o processo do consumo (ROBERT, 2010).

A busca para atingir o desenvolvimento estimula a produção de bens e serviços, e a chave para maior produção é a aplicação ampla do conhecimento científico e técnico. Assim, no discurso do desenvolvimento, a aplicação dos recursos científicos e tecnológicos indica a possibilidade de se produzir mais com menor custo. Nesse sentido, a condição de subdesenvolvimento indica produzir menos com maior custo (ROBERT, 2010).

O discurso desenvolvimentista se caracteriza por uma crença profunda nos poderes do **mercado** para a solução de problemas mundiais (BERTHOUD, 2010). Atualmente, esse pensamento, ordenado por políticas econômicas globais direcionadas ao lucro, passou a ser a

fonte principal das diretrizes que orientam a ação humana, individual e coletiva, pois, no sentido defendido pelos desenvolvimentistas, com o estabelecimento de políticas econômicas ocorre, via regra, o desenvolvimento.

Como aponta Escobar (2012), a economia estabeleceu sistemas que passaram a operar especialmente na ordem da cultura, ligados ao desenvolvimento do capitalismo. Desde a modernidade, o sistema de produção, o sistema de poder e o sistema de significação se uniram às bases da economia. Esses sistemas passaram a operar além do material, influenciando, a partir da cultura, todo sistema de produção e, de algum modo, as ordens sociais (ESCOBAR, 2012).

Ao tratar das políticas sociais e econômicas, Escobar (2012) afirma que elas assumiram o domínio da ordem do simbólico e que, aparentemente, se contrapõem a essa racionalidade do ponto de vista do sistema econômico. O mecanismo capitalista se deslocou para um fino ajuste das operações do sistema, que, mesmo coordenadas pela lógica do mercado, mas abstraindo-se das dimensões culturais do comportamento humano, concentrou-se nas duas funções mais elementares que todo e qualquer indivíduo exerce: produzir e consumir. A economia, então, ligou-se à vida cotidiana, que passou a ser permeada inteiramente por discursos de produção e mercado, vindo a culminar certa estabilidade nos interesses e aspectos subjetivos e operacionalizar emocionalmente no cotidiano das pessoas (ESCOBAR, 2012).

Com a globalização, os avanços são significativos, e desde a década de 1970, em função do estabelecimento do livre comércio e da época marcada pela ideologia neoliberal, as políticas de desenvolvimento foram necessariamente definidas, mesmo que no contexto do conflito entre Leste e Oeste pelo controle do mundo (BERTHOUD, 2010). As mudanças ideológicas dessa época deflagraram mudanças políticas, econômicas e culturais, pois as instituições que operavam em planos distintos, o Estado e o mercado, tornaram-se

indissolúveis para o projeto de modernidade para resolução dos problemas econômicos das nações. O ajuste estrutural seriam as condições impostas ao liberalismo, as propostas do FMI e do BM. Com isso, o impacto dessa mudança resultou em ações políticas de ajuda econômica externa, o que confirma que, paradoxalmente, o mercado tem seu poder de transformação (BERTHOUD, 2010).

Como o mercado é controlado por uma série de restrições políticas e sociais, acaba por ser reforçado por um conjunto de inovações políticas e culturais, e com a expansão passou a depender de instituições e de valores culturais. A extensão dessa mudança pressupõe relações sociais e pré-requisitos institucionais, pois se percebe que o mercado passou a ser mais que um simples território no qual acontecem transferências feitas por indivíduos — ele surge como um agregado de agentes maxizantes nesta universalização por meio do desenvolvimento. Isso impacta simultaneamente na vida social, pois nesse processo generalizado se concentram atividades comerciais e tecnologias reguladas (BERTHOUD, 2010).

## **2.2.4 O Estado como planejador do progresso**

Na visão do Pós-desenvolvimento, o **Estado** por vezes é visto como o principal agente difusor do discurso desenvolvimentista. Essa afirmativa de Nandy (2010) aponta para as recentes vicissitudes da noção de Estado, que passaram a ser analisadas pela lógica da cultura dominante da política global, uma vez que o Estado lida com esferas distintas a empreender recursos internos e externos.

Diferentemente da oposição que antes se fazia entre Estado e empresa, concede-se ao Estado atualmente o papel de articulador dos governos na elaboração de políticas de alcance nacional e internacional, junto a iniciativas privadas empresariais e outros setores da sociedade (CANCLINI, 2003; NANDY, 2010).

Contudo, mesmo que em muitos países o desenvolvimento tenha significado apenas o desenvolvimento do próprio Estado ou do setor estatal, os governos em outras épocas não tinham recursos ou capacidade de penetrar em todas as esferas da vida humana, nem mesmo de implantar sistemas capazes de criar realidades políticas em torno de contextos sociais (NANDY, 2010).

Em meio às mudanças deflagradas pelos processos de globalização, o poder conferido ao Estado inclui a capacidade de administrar programas técnicos e sociais e de criar condições para que instituições e sociedade civil possam contribuir para o progresso. Dessa forma, a ação de gerar inovações com o uso da ciência e da tecnologia passa a ser compreendida como forma de flexibilizar-se e adaptar-se a essas novas concepções de economia global (CANCLINI, 2003; NANDY, 2010).

Apesar disso, a noção de Estado moderno reforça temas de cunho ideológico, como segurança nacional e desenvolvimento. Nessa concepção, evoca-se o Estado-nação como defensor de valores culturais, gerando um paradoxo político nos debates atuais sobre Estado, desenvolvimento e cultura (NANDY, 2010).

Em busca de gerar as condições institucionais e de infraestrutura para impulsionar a economia, o Estado, ao mesmo tempo que reorienta políticas públicas protecionistas que assegurem a modernização da sociedade e o seu bem-estar, assume o papel de defensor e repositivo de valores culturais. Com isso, quando associamos a noção de território nacional com a variação e interpenetração de culturas, conflita-se sobretudo com os significados mais sutis da ideia de cultura (CANCLINI, 2003; NANDY, 2010).

O desenvolvimento é algo planejado e tem um significado coletivo. O Estado representa essa coletividade. Com isso não se pode negar que ele assume a função de articulador e regulador do planejamento social. Escobar (2012) orienta que o termo *planejamento* foi criado e difundido a partir do chamado Primeiro Mundo para o Terceiro

Mundo, para criar a condição de se atingir o desenvolvimento. Ele funciona como uma espécie de plano-modelo, que deve ser seguido para se chegar ao desenvolvimento. Nesse contexto, o planejamento assume o importante papel de medir e monitorar o desenvolvimento socioeconômico e se desdobra em sistemas de monitoramento, pois se atingir o desenvolvimento, deve planejar o crescimento urbano das cidades industriais e habitacionais, enquanto o planejamento social monitora os aspectos demográficos, econômicos e culturais da sociedade e o planejamento político observa a formação da economia do Estado perante a sociedade (ESCOBAR, 2010).

O discurso do **progresso** ao longo do tempo serviu para designar o Primeiro Mundo por sua posição privilegiada em relação ao crescimento econômico, científico e tecnológico. Segundo Sbert (2010), tais elementos ainda não estão disponíveis para todos os países, cabendo antes desenvolver-se. Isso indica que o progresso é algo a ser conquistado depois que se atinge o desenvolvimento. Desse modo, antes de pensar sobre o progresso real os países subdesenvolvidos devem primeiro lidar com suas insuficiências na busca de se desenvolver.

A ideia de progresso impulsionou os países a formar alianças em busca do desenvolvimento econômico, noção esta que passou a ser estabelecida na década de 1960. Essa concepção propiciou a implantação de ações que dependiam de unir nações e pessoas em caminhos cada vez mais indistintos para o progresso. Entretanto, na visão do Pós-desenvolvimento, tal conceito é um imperativo irresistível à ideia de poder (SBERT, 2010).

Dentro dessa perspectiva, a questão da ajuda ao desenvolvimento resultou da busca pelo progresso. Segundo Gronemeyer (2010), o processo da ajuda surge como proposta para estabilizar o desenvolvimento, constituindo-se em uma estratégia os programas de ajuda ao desenvolvimento, que marcam a agenda internacional de política de relações contra a pobreza. Essa questão levou o conjunto de países mais vulneráveis em termos econômicos — diga-se, em grande parte, chamados *países de Terceiro Mundo* — a recorrer à alternativa de ajuda

internacional ou programas de ajuste estrutural. No discurso desenvolvimentista, a necessidade de ajudar pode ser interpretada como uma ação de boa conduta.

Historicamente, a concepção de ajuda inspirou desconfianças, pois a “vontade de ajudar” motivou conquistas de territórios por parte dos países economicamente desenvolvidos e assegurou a superioridade da cultura ocidental frente ao drama do colonialismo e da preparação dos países pobres em busca da igualdade econômica (GRONEMEYER, 2010).

A década de 1960 foi marcada pelo apelo à moral e à capacidade de ajuda entre países. Não obstante, essa ajuda, segundo Sachs (2010), versa por meio de relações dominantes entre o Norte e o Sul, que foram sempre orientadas pela dinâmica de projetos de desenvolvimento, tendo suas práticas, programas e representações condicionados ao cumprimento de políticas econômicas e decisões políticas dirigidas ao Sul.

O argumento da crítica ao desenvolvimento começa a revelar que os programas de ajuda ao desenvolvimento não são mais do que formas de reprodução e subordinação das diferentes economias dos países do Sul às lógicas capitalistas da economia global. Tal argumento sugere que o marco do apelo da ajuda e da chamada "política de boa vizinhança" mistura generosidade e opressão, que por quase meio século conduz as relações no Planeta, formuladas à luz do desenvolvimento (GRONEMEYER, 2010; SACHS, 2010).

Dentro desse contexto, a teoria do Pós-desenvolvimento surge referindo-se a essa crença no desenvolvimento, apresentando como proposta modelos alternativos. Nessa circunstância, Latouche (2009) propõe o decrescimento que tem como meta a redução do consumo. Mas, para o autor, é necessário abrir o espaço do imaginário na sociedade, que vem sendo bloqueado pelas ideias do totalitarismo economicista, desenvolvimentista e progressista. Latouche ainda adverte quanto ao uso do decrescimento no discurso do desenvolvimento sustentável e afirma que o próprio termo *desenvolvimento sustentável* tem

sido usado tanto no mundo empresarial quanto em debates da sociedade. Por isso, "de tanto usá-lo, todo mundo pode reivindicá-lo", pois parece "estar na moda" (LATOUCHE, 2009, P. 7).

Recorrendo aos argumentos reflexivos de Escobar (2005; 2010; 2012), as soluções universalizantes em sua essência não funcionam, pois, para ele, as soluções devem se basear na realidade local. Com isso, o autor aponta algumas alternativas que evidenciam transformar o sistema do desenvolvimento e sua representação. Sua proposta parte das recentes teorias das ciências sociais latino-americanas que abordam a construção de culturas híbridas que poderão servir como instrumento de afirmação cultural. Essas teorias mostram que, ao invés de grandes modelos ou estratégias globais, é necessário investigar as representações e práticas de alternativas que possam existir nos ambientes locais, em especial no contexto da ação coletiva e mobilização política (ESCOBAR, 2005; 2010, 2012).

Nesse sentido, a proposta desenvolvida num contexto específico tenderá para uma nova fase do chamado "capital ecológico" e das lutas pela biodiversidade global, pois as lutas entre capital global e os interesses da biotecnologia, de um lado, e as comunidades locais do outro, constituem o estágio mais avançado para negociar os significados de desenvolvimento e de Pós-desenvolvimento. O fato de pensar que essas lutas envolvem geralmente minorias culturais nas regiões tropicais do Planeta, levanta preocupações sem precedentes sobre o projeto de ordem social, tecnológica, da natureza e da própria vida (ESCOBAR, 2005, 2010, 2012).

Dessa forma Escobar (2005, 2010, 2012) propõe desconstruir o discurso do desenvolvimento e romper com as lógicas preestabelecidas da ideia de Primeiro Mundo e Terceiro Mundo — de lugar desenvolvido ou subdesenvolvido —, ao mesmo tempo que refuta o termo *desenvolvimento* por possuir movimento de múltiplos sentidos. Sua proposição é a de que, ele surge como uma palavra que significa tudo, que legitima todas as ações, contudo, torna-se impossível precisá-lo como conceito operacional. A desconstrução do

conceito de desenvolvimento e seus sistemas de subjetividade, proposta por Escobar e pelos teóricos do Pós-desenvolvimento, resultou na possibilidade de se estabelecer uma reflexão quanto à centralidade desse discurso como organizador da vida social, valendo-se dessa crítica, podemos dizer que visão pós-desenvolvimentista em qualquer processo de melhoria das condições de vida de uma dada população torna-se fundamental que prevaleçam a cultura e as condições sociais e econômicas de cada país ou lugar.

### **3 Economia criativa como discurso desenvolvimentista**

---

Neste capítulo, propomos uma discursão acerca da economia criativa como um discurso à luz da teoria do pós-desenvolvimento. Na primeira seção, introduzimos o tema tendo em vista a questão da cultura como recurso e a relação entre desenvolvimento, cultura, criatividade e economia. Em seguida, fazemos uma contextualização do tema *economia criativa* como discurso desenvolvimentista e, na sequência, como política brasileira para o desenvolvimento. Finalizamos o capítulo com uma análise contextualizada da política de definição de polos criativos.

#### **3.1 Cultura como recurso para o desenvolvimento**

A idealização de um desenvolvimento que surge a partir da cultura desperta um questionamento: que cultura é essa, capaz de responder pelo desenvolvimento de uma sociedade?

Na perspectiva do desenvolvimento, adota-se o estabelecimento da cultura para o consumo. As expressões produtivas, sejam tecnológicas, artísticas ou domésticas, são valorizadas economicamente, bem como, o acesso da população a toda formas de manifestações culturais é facilitado. A noção de cultura como recurso econômico foi amplamente estudada por Yúdice (2013). Para o autor, a cultura passou a ser um recurso voltado para o desenvolvimento econômico, necessitando de gerenciamento contínuo. Isso não significa que a administração local da cultura predomina na escala nacional, mas, ao contrário, a noção de cultura como recurso circula globalmente. Sabemos, entretanto, que esse gerenciamento é coordenado tanto local quanto supranacionalmente por corporações e pelo setor não governamental internacional, como a Unesco, fundações e ONGs.

Essa ampliação conceitual da cultura como recurso apontada por Yúdice destaca uma nova condição prático-conceitual e contradições expressadas por uma multiplicidade de enlaces estabelecidos pela cultura na consecução de se atingirem vários objetivos. Logo, recorre-se à cultura como recurso para promover a inclusão social, para requalificar centros urbanos, para estimular a geração de emprego e renda. Sobretudo, recorre-se à cultura para ativar políticas que se ocupam do desenvolvimento (MIGUEZ, 2013; YÚDICE, 2013). Esses aspectos fazem da cultura a protagonista do desenvolvimento na contemporaneidade, em que as economias criativas reafirmam a lógica da cultura e da criatividade como molas propulsoras do crescimento econômico.

A relação entre cultura e desenvolvimento ganha reconhecimento através da Unesco e de instituições internacionais, como a UNCTAD. Nesse sentido, a Unesco (2015) enfatiza a cultura "tanto como impulsão, quanto como viabilização para o desenvolvimento" e percebe a cultura como novo "poder impulsionador" do desenvolvimento econômico.

A Unesco realizou diversos estudos sobre as culturas em todo o globo. Segundo Werthein (2003), a relação entre cultura e desenvolvimento é pauta da Unesco desde 1980. Não obstante, a questão da diversidade cultural surge nos debates da organização por meio de declarações e conferências internacionais, que apontam para uma evolução do seu conceito, visto que a diversidade cultural passou a ser tratada por ela como uma política imperativa frente às imbricações do processo de globalização, entendido por muitos críticos como processo de homogeneização cultural, fato que colocou na sua agenda de debates um novo desafio para a diversidade cultural: ampliar e renovar o diálogo entre as culturas (WERTHEIN, 2003; UNESCO, 2002).

A atuação da Unesco sobre a temática da diversidade cultural busca consolidar um entendimento amplo de cultura e seu significado no processo de desenvolvimento. Dessa forma, para a Unesco tornaram-se cada vez mais indissociáveis as relações entre cultura,

criatividade e desenvolvimento, como podemos demonstrar no texto abaixo, retirado do artigo 7 da declaração:

Toda criação tem suas origens nas tradições culturais, porém se desenvolve plenamente em contato com outras. Essa é a razão pela qual o patrimônio, em todas suas formas, deve ser preservado, valorizado e transmitido às gerações futuras como testemunho da experiência e das aspirações humanas, a fim de nutrir a criatividade em toda sua diversidade e estabelecer um verdadeiro diálogo entre as culturas (UNESCO, 2002).

A Unesco busca, portanto, promover o intercâmbio de bens culturais em escala mundial, ao mesmo tempo que atua no processo da prevenção das expressões culturais e demais demarcadores de identidade, pois são eles que guardam e produzem diversidade cultural. Nesse sentido, o apelo à promoção e ao intercâmbio entre as culturas exige das nações a criação de estratégias de desenvolvimento econômico como diretrizes de políticas públicas (UNESCO, 2005).

Não se pode ignorar, nesse cenário o destaque dado à criatividade, sobretudo por seu papel, que parece agora ir para além de uma característica pessoal e passou a ser visto como o principal insumo para inovação e para o desenvolvimento, o que, para Marchi (2014), implica uma revisão da abordagem de cada nação no campo da cultura.

Um exemplo desse destaque à criatividade é o relatório de 1995 *Nossa Diversidade Criadora*. A diversidade refletida no título do evento considera a questão como um dos segmentos necessários para o desenvolvimento sustentável. Na verdade, o título é uma referência à obra de Javier Perez de Cuellar que foi submetido à Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento e trata de duas questões principais: as novas perspectivas sobre as relações da cultura e o desenvolvimento e a preservação, crescimento e fortalecimento de potenciais criativos nos programas de desenvolvimento. Nessa Convenção, diversos países assumiram compromissos em torno da promoção e da proteção da diversidade cultural (OBULJEN, 2005; UNESCO, 2002).

No entanto, desde a conferência realizada em Estocolmo no ano de 1998, a criatividade foi adotada como um componente-chave da estratégia de desenvolvimento, tendo em vista que ela não atua fora da vida cultural e da diversidade cultural (OBULJEN, 2005). Isso mostra que a diversidade cultural e sua relação com a criatividade passou a ser vista como fonte de enriquecimento da humanidade.

Essa diversidade cultural e sua relação com as inúmeras atividades culturais repercutem no mercado e no mundo dos negócios unindo dois fatores primordiais: o instinto criativo e a luz da diversidade cultural, o que só foi possível devido ao fenômeno da globalização. Segundo o relatório da Unesco (2009), o conjunto das atividades humanas pode ser considerado como fonte primordial da imaginação da diversidade cultural. Ainda conforme o relatório, a criatividade é um elemento fundamental da diversidade cultural, que, por sua vez, propicia a criatividade.

De acordo com Alves (2010), a diversidade das culturas passou a ser normatizada em âmbito mundial a partir de declarações e convenções realizadas pela Unesco. Pitombo (2007) completa argumentando que a Unesco constituiu legitimidade internacional para revisar conceitos, eleger temas, propor estudos e elaborar recomendações, assumindo uma agenda internacional para a área da cultura, o que confere, sobretudo, lidar com instrumentos possíveis as questões da diversidade cultural, além de coordenar os instrumentos jurídico-políticos transnacionais referentes a temas e questões que envolvem as novas relações entre cultura e desenvolvimento.

Essas mudanças apontam para uma reflexão sobre o posicionamento da cultura perante os organismos internacionais, sobretudo em duas situações: a adequação e a transformação, em que a primeira seria o mundo do possível e a segunda, o mundo ideal. A primeira se baseia em instrumentos existentes e na estrutura social dominante, enquanto a segunda pode refletir sobre novas estruturas (NICOLAI, 2005).

Sem dúvida, são significativas as mudanças nas últimas décadas em torno dos assuntos que vinculam economia, desenvolvimento e cultura. Segundo Alves (2010), vive-se uma configuração do processo de industrialização do simbólico nesta rede global de promoção das culturas, que pressiona os governos nacionais, sobretudo nos países em desenvolvimento, a preservarem as culturais locais. Nesse sentido, as dimensões culturais e a intersectorialidade da cultura — evidenciadas pela sua articulação com os demais setores que constituem a dimensão central da experiência coletiva (educação, turismo, saúde, meio ambiente e comunicação) — configuram as políticas públicas, sendo a economia criativa um exemplo.

A economia criativa parece se expressar como uma nova tendência mundial, pelo menos nestas primeiras décadas do século XXI. Essa economia tem, sobretudo, o reconhecimento de instituições internacionais, como a UNCTAD, o Pnud e a Unesco. Esse reconhecimento tem lhe conferido sua afirmação como um eixo estratégico de desenvolvimento (IPEA, 2013; UNCTAD, 2010).

A economia criativa ganhou relevância tanto nos países em estágio avançado como naqueles em via de desenvolvimento. Essa nova perspectiva vem sendo apresentada como alternativa promissora de desenvolvimento por oferecer como solução às diversas sociedades recursos intangíveis e infinitos da criatividade, o que passou a ser visto como possíveis respostas aos problemas econômicos com os quais diversas nações têm se defrontado (UNCTAD, 2010).

Essa recorrência às alternativas da economia criativa tem sido questionada em diferentes contextos, não só por ultrapassar fatores concretos e enfatizar a dimensão simbólica, mas, sobretudo, por situar cultura, economia e sociedade em um mesmo plano de discussão. Nesse contexto, a economia criativa passou a fazer parte do referencial para acadêmicos, e vem se estabelecendo como disciplina de estudo que, conseqüentemente,

passou a incorporar diversos eixos, conceitos e classificações em torno da cultura (IPEA, 2013; UNESCO, 2002; UNCTAD, 2010; WERTHEIN, 2003).

## 3.2 Contextualizando economia criativa

Do ponto de vista acadêmico, não existe uma definição única para o termo *economia criativa*. Alguns teóricos afirmam haver interações de termos correlatos que são fundamentais para a sua compreensão. A intenção aqui não é chegar a um consenso sobre esse conceito ou sobre os conceitos associados à sua evolução. Contudo, é necessário refletir sobre os aspectos dessa nova denominação que vem se afirmando no discurso dos países desenvolvidos e em desenvolvimento (MIGUEZ, 2007; REIS, 2008).

Segundo a UNCTAD (2010), muito debate rodeia o que ficou conhecido ao longo das últimas décadas como *economia criativa*. Apesar disso, Miguez (2007) sugere que esta se tornou um campo do conhecimento pré-paradigmático, no qual questões de produção da sociedade contemporânea e pós-industrial são inseridas. Esse campo resulta na gestão do conhecimento da informação e do aprendizado.

O aparecimento do termo *economia criativa* tem sido associado ao projeto *Creative Nation*, realizado em 1994 na Austrália, e às propostas de revisão econômica do governo do primeiro-ministro britânico Tony Blair, o que resultou em matéria publicada na revista inglesa *The Economist*, em 2000. Sabe-se, entretanto, que, devido ao fato de esse projeto ter ganhado força, a Austrália e a Inglaterra criaram políticas públicas para fomentar investimentos. Em função disso, uma força-tarefa foi destinada para impulsionar o que chamaram de *indústrias criativas*, para nomear um conjunto de setores da economia que apresentavam expressivo ritmo de crescimento impulsionado pela criatividade e inovação (MACHADO, 2009; MIGUEZ, 2007; UNCTAD, 2010).

Uma série de modelos diferentes foi sendo utilizada ao longo dos anos para caracterizar a indústria criativa e a economia criativa, seus sistemas de classificação de atividades e setores e, sobretudo, sua relação com a criatividade, a cultura e o desenvolvimento (UNCTAD, 2010).

Os termos *indústria criativa* e *economia criativa* foram sendo introduzidos de modo cada vez mais recorrente no vocabulário de especialistas em políticas culturais, sendo a indústria criativa uma abordagem que desde a década de 1990 buscou ampliar o escopo das indústrias culturais, implantando uma mudança de abordagens às atividades que até então não eram consideradas econômicas. Já a economia criativa, que relaciona criatividade e economia, apareceu em 2001, no livro *The Creative Economy*, de John Howkins. Segundo Howkins, a economia criativa se refere às atividades que exploram valor econômico a partir do exercício da criatividade. Em outro momento, Hartley (2005) referiu-se à economia criativa como a convergência conceitual e prática das artes criativas com indústrias culturais. Entretanto, nos círculos acadêmicos, a maioria dos pesquisadores considera ambos os termos inadequados, especialmente pela relação ao conceito paralelo de indústrias culturais e produtos culturais. Ora, essa inconsistência do uso dos termos utilizados de forma intercalada recai na distinção da indústria cultural e criativa, de maneira a abordar os produtos e serviços que essas indústrias produzem (MACHADO, 2009; UNCTAD, 2010).

Diante disso, a UNCTAD apresentou, no seu relatório, quatro modelos fundamentais para se entender a economia criativa e o seu desdobramento: o modelo do DCMS, denominado indústrias criativas; o modelo de textos simbólicos, típicos da abordagem das indústrias culturais; o modelo dos círculos concêntricos, que se baseia na proposta de valor cultural dos produtos culturais, distinguindo as características de indústria cultural e criativa; e, finalmente, o modelo de direitos autorais da Organização Mundial de Propriedade Industrial (OMPI), baseado na criação, fabricação, produção, radiodifusão e distribuição de

trabalhos protegidos por direito autoral. Nota-se aqui que os modelos são compostos por indústrias que incluem atividades econômicas e culturais, mas, na descrição, diferenciam-se entre si.

Por exemplo, segundo a UNCTAD (2010), o modelo DCMS define as indústrias criativas como aquelas que necessitam de criatividade, habilidade e talento para gerar riquezas, modelo este que inclui as indústrias que podem ser consideradas culturais. Contudo, o governo britânico substituiu a expressão *cultural* por *criativa*, mantendo o agrupamento das indústrias (publicidade, arte e antiguidade, artesanato, *design*, moda, filmes e vídeos, música, artes cênicas, editoras, *software*, televisão e rádio, *videogames* e jogos de computador). Nesse sentido, os legisladores britânicos presumem que, com a substituição de um termo por outro, evitam-se possíveis conotações de cultura erudita para cultural (UNCTAD, 2010).

Da imbricação de debates sobre economia criativa e indústrias criativas, surge no meio acadêmico a utilização do termo *economia da cultura*, ou *economia cultural*, conceito empregado para abordar as ferramentas da economia que são utilizadas com o fim de avaliar a importância econômica da cultura do ponto de vista da geração de renda e emprego, bem como subsídios para políticas públicas na área da cultura (MACHADO, 2009; UNCTAD, 2010).

Segundo a UNCTAD (2010), a expressão *economia da cultura* é usada para se referir à análise econômica das artes criativas e cênicas, às indústrias patrimoniais e culturais, e aborda, inclusive, uma variedade de correntes principais e neoclássicas de economia de bem-estar, de política pública e de economia institucional (UNCTAD, 2010).

Apesar de a economia da cultura ter sido reconhecida como disciplina desde a década de 1960, com efeito, o comércio internacional ampliou essa categoria, relacionando as dinâmicas de criatividade e suas interações gerais com a economia mundial e sua dimensão multidisciplinar, na qual as políticas culturais interagem com as tecnológicas e comerciais (UNCTAD, 2010).

Ao incluir na categoria de economia criativa os bens e serviços culturais, patrimônio material e imaterial: expressões e equipamentos culturais (rituais, práticas estéticas, culinária, costumes e outras práticas simbólicas, turismo e a promoção da indústria do patrimônio), de acordo com Miguez (2013) e Yúdice (2013), dá-se corpo a uma economia da cultura. Nessa lógica, os bens simbólicos são ressignificados, transformados em produtos para atender a sociedade de consumo (YÚDICE, 2013).

Essa análise permite o entendimento de que a ampliação da indústria criativa para economia criativa, ou da cultura, sugere a substituição do termo *indústria*, e com isso pressupõe-se ultrapassar as conotações negativas contidas no conceito de indústria cultural (a transformação de um bem cultural em mercadoria) desenvolvido pela Escola de Frankfurt. Também demonstra a necessidade de contemplar uma série de atividades não incluídas pelo conceito de indústria cultural, pois, conforme visto, a economia da cultura abrange as indústrias culturais, mas não se limita a elas, e envolve atividades que não se integram a elas (MACHADO, 2009; UNCTAD, 2010).

Talvez a maior implicação da economia da cultura, ou criativa, seja o fato de que ambas partem do princípio de que os bens e serviços culturais trazem em si tanto valor cultural quanto econômico (UNCTAD, 2010). Para Canclini (2003), entender a partir dos estudos da criatividade, da circulação e do consumo cultural a posição da cultura em tempos globalizados implica refletir, também, sobre a posição em que se procura imaginar o que é possível fazer com números que não são muito claros, considerando que a cultura hoje passou a ser vista mais do que como uma mercadoria, mas como recurso econômico (YÚDICE, 2013).

Contudo, para efeito do comércio internacional, os termos *economia*, *cultura*, e *criatividade* são compreendidos não como instâncias que se contradizem, mas como esferas que podem ser conciliáveis, sem que uma anule a outra, incorporando uma série de atividades que remetem à questão da cultura e da criatividade (UNCTAD, 2010).

A economia criativa, conforme dito, mesmo sendo um termo bastante recorrente no contexto atual econômico global, tem um apelo subjetivo (UNCTAD, 2010), carrega no seu centro significados das indústrias criativas dos britânicos (YÚDICE, 2013) e alude implicitamente à indústria cultural incorporada para uma economia da cultura. Os significados presentes na literatura e nos documentos abarcam diferentes concepções dessa expressão, que, apesar de polissêmica, não perdeu o seu princípio fundamental, evidenciado na prática discursiva.

Essa ampla conceituação de economia criativa passou a fazer parte do repertório de políticas de países desenvolvidos, como a União Europeia, que operam meios para que os seus conhecimentos passem a existir em diferentes contextos globais. Já nos países em fase de desenvolvimento, a pauta de economia criativa é operacionalizada no sentido de promover e proteger o patrimônio cultural imaterial e suas expressões culturais para se desenvolverem (UNCTAD, 2010).

Enquanto a Unesco considera que a categoria economia criativa tornou o desenvolvimento o centro de seus debates e estratégias, a OMC trabalha as mais avançadas técnicas de gestão cultural para promover a cultura, mas ambas as instituições concordam que, a "cultura é tanto impulsão quanto viabilização para o desenvolvimento" (UNCTAD, 2010).

Essa ênfase dada à cultura, por meio da economia criativa, lhe atribui um sentido novo, um papel motor, tornando-a um elemento-chave para se estabelecerem processos de desenvolvimento. Nessa linha, a União Europeia da Cultura e dos Estados Unidos une esforços para promover a economia e a cultura em prol de um possível progresso (UNCTAD, 2010). Logo, em pauta sobre economia criativa subjaz a promessa de desenvolvimento.

Ao propor introduzir uma discursão sobre aspectos sociais e culturais que constituem o conceito de economia criativa, considera-se oportuno ressaltar que não se pretende esgotar a problemática que envolve atualmente o significado socioeconômico desse conceito. O caráter

polissêmico existente nas denominações de economia criativa, tais como trabalho/serviço criativo, produto criativo, indústria criativa, ou, ainda, economia da cultura, evidencia a primeira dificuldade enfrentada nesta pesquisa ao abordar tal problemática.

### **3.3 Economia criativa como política pública no Brasil**

No Brasil, a SEC formulou o PEC para o período de 2011 a 2014. A partir do Decreto nº 7.743, de 2 de junho de 2012, a SEC se incumbiu da missão da formulação, implementação e monitoramento de políticas públicas para o desenvolvimento local e regional. Tal medida simbolizou um movimento do MinC na redefinição do papel da cultura no País. Esse novo papel tornou a cultura um eixo estratégico nas políticas públicas de desenvolvimento (BRASIL, 2011).

Segundo Miguez (2007), as questões relacionadas à economia criativa no Brasil tiveram início na *XI Conferência Ministerial da UNCTAD*. Realizada em São Paulo no ano de 2004, a Conferência foi o marco dos debates acerca da economia criativa no País. Na ocasião, o MinC firmou acordos junto ao IBGE e ao Ipea para a formulação de políticas para uma economia da cultura a partir da realização do primeiro *Fórum Promovendo a Economia Criativa: rumo ao Centro Internacional das Indústrias Criativas (CIEC)*. Ainda em 2004, outro seminário foi realizado com o objetivo de ampliar os debates sobre a temática. Desde então, têm sido formuladas políticas públicas de cultura para o aumento da economia criativa no Brasil (BRASIL, 2011; MIGUEZ, 2007).

Na leitura do plano, é possível perceber pontos convergentes que entrelaçam economia, cultura e desenvolvimento. Entretanto, para se entender o conceito de economia criativa adotado pelo PEC, é necessário, antes tudo, compreender o uso do termo *setor criativo*, que, para efeito do plano, é o que define a economia criativa brasileira. "[...] os

setores criativos são aqueles cujas atividades produtivas têm como processo principal um ato criativo gerador de um produto, bem ou serviço, cuja dimensão simbólica é determinante do seu valor, resultando em produção de riqueza cultural, econômica e social (BRASIL, 2011, P. 22).

Além disso, o MinC definiu um escopo dos setores criativos com quatro categorias: 1) Patrimônio, que engloba os setores patrimônio material, patrimônio imaterial, arquivo e museu; 2) Expressões culturais: artesanato, culturas populares, culturas indígenas, culturas afro-brasileiras, artes visuais e artes digitais; 3) Arte e espetáculo: dança, música, circo e teatro; 4) Criações culturais e funcionais: moda, *design* e arquitetura. Como é possível perceber, os setores criativos foram ampliados. Além daqueles considerados culturais, foram incorporadas outras atividades, como novas mídias, turismo e arquitetura, cuja plataforma inclui expressões técnicas e culturais para a produção e circulação de bens e serviços de valor simbólico e econômico (BRASIL, 2011).

Já o reposicionamento da cultura compreende seis eixos temáticos: 1) marcos legais para a economia criativa brasileira; 2) empreendedorismo cultural e criativo; 3) territórios criativos (cidades, bairros, polos, etc.), ou seja, Arranjos Produtivos Locais (APLs); 4) associativismo, cooperativismo e autogestão de empreendimentos e profissionais criativos; 5) capacitação técnica e gerencial de profissionais e empreendimentos criativos; 6) inovação em cultura. Esses eixos centralizam as ações que norteiam as políticas públicas (BRASIL, 2011).

Importante observar que o conceito de economia criativa adotado pelo PEC parte "[...] das dinâmicas culturais, sociais e econômicas construídas a partir do ciclo de criação, produção, distribuição/circulação/difusão e consumo/fruição de bens e serviços oriundos dos setores criativos, caracterizados pela prevalência de sua dimensão simbólica" (BRASIL, 2011, P. 22). O plano adota quatro princípios norteadores: diversidade cultural, inovação, sustentabilidade e inclusão social, para fundamentar as políticas públicas, reconhecendo-se

como estratégia essencial a relação entre cultura e desenvolvimento (BRASIL, 2011). Dessa forma, o modelo de economia criativa brasileira pode ser entendido como aquele que abrange setores de natureza tipicamente cultural e também aqueles com aplicabilidade funcional (MARÇAL, 2014).

Assim, a diversidade cultural, defendida no PEC, parece se constituir em ressonância do discurso global. Nessa perspectiva, os questionamentos passam a figurar uma maneira nova de se pensar a cultura. Ora, de acordo com o próprio plano "Pensar em uma economia criativa brasileira é pensar em uma economia cuja base, ambiência e riqueza se dão graças à diversidade cultural do País" (BRASIL, 2011, p. 34).

A diversidade de cultura é vista, portanto, como um grande impulsionador da criatividade. A noção de economia criativa como estratégia de desenvolvimento tem como abordagem principal o reconhecimento da criatividade. No Brasil, segundo Cláudia Leitão, Secretária Nacional de Economia Criativa, a introdução do plano reafirma esse reconhecimento da criatividade e aponta o papel da diversidade cultural brasileira como recurso para um novo desenvolvimento. Essa relação entre criatividade e cultura não é nova no Brasil. O economista Celso Furtado, em seu livro *Criatividade e Dependência na Civilização Industrial*, já havia relacionado desenvolvimento a essa lógica. Para ele, a diversidade cultural regional brasileira seria um elemento fundador para o desenvolvimento (BRASIL, 2011; FURTADO, 1978).

Assim, a política pública de economia criativa no Brasil está vinculada ao seu conceito e sua prática, o que permite entender que o uso pode variar conforme o entendimento que os agentes públicos têm dessa terminologia. Assim, não se pode desconsiderar o aspecto subjetivo que há por trás dessa terminologia (COSTA, 2014).

Como se vê, essa política tenta unir as questões econômicas e culturais. Do ponto de vista do PEC, as questões que dizem respeito à infraestrutura de criação, produção,

distribuição/circulação e consumo/fruição de bens e serviços criativos. Essa passagem do plano é exemplo da tentativa de se adequar a economia criativa a uma política pública integrada à política econômica do Governo Federal. Essa política de economia criativa incorpora o aspecto da cultura e se estende às políticas culturais (BRASIL, 2011).

Nas últimas décadas, algumas temáticas têm conseguido ganhar relevância no campo das políticas territoriais. Uma delas é o desenvolvimento de APLs. Outra é a institucionalização de território e polos criativos. O caráter central das políticas públicas de cultura é algo emergente no mundo contemporâneo. A partir da relação entre desenvolvimento, cultura e economia surge o reconhecimento da importância das políticas culturais, fato sobretudo validado a nível mundial como primordial para o desenvolvimento (BRASIL, 2011; LIMA, 2011).

Segundo Lima (2011), a influência da cultura em outras áreas da sociedade tem alterado o conceito usado para definição de política pública, como o reconhecimento das culturas locais e o enfoque mobilizador dos potenciais produtivos locais. Daí o fato de que o desenvolvimento local requer a imbricação entre as políticas culturais e as demais políticas públicas. Assim, no campo de ação essas políticas interagem entre si. Em relação às políticas culturais, são influenciadas pelas questões sociais e se completam em consonância com o cotidiano e aspectos de produção e consumo de ordem local (FERNANDEZ, ET AL., 2013; LIMA, 2011).

O conceito de política pública de economia criativa e as políticas de culturas emergiram no Brasil a partir do desdobramento de políticas de fomento no âmbito da economia da cultura que se refere ao uso da lógica econômica e de sua metodologia no campo da cultura (REIS, 2008). A rigor, a política pública para os lugares criativos surgiu com o propósito de integrar demandas da SEC e do MinC, em articulação com o Ministério da

Indústria e Comércio, o Ministério das Cidades e os governos estaduais e municipais, em parceria com diversas instituições públicas e privadas (BRASIL, 2011; LIMA, 2011).

A fomentação, criação e implantação de polos, cidades e territórios criativos são algumas das competências da SEC. Tais ações objetivam gerar e potencializar empreendimentos que promovam melhorias em comunidades necessitadas de desenvolvimento, ou seja, gerar trabalho e renda no campo dos setores criativos. Assim, as particularidades culturais de cada região têm sido o insumo fundamental para a criação de ações afetivas de desenvolvimento local. Outra questão diz respeito às políticas públicas culturais promovidas pelo Estado, tendo em vista que elas impactam em mudanças nas organizações culturais e que, normalmente, ocorrem devido ao fato de essas organizações estarem sempre suscetíveis à absorção passiva de elementos de hegemonia global (BRASIL, 2011; REIS, 2008; LIMA, 2011).

Desde 2004, o MinC, com acordos firmados junto ao IBGE e ao Ipea, passou a formular políticas de economia criativa junto à Agência de Desenvolvimento. Essas políticas foram ampliadas no âmbito governamental de cada estado com o objetivo de mapear e desenvolver cidades e territórios criativos. Essa iniciativa priorizou o apoio e fomento de profissionais e investimentos em estudos e pesquisas sobre economia criativa, dentre eles o da consultora da Unesco, Selma Maria Santiago Lima, em 2011, sobre os polos criativos brasileiros (BRASIL, 2011; LIMA, 2011; MIGUEZ, 2007).

O reconhecimento de um polo criativo ocorre por meio da concessão de chancela que nomeia um espaço como criativo, considerando a concentração de um conjunto de empreendimentos comerciais de atividades criativas, relativamente próximos geograficamente. Não raro, ocorrem casos de arranjos criativos que se explicam ou justificam por trocas simbólicas que fluem nesses espaços, conhecidos como catalisadores de manifestações culturais de determinadas regiões (BRASIL, 2011; LIMA, 2011; UNCTAD, 2010).

A identificação de vários polos criativos no Brasil em sete cidades contempladas com o recurso "criativas birôs"<sup>6</sup> reconheceu três polos na cidade do Recife: o Delta Zero, o Porto Mídia e a Bomba do Hemetério. O reconhecimento garante ao polo o recebimento de recursos para formulação de planos de desenvolvimento que tenham a economia criativa como estratégia (LIMA, 2011).

Para Reis (2008), cada país, região ou território só é considerado criativo quando se diferencia por um caráter único, seus processos e suas dinâmicas culturais devem apresentar, entre outros aspectos, certa vantagem competitiva. Isso pressupõe que o critério adotado para analisar o potencial criativo do local é a sua condição de criar produtos e serviços que caracterizam valor econômico e simbólico (BRASIL, 2011; LIMA, 2011).

A denominação de polo criativo é definida por Lima (2011) como um espaço de convivência urbana que reúne em sua geografia grupos e pessoas com características identitárias ímpares e que realizam atividades variadas de dimensão simbólica. Contudo, tanto na leitura do PEC quanto do Estudo dos Polos, é notória a ausência da delimitação de área geográfica. Nesse aspecto subjetivo, o que evidencia um polo ou território criativo é a utilização do espaço, denominação esta utilizada para se referir ao conjunto de empreendimentos criativos circunscritos no local, não existindo, com isso, limite territorial (BRASIL, 2011; LIMA, 2011).

Para nomear um polo criativo, o MinC adota três critérios. O primeiro considera a iniciativa da sociedade civil. Essa demanda parte da iniciativa dos moradores e frequentadores locais, com vocação própria e integração espontânea. Nesse caso, a característica cultural local (urbana ou uso funcional do espaço) é um fator fundamental de identidade, partindo da aproximação de pares para a construção de um ambiente coletivo com forte reconhecimento social. O segundo considera a implantação pelo poder público, enquanto ação estratégica de

---

<sup>6</sup> Segundo Lima (2011), *criativa birôs* são espaços que objetivam consolidar negócios da criatividade, demandam uma série de ações e a instalação de equipamentos e profissionais com a finalidade de promover os setores criativos e prestar assessoria para profissionais e empreendedores criativos.

desenvolvimento local ou de redesenho urbano de uma cidade. Nesse caso, as políticas públicas dirigidas à economia criativa atuam de forma direta para a criação do ambiente em um espaço com vocação preexistente. E em terceiro, para nomear um polo criativo, o MinC atua mediante intervenção, objetivando a transformação para reuso urbano de áreas degradadas socialmente (LIMA, 2011).

Além dos critérios de solicitação para identificação de um polo, Lima (2011) ainda destaca o agrupamento de três campos de atuação inter-relacionados, que servem de parâmetros para a construção e análise da política de implantação: 1) campo da economia e da gestão (inclui o desenvolvimento da atividade econômica local, convergências de atuação, concentração setorial de iniciativa e adensamento empresarial); 2) campo da identidade e da cultura (inclui construção de imagem coletiva e valor agregado intangível); 3) campo das relações sociais, que inclui forma de governanças, desenvolvimento de tecnologias e sustentabilidade ambiental e social.

O reconhecimento de um polo criativo requer o cumprimento de cinco etapas consideradas fundamentais: o estabelecimento de parcerias, a identificação de potencialidades criativas, a elaboração de planos de desenvolvimento, a implantação das ações de apoio, o acompanhamento e a avaliação e consolidação do polo criativo. Esse conjunto de ações integra objetivos, estratégias e metas preestabelecidas que instrumentalizam as atividades culturais por meio de diversas técnicas de gestão (LIMA, 2011).

A concepção adotada pela SEC (BRASIL, 2011) reconhece os polos criativos para além das suas delimitações geográficas. Isso permite considerar um bairro por completo ou apenas uma parte, ou pode mesmo extrapolar os limites de uma cidade, mas, sobretudo, são Territórios Criativos, locais que, por meio de atividades criativas ou culturais, propiciam um ambiente econômico sustentável, cultural e socialmente capaz de reter e atrair indivíduos criativos.

O bairro da Bomba do Hemetério foi destacado como polo criativo no estudo de Lima (2011) sobre polos criativos brasileiros. Sabe-se, entretanto, que o território, por meio de uma política particular de desenvolvimento local implantada com a iniciativa de diversos agentes do setor público e privado, agregou, além da Bomba do Hemetério, os seguintes bairros: Alto José do Pinho, Mangabeira, Arruda, Alto Santa Terezinha, Alto do Pascoal e Água Fria. Localizado na zona norte da cidade do Recife, esse território integra a Região Político-Administrativa 2, Zona Especial de Interesses Sociais (ZEIS) e Casa Amarela. Sua localização é quase toda em área de morro, e a cultura local é o elemento mais representativo da dinâmica que repercute no discurso global de economia criativa. A criatividade percebida na Bomba do Hemetério é evidenciada pela concentração de grupos culturais existente no bairro, como as agremiações carnavalescas, clubes, troças, ursos e bois de carnaval, nações de maracatus, tribos indígenas e orquestras de frevo (LIMA, 2011; PREFEITURA DO RECIFE, 2011).

Essa pluralidade cultural é uma característica da comunidade, tida como diferencial e fonte de múltipla criatividade (BRASIL, 2011; LIMA, 2011). Os grupos e as expressões culturais concentradas no bairro são um forte atrativo para o local, que concentra diversas sedes de agremiações carnavalescas importantes para a cultura popular pernambucana. Esse referencial simbólico diferencia o bairro dos demais, pois inclui desde manifestações carnavalescas de origem indígena e afro-brasileira a expressões denominadas pela Unesco como Patrimônio Cultural Imaterial, como o frevo pernambucano (LIMA, 2011).

## **4 Bomba do Hemetério como polo criativo**

---

NeEste capítulo, apresentamos a Bomba do Hemetério como polo criativo. Considerando o fato de que o bairro se tornou polo criativo por causa de uma política específica do *Programa Bombando Cidadania* e que essa política é fortemente baseada na cultura do local, iniciamos o capítulo apresentando a cultura carnavalesca da Bomba do Hemetério e suas manifestações. Em seguida, abordamos a experiência de desenvolvimento implantada no bairro e que teve os grupos culturais como principais atores.

### **4.1 A Bomba do Hemetério e sua cultura carnavalesca**

O bairro da Bomba do Hemetério fica localizado na zona norte do Recife, sendo identificado muitas vezes como um complexo de vários morros. Becos e ruas estreitas marcam sua arquitetura, que ganhou um ícone reconstruído pelas ações de desenvolvimento implantadas no local: suas escadarias. Casas, igrejas e sedes carnavalescas dão forma a uma aglomeração que mais parece a extensão de todos os morros no seu entorno (IADH, 2011; PREFEITURA DO RECIFE, 2013).

Até o final do século XIX, a Bomba era uma área desabitada e de difícil acesso. Sua história se confunde com o seu carnaval. Mas, esse carnaval, tido como expressão da cultura brasileira e que em Pernambuco é caracterizado como cultura popular, na Bomba do Hemetério não se restringe a um simples evento anual (GAIÃO ET AL., 2014). A sua habitação, localização, história e ocupação estão relacionadas com a historicidade do seu carnaval. Para acessá-la, é necessário se remeter às manobras de combate aos mocambos, ocasião em que o Estado operacionalizou a ação que ficou conhecida como a Liga Social Contra Mocambo, entre os anos de 1939 e 1945 (COSTA, 2009; LEITE, 2010).

No processo de remodelação arquitetônica do Recife, cuja ação desenvolvida pelo Estado objetivou transformar a cidade em um "Novo Recife", ocorreu o fenômeno de descentralização de diversos grupos populares que ocupavam áreas centrais da cidade. O centro da cidade passou a ser o espaço da aristocracia pernambucana, do comércio, da indústria e do sistema bancário, enquanto os habitantes mais pobres foram sendo deslocados para os morros e córregos da cidade (COSTA, 2009; LEITE, 2010).

Com essa expansão demográfica e econômica, ocorreram intensas modificações urbanas e sociais. Com a separação dos grupos urbanos surgiram importantes comunidades na zona norte do Recife. Muitos dos moradores saídos dos mocambos do centro da cidade foram para os morros de Casa Amarela e arredores da Avenida Norte. A Estrada de Ferro do Limoeiro contribuiu com essa migração, apesar de ter sido uma linha de trem de carga que oferecia aos bairros um transporte de passageiros (COSTA, 2009; LEITE, 2010; PONTUAL, 2001; SOUZA, 2004; SOUZA ET AL., 1984).

Subjacente a este processo, grupos frequentadores de terreiros e cultura afro-descente também foram deslocados (COSTA, 2009; FREYRE, 2012). Naquela ocasião, os morros que fazem parte do complexo de Casa Amarela, incluindo a Bomba do Hemetério até Beberibe, foram alguns dos subúrbios que abrigaram o maior número desses seguidores religiosos, que, além de terem de abandonar suas casas, lutavam para conseguir preservar seus costumes (COSTA, 2009; LEITE, 2010; PONTUAL, 2001; SANTOS, 2011).

Segundo Costa (2009) a migração desses terreiros foi ocasionada por perseguições étnico-religiosas. Muitos adeptos dessas práticas, fugindo da perseguição, ocuparam os morros, como estratégia de resistência e tentativa de manter a vivência coletiva. De acordo com as crenças e os costumes religiosos, o assentamento de um terreiro de candomblé e umbanda estabelece uma ocupação do espaço em seu sentido pleno, social e cultural. Para garantir suas práticas e visibilidade, esses grupos se denominaram agremiações carnavalescas,

nações de maracatus, nações de caboclinhos e centros espíritas (COSTA, 2009; KUBRUSLY, 2013; SANTOS, 2011).

Ao longo dos anos, os acontecimentos que contribuíram para concentrar na Bomba do Hemetério os diversos grupos culturais implicaram significativamente na sua construção sócio-histórica, socioeconômica e demográfica, que se reflete na população atual, pois o bairro muitas vezes é retratado como uma periferia que reúne "mazelas", com seus cenários de contingências e desigualdades (LIMA, 2011; IADH, 2011).

Se por um lado a relação centro–periferia reflete as desigualdades, por outro as evidências em termos culturais se contrapõem a essa realidade, pois o bairro possui uma riqueza cultural que emana dos vários segmentos carnavalescos que lá fixaram sede. É essa diversidade manifestada na cultura carnavalesca da comunidade que, em época de festas e nos desfiles pelas ruas do bairro, se mostra em forma de cortejos, em que ganha visibilidade (LIMA, 2011; IADH, 2011).

De acordo com Lélis (2009), as agremiações são os elementos carnavalescos que mais evidenciam a cultura pernambucana. Elas são componentes vitais e agentes diretos do carnaval popular. Na Bomba do Hemetério estão instaladas algumas das agremiações mais antigas do Recife, como o Maracatu Nação Elefante (considerado o mais antigo em atividade), a Tribo Nação Canindé do Recife (que mantém mais de um século de tradição), a Troça Mista Abanadores do Arruda (com mais de meio século), o Grêmio Recreativo Escola Gigante do Samba (que recebeu por várias vezes o título de escola campeã do Carnaval do Recife) e o Clube Carnavalesco Misto Reisado Imperial (o único em atividade no Recife). Ressalta-se, ainda, o papel dos mestres populares como um dos componentes culturais dessa comunidade. Esses mestres transmitem seus conhecimentos, suas vivências e as práticas da influência das culturas africanas e indígenas (LIMA, 2011; IADH, 2011).

A Orquestra Popular da Bomba do Hemetério também faz parte desse conjunto de relíquias culturais. O Maestro Forró, que rege a orquestra, apresenta um trabalho considerado inovador e nos ritmos musicais, com *performances* contagiantes e arranjos multifacetados. Suas composições são embaladas pelas características culturais do bairro, que se tornou ícone popular, e ainda se destaca pelas ações sociais realizadas na comunidade, ensinando música na escola de música profissional do bairro. O Maestro e sua orquestra receberam vários prêmios, entre eles destaca-se o prêmio de melhor grupo musical regional em 2013 (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2013; MENDES, 2010).

Segundo Lélis (2009), as primeiras agremiações apareceram no Recife no final do século XIX. Surgiram provavelmente provenientes da união de grupos de operários, trabalhadores rurais e agrupamentos de negros. A origem das agremiações remete a um tempo de lutas e resistência. Esses embates evidenciaram mudanças sociais. Considerando esse processo histórico que fez surgir as agremiações, torna-se complexo definir seu sentido.

No *Catálogo de Agremiações do Recife* (2009), as agremiações são vistas como um elo entre o povo e a festa carnavalesca. Dessa forma, parecem expressões coletivas que expandem os vários sentidos e significados do Carnaval, percebidas, assim, como um corpo social, dada a maneira como os desfiles são realizados, em forma de cortejos, como uma invasão às ruas pela passagem dos grupos, que seguem desenhando o espaço com seus movimentos (ARAÚJO, 2009; GASPAR, 2015; LÉLIS, 2009).

Araújo (2009) considera que os segmentos populares são expressões culturais que atuam como representantes dos espaços do Carnaval em suas sedes. Tais segmentos são reconhecidos como agremiações carnavalescas que se manifestam e são caracterizadas como clubes de frevo, clubes de bonecos gigantes, troças, blocos, clubes de alegorias, escolas de samba, maracatus, caboclinhos, tribos indígenas, ursos de carnaval, bois de carnaval e afoxés.

Se no Recife os concursos entre agremiações apareceram na década de 1950, incentivados pela Prefeitura, que assumiu a organização do Carnaval, nos bairros e periferias o Carnaval era organizado por comissões de moradores e comerciantes (ARAÚJO, 2009; SANTOS, 2011). Tudo indica que foi assim o surgimento da festa carnavalesca na Bomba Hemetério. As notícias apontam para os desfiles de agremiações na comunidade organizados por Irineu Tibúrcio Cavalcante, que foi servidor público da Câmara de Vereadores do Recife e Diretor do Serviço Social contra o mocambo.

Nessa época, o movimento comunitário do bairro passou a se reunir com a finalidade de resolver os problemas sociais locais de diversos tipos, desde soluções de construção de escadarias e pavimentação de ruas e barreiras, até mesmo à construção de escolas e postos médicos. Mas o carnaval do bairro sempre teve a iniciativa da população local, juntamente com a liderança comunitária. Os desfiles das agremiações, desde antes até os dias atuais, são realizados na Praça Castro Alves, conhecida como Largo da Bomba, que se constitui como palco principal dos eventos há mais de 30 anos, como mostra Alencar (2015):

Lembro-me que há 30 anos atrás, o então e único vereador e morador deste bairro, eleito que tenho conhecimento, Irineu Tibúrcio Cavalcanti, patrocinou o carnaval local, onde o palanque ficava ao lado da ponte do canal da Praça Castro Alves (ou Praça da Bomba) que teve o mesmo efeito deste Polo (ALENCAR, 2015, S/P).

No que se refere às agremiações do bairro, a primeira década de 1900 marca a chegada da Tribo de Caboclinhos Canindé. E com o passar dos anos, inúmeras sedes de grupos culturais foram se instalando no local. Além disso, no bairro ainda há os mestres populares, os artistas plásticos (que confeccionam adereços carnavalescos) e outros grupos de artistas que dedicaram sua arte aos fazeres de cultura carnavalesca.

Embora não se conheça com precisão a origem de todos os grupos agregados na Bomba do Hemetério, sabe-se que essa comunidade traz os reflexos dessas agremiações de cultura plantada nas tradições indígenas e africanas, que confirmam o caráter simbólico de suas manifestações e crenças religiosas, o que revela a singularidade da comunidade. Desse

bairro, que une matrizes étnicas, emergem as agremiações mais notáveis da história do Carnaval do Recife, de Pernambuco e do Brasil.

Especialmente nesse contexto contemporâneo de valorização das diversas culturas, a convenção da Unesco de 2005 significou o reconhecimento das expressões culturais no âmbito internacional e fundou os apelos à promoção e preservação da diversidade cultural. Com base nesse apelo, estados e nações passaram a elaborar e executar políticas públicas de cultura (ALVES, 2010; UNESCO, 2005).

O reconhecimento da Bomba do Hemetério como Polo Criativo foi abordado por Lima (2011, p. 65-66): "Um terceiro Polo visitado, do bairro Bomba do Hemetério, só foi definido em reunião realizada com a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco [...]". Esse estudo revelou que os grupos culturais, mesmo os mais antigos, não apresentavam sustentabilidade econômica nem profissional. Conforme ilustrado no texto abaixo:

[...] são grupos embasados na cultura tradicional popular que mantêm no amadorismo sua prática, mas que a partir das instigações de novos agentes, como o IDAH, podem encontrar o ponto de confluência entre a liberdade da produção e da criação tradicional e a sustentabilidade com relacionamentos profissionais em seu próprio polo e com os agentes externos (LIMA, 2011, P. 100).

A forma como foi exposto no texto acima, percebemos que a os grupos culturais locais não foram vistos como simples produtores das manifestações culturais, a cultura local advinda desses grupos foi ai percebida como um meio para a produção de produtos e serviços destinados a comercialização para auto-sustentação desses grupos.

## **4.2 O Programa Bombando Cidadania**

A comunidade da Bomba do Hemetério foi conduzida por uma assessoria de desenvolvimento local que teve início em 2008. Essa ação do poder público, em articulação

com a iniciativa privada e instituições não governamentais, foi retratada na matéria de 2 de junho de 2008 do *Diário de Pernambuco*:

O protocolo de intenções do projeto de Desenvolvimento Local da Bomba do Hemetério, uma parceria entre o Governo do Estado e o Instituto WalMart, foi assinado na manhã desta quarta-feira (2) pelo governador Eduardo Campos. As ações devem beneficiar cerca de 8 mil pessoas (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2008).

A partir da parceria firmada com o governo estadual, a Bomba do Hemetério passou a receber ações de desenvolvimento por meio do *Programa Bombando Cidadania*, de iniciativa do IWM. Esse programa atuou com o objetivo de aumentar a renda da população do bairro e melhorar a condição de vida da comunidade (IWM, 2013).

Essa ação integrou uma rede de agentes, como demonstra a afirmação do IADH:

Além das articulações com o poder público, o Instituto Walmart buscou uma sólida rede de parceiros para apoiar na concepção e na implantação do programa, com *expertise* reconhecida nas áreas em que atuam, a exemplo do Instituto de Assessoria para o Desenvolvimento Humano (IADH), o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), a Aliança Empreendedora, o Auçuba, a Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), o NúcleoPE, a Fundação Gilberto Freyre, o Instituto Aliança e o centro de Design, o Instituto Qualidade no Ensino (IQE), entre outras (IADH, 2011, p. 32).

A política pública é uma ação governamental que resulta de um processo de demandas, mas até a sua implementação deverá se cumprir um processo decisório amplo e, normalmente, com ações diretas da iniciativa privada. Nesse sentido, o governo assume o papel de articulador e organizador da sociedade (FERNANDEZ, ET AL., 2013; LIMA, 2011).

Chamamos de processo de incubação o período de cada projeto realizado pelo programa ao longo da realização das ações de desenvolvimento local de 2008 a 2011. A cultura local foi o alvo desse programa, como ressalta o IADH (2011, p. 34) "[...] sem sombra de dúvida, esse forte ativo cultural da comunidade da Bomba do Hemetério, tão original e simbólico, foi o grande impulsionador para que as ações de desenvolvimento local fossem implantadas [...]".

Um aspecto priorizado na execução das ações do programa foi, sem dúvida, a organização dos grupos culturais. Para executar o processo de intervenção, foi adotada pelo programa uma metodologia político-administrativa que atua com grande abrangência nacional e internacional, denominada Desenvolvimento Cultural Local. Com essa proposta, o foco do programa atuou diretamente nos grupos culturais e carnavalescos do bairro, conforme demonstramos no texto abaixo:

A proposta era trabalhar, primordialmente, a formação de lideranças para o empoderamento e o protagonismo local e a organização do território (construção de capital social local). Mas o diagnóstico realizado pelo Walmart havia indicado a cultura como o principal ativo para o desenvolvimento, o que norteou, o IADH a priorizar, também, no primeiro momento, o componente sobre desenvolvimento cultural comunitário (IADH, 2011, p. 36).

A execução do programa teve início com a escolha da comunidade para implantação das ações de desenvolvimento local. Nesse ponto, a escolha da Bomba do Hemetério não se deu por acaso. A presença de diversos grupos culturais e sedes carnavalescas é um sinal preponderante de riqueza cultural local, frente à temática emergente da diversidade cultural, seu reconhecimento internacional e suas implicações na elaboração de políticas públicas culturais nacionais. Outro aspecto relevante apontado pelo IADH, empresa escolhida para implantar a intervenção, diz respeito à capacidade de articulação dos atores locais (IWM, 2013; IADH, 2011; UNESCO, 2002; 2005; 2013).

No total, 63 comunidades participaram do processo de seleção, que foi realizado em três etapas: 1) levantamento de informações sobre a situação socioeconômica e organizacional da comunidade e sua articulação com atores sociais estratégicos (governamentais e não governamentais); 2) análise das informações coletadas; e 3) visita às comunidades. Além dos critérios acima destacados, a comunidade escolhida deveria estar localizada em Zona Especial de Interesse Social; ser reconhecida por diferentes atores sociais; ter mobilização social e indicadores de desenvolvimento humano que se ajustassem à situação de vulnerabilidade socioeconômica (IWM, 2013; IADH, 2011).

Como a comunidade atendeu aos critérios adotados pelo programa, a Bomba do Hemetério foi escolhida, conforme ressalta o próprio IADH (2011, p. 34): "apesar dessa riqueza cultural, há poucas oportunidades de geração de trabalho e renda na comunidade [...]". Isso pressupõe que, em primeiro lugar, os grupos culturais não encaravam a cultura como algo que poderia ser comprado ou vendido. Os agentes do programa perceberam na riqueza cultural do lugar um recurso possível para aumentar o padrão de vida local.

Nesse contexto, o programa utilizou instrumentos metodológicos para o fortalecimento cultural (qualificação e profissionalização), para trabalhar diretamente na cultura dos atores locais (grupos culturais), uma vez que, na cultura ou nas atividades carnavalescas desses diversos grupos, apresentava-se o maior diferencial da comunidade: sua pluralidade. Esse diferencial assume um caráter multicultural, discurso presente nas narrativas do carnaval recifense e da cultura popular pernambucana, como pode ser demonstrado no texto abaixo:

Esse celeiro cultural – amplo, diverso e original – permite constatar que a Bomba do Hemetério é uma das comunidades que mais representa a multiculturalidade presente na cidade do Recife e no próprio Estado de Pernambuco, que goza de uma grande fertilidade artística e possui uma das mais efervescentes cenas culturais do País, abrangendo diversas manifestações da cultura popular que percorrem todas as suas regiões (IADH, 2011, p. 33-34).

O programa realizou o mapeamento dos grupos culturais e carnavalescos atuantes tanto na Bomba do Hemetério quanto nas adjacências. A noção de Território Criativo delimitou a instância do entendimento de Polo Criativo Bomba do Hemetério. Assim, a comunidade passou a ser entendida como um território expandido, ou seja, considera-se parte desse território todos os bairros (morros) no seu entorno. Com isso, o território passou a ser conhecido, também, como Bomba Expandida, ou Grande Bomba. O resultado do mapeamento apontou um total de 87 grupos e artistas encontrados no território, todos desenvolvendo alguma atividade cultural (IWM, 2013; IADH, 2011).

Segundo o IADH (2011), o marco lógico do programa seguiu o modelo testado e aprovado pela USAID, o qual guiou todas as etapas do processo. Essa agência surgiu em 1961

e atua desde 1970 na avaliação de projetos em diversos países. No Brasil, a agência apoia projetos de assistência econômica (USAID, 2015). Aqui não se destaca apenas o modelo universal de desenvolvimento importado do Norte, mas a própria lógica desenvolvimentista em que a estratégia econômica é sempre priorizada. A articulação dos agentes por meio da adoção de políticas de incentivo, em que o capital privado é utilizado para financiar novas ideias e negócios, evidencia a lógica de mercado.

O programa teve início em 2008 e foi desenvolvido em três fases. Na primeira, que durou um ano, foram definidas as atividades produtivas para os atores locais, as quais foram compostas de seis categorias: ensaios e preparativos de agremiações carnavalescas e dos diversos grupos de maracatus, eventos, festas, festejos, caboclinhos e afoxé. Também foram criados diversos projetos de grupos artísticos, orquestras, artistas, circuito turístico, turismo de base comunitária e criação de produtos e serviços que são comercializados na comunidade, identificados com a logomarca do bairro e o seu *slogan* (IWM, 2013; IADH 2011). Nesse primeiro ano, em que seis projetos foram realizados, o maior objetivo do programa foi aumentar o poder econômico da comunidade. Várias ações foram realizadas nas áreas da educação, da saúde e da cultura com o propósito de geração de renda para a comunidade. E nesse sentido, parecerias foram estabelecidas entre atores locais, empresas públicas e privadas. Algumas dessas empresas são destacadas pelo IADH, que se propõem a diversos fins, como a captação de recurso financeiro, de investimento, de fomento e qualificação e profissionalização. Assim, diversas parcerias foram sendo firmadas ao longo do projeto (IWM, 2013; IADH 2011). No que compete aos atores locais, foi formada uma equipe com quarenta integrantes da comunidade e foi instalado um comitê (sede) de apoio ao programa no bairro. Além disso, uma parceria firmada com a AE promoveu uma articulação com 150 microempreendedores, tanto para estabelecimento de novos negócios quanto para orientação na gestão de empreendimentos já existentes. Outra parceria realizada se deu com o Unicef,

que trabalha com o *Programa Família Brasileira Fortalecida*. Essa parceria resultou na capacitação de trinta agentes comunitários, de lideranças comunitárias e de profissionais da educação infantil (IWM, 2013; IADH 2011).

Já na segunda fase do programa (2009–2010), foi realizada uma série de atividades culturais, dando andamento à realização do projeto. Em conjunto, agentes de empresas não governamentais e atores locais mobilizaram uma articulação junto à Secretária de Cultura do Recife, que resultou na implantação de um polo carnavalesco no bairro (IWM, 2013; IADH 2011). De acordo com o IADH, a diversidade cultural do local foi trabalhada para se criarem eventos, produtos e serviços. Além, disso os ensaios, que, ocasionalmente, era de praxe acontecer na sede dos grupos culturais locais, foram redefinidos, passando a se chamar "eventos espontâneos". Esses eventos ocorrem, em geral, com a participação do público (IWM, 2013; IADH 2011).

Assim, entre os dezesseis tipos de novos eventos criados, em nove deles percebe-se a participação de grupos carnavalescos, elencados aqui apenas para o conhecimento do leitor. São eles: Ensaios abertos Maracatu Estrela Brilhante (realizados de outubro a fevereiro), Ensaios abertos Maracatu Encanto da Alegria (realizados de setembro a fevereiro), Ensaios abertos Maracatu Raízes de Pai Adão (realizados de outubro a fevereiro), Ensaios abertos Caboclinhos 7 Flechas (realizados de agosto a fevereiro), Ensaios abertos Gigante do Samba (realizados setembro a fevereiro), Ensaios abertos Afoxé Ogbom Obá (realizados de setembro a fevereiro), Ensaios abertos Boi Malabá (realizados de outubro a fevereiro), Ensaios abertos Boi Mimoso (realizados de outubro a fevereiro) e, por fim, o Cortejo de Carnaval, que acontece no domingo que antecede o Carnaval (IWM, 2013; IADH 2011). Esses eventos foram incluídos no calendário de evento sazonal, criado para o bairro pelo programa. Vale destacar que, dentre eles, o Cortejo de Carnaval é uma das manifestações mais representativas da

cultura local. Trata-se de uma referência aos maracatus que tradicionalmente desfilam em cortejo. No entanto, nesses eventos todas as agremiações participam do desfile em cortejo.

Na última fase do programa (2010–2011), ocorreu a realização do roteiro turístico, com ações que incluem atividades turísticas integradas. Este foi, sem dúvida, o grande propósito do programa: unir os diversos projetos implantados em um roteiro turístico com quatro tipos de passeios. Esse projeto objetivou transformar o bairro em um centro turístico de base comunitária, com uma linha de produtos e serviços para serem ofertados e comercializados pela comunidade (IWM, 2013; IADH 2011).

Segundo o IADH (2011), o trabalho de roteirização turística da Bomba do Hemetério viabilizou a participação efetiva das agremiações carnavalescas tradicionais do bairro. Para a consolidação do turismo, além dos passeios e atividades com agentes de serviços turísticos, foi criado um *mix* de produtos integrados ao roteiro. Com isso, os grupos culturais participantes receberam orientações sobre adequação e comercialização de seus produtos..

Tendo em vista o exposto, pontos importantes podem ser percebidos: a reorientação das atividades desses grupos de cultura carnavalesca sendo realizada pelos agentes do programa, a condução de suas práticas culturais orientadas para o lucro, o gerenciamento corporativo intermediador na organização de tarefas e fontes de fomento e a utilização da cultura para a confecção de produtos. Como se vê, o grande desafio é o propósito de readequar a cultura visando à obtenção de retorno dos investimentos locais e nacionais. Essa é uma lógica pela qual o desenvolvimento atribui valor à cultura. Segundo Yúdice (2013), esse valor não é recente, nem mesmo a relação entre a esfera cultural, a política e a econômica, e os seus gerenciamentos. Entretanto, o autor enfatiza que ao mesmo tempo que a cultura assumiu esse papel, tanto político quanto econômico, as noções convencionais de cultura se esvaziaram, e para os diversos fins que a cultura é invocada se emergem técnicas para seu gerenciamento (YÚDICE, 2013).

Outro aspecto importante diz respeito às articulações dos agentes públicos, privados e atores locais, pois toda essa mobilização de recursos materiais (investimentos e ações para reorganização do espaço urbano do território) e imateriais (engendramento da cultura e de patrimônios imateriais) foi fundamental, segundo o IADH (2011), pois todos os esforços estavam concentrados na consolidação dos trabalhos turísticos para a Copa do Mundo de 2014. Os roteiros foram esquematizados e disponibilizados, os preços foram ofertados tanto para o cliente direto (turista) como para o indireto (agente de turismo). Cada passeio tem uma abordagem temática: 1) Conhecendo o Território; 2) Cultura e Tradição; 3) Roteiro das Artes e 4) BombÁfrica (IWM, 2013; IADH 2011).

Como esse projeto envolveu diretamente os grupos culturais, sedes de agremiações e terreiros localizados no bairro, destacam-se suas principais atividades. Sabendo que esses roteiros foram divulgados em diversos veículos publicitários, optou-se utilizar como principal fonte para descrevê-los o livro do IADH (2011)<sup>7</sup>:

- 1) O Roteiro das Artes: envolve atividades culturais distintas, como artes cênicas, música, dança, cultura popular e literatura. Este passeio proporciona uma experiência em diversas linguagens artísticas, técnicas, motivações, fazer cultural e original, e inclui cinco atividades de cultura e lazer: Rei do Sertão, com a Cia. de Dança Traçando Cultura; Tributo à África, com o Balé Bacnaré; Criando e Recriando, com o Ateliê Arte Souza; Um Boi Muito Louco, com o Boi D’Loucos; e Troça com Bolo de Bacia, com a Troça Tô Chegando Agora.
- 2) O Roteiro Conhecendo o Território: trata-se de um passeio pela localidade e apresenta ao turista a história do bairro e os principais ícones da cultura local e suas atividades culturais. Esse roteiro apresenta a identidade urbana do território, como casas, becos, ruelas, escadarias e paisagens urbanas do entorno misturadas à

---

<sup>7</sup> O projeto turístico é um produto que envolveu diversas parcerias. As informações constam também no livreto turístico da Bomba do Hemetério produzido pelo Sebrae em parceria com a Empetur e empresas privadas.

natureza. Tal roteiro é composto por seis atividades, com o Maracatu Estrela Brilhante, o Grupo Afro Omobirim, o Boi Mimoso, o Afoxé Ogbon Obá e o artista plástico Zildo Marques.

- 3) O Roteiro Cultura e Tradição: explora as manifestações tradicionais, de existência centenária, reconhecidas pela importância do repasse de tradições para gerações futuras. Tal roteiro envolve atividades com a Escola de Samba Gigante do Samba, a Troça Abanadores do Arruda, o Maracatu Encanto da Alegria, a Tribo Canindé do Recife, a tribo Caboclinhos 7 Flechas, o Maracatu Raízes de Pai Adão e o Boi Malabá.
- 4) O Roteiro BombÁfrica: explora a cultura de matriz africana predominante na região, em que são repassadas experiências e saberes, valores e crenças das raízes afro-brasileiras e os culturais Maracatu Estrela Brilhante, o Balé Bacnaré, o Afoxé Ogbom Obá, o Maracatu Encanto da Alegria, o Grupo Afro Omobirim e o Maracatu Raízes de Pai Adão.

O Circuito Cultural Turístico da Bomba do Hemetério se tornou um dos produtos culturais produzidos, principalmente pelos grupos de cultura carnavalesca, para o visitante (consumidor), possibilitando uma imersão na vivência de experiências marcadas pelos conhecimentos e pelas práticas culturais dos mestres locais e um "mergulho" na cultura de raiz. Um evento que consolida essa diversidade cultural da Bomba do Hemetério é o Bombaguá, que envolve a participação de todos os grupos culturais em um cortejo carnavalesco, integra diversas atividades e é promovido pela Universidart, instituição do bairro que foi orientada pelas ações do programa para assumir a gestão dos negócios culturais no território (IWM, 2013; IADH 2011).

Muitos outros projetos foram realizados no território, mas um gerou grande repercussão na mídia: o *Festival Delícias da Comunidade*. Trata-se de um evento

gastronômico que vem sendo realizado anualmente com o objetivo de promover a culinária local e a participação de diversos parceiros. Já o projeto *Cinebomba* desenvolve atividades na área cinematográfica, com oficinas de aprendizagem e cursos de iniciação à produção visual para a comunidade. O *Projeto Iconografia do Polo* foi realizado para se criarem os ícones representativos da identidade cultural local, que identificam os produtos artesanais produzidos no bairro pelos grupos culturais, além da criação do *slogan* “O que é da Bomba é bom”. Ao todo, foram criados 25 ícones da cultural local (IWM, 2013; IADH 2011).

O projeto Agenda 21 da Bomba do Hemetério foi elaborado para desenvolver atividades ligadas à sustentabilidade do bairro, envolvendo a participação da comunidade e a liderança comunitária com o propósito de mobilizar e formar multiplicadores voluntários para promover ações de melhoria do ambiente local. O *Projeto Rádio Comunitária Seu Hemetério* foi montado no Núcleo de Comunicação do bairro, dentro da sede do programa no bairro, em que diversas programações foram montadas e divulgadas diariamente através de alto-falantes espalhados pela comunidade (IWM, 2013; IADH 2011).

Assim, os projetos de eventos conceituais são oferecidos em oito tipos e têm como finalidade divulgar a riqueza cultural do bairro e adjacências. Além disso, essas atividades incluem a realização da Bombarte, que é uma feira de artesanato focada na produção e venda de produtos artesanais. A implantação desses eventos e sua realização servem de estímulo para o consumo de produtos e serviços ofertados pelos empreendimentos locais. Isso só foi possível pela articulação de empresas do setor público, do setor privado e atores locais (grupos culturais e lideranças locais).

Segundo o IADH (2011), para realização do programa se constituiu uma rede de parceiros, como a Universidart, a Agenda 21, a Auçuba e atores locais. Além desses, o programa contou também com agentes públicos e privados: IADH, Sebrae, Prefeitura da

Cidade do Recife, Governo do Estado de Pernambuco, AE, IA, IQE, NúcleoPE, Fundação Gilberto Freyre, Fundarpe, MTur, Setur, UFPE e IWM.

De modo geral, a adesão das agremiações carnavalescas na realização desses projetos e eventos é preponderante ao papel que foi conferido à cultura nesse processo, pois, literalmente, ela está presente em todas as atividades do programa. Da criação de eventos para movimentar a economia local à realização de ações turísticas e criação de produtos diversos, dos investimentos públicos e privados à rede de articulações dos agentes e, em especial, do poder público — a tudo isso se confere o desenvolvimentismo, mesmo que se proceda de um nacionalismo popular igualmente estatizante na busca do bem-estar social (YÚDICE, 2013).

Nessa lógica, esse papel assumido pela cultura como a ferramenta capaz de impulsionar o desenvolvimento corresponde ao que Jameson (1997) anunciou outrora sobre a cultura transformada na própria lógica do capitalismo contemporâneo. Contudo, a aprovação da convenção da Unesco em 2005, sobre a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais, proporcionou um reforço substancial do protagonismo contemporâneo da esfera cultural e seu enlace com as questões de desenvolvimento.

Yúdice (2013), com uma perspectiva mais ampla de cultura, mostra que essa função dada à cultura, de promover o desenvolvimento econômico nesta época globalizada, faz parte de um conceito expandido de cultura, no qual ela é tratada para resolver problemas que vão do político ao econômico, e com isso se exige um reforço sobre o papel das políticas públicas culturais nas estratégias de desenvolvimento.

## **5 Procedimentos metodológicos**

---

Neste capítulo, abordamos os procedimentos metodológicos que direcionam o processo de identificação, coleta e análise dos dados. Primeiramente, expomos a abordagem metodológica e analítica que respalda a análise. Em seguida, são apresentadas a estratégia e as táticas adotadas para a construção do arquivo e da coleta dos dados. Finalizamos o capítulo com as considerações quanto à qualidade da pesquisa.

### **5.1 Posicionando as bases epistemológicas da pesquisa**

A presente pesquisa se insere na orientação epistemológica pós-estruturalista. Adotou-se aqui a perspectiva crítica incorporada na investigação que respaldam nossa análise alinhando as concepções dessa abordagem. Segundo Williams (2012), o Pós-estruturalismo é visto como um movimento filosófico que pode ser compreendido por meio dos seus pensadores, pois abarca dentre várias concepções as operações desconstrutivas de Jacques Derrida, o pensamento do filósofo Michel Foucault e outros. Os pensadores pós-estruturalistas assumem uma posição divergente quanto às estruturas rígidas de como as sociedades funcionam ou devem funcionar. No Pós-estruturalismo, a verdade social está onde ela está mudando (EAGLETON, 2006; PETERS, 2000; WILLIAMS, 2012).

Ao resistir à ideia de verdade absoluta, os teóricos do Pós-estruturalismo criticam a ciência na condição de enunciação da verdade e exercem uma posição questionadora quanto ao papel da linguagem na realidade social e as suas formas linguísticas que conferem significados simbólicos, pois um signo produz uma pluralidade de sentidos e combinações que resultarão em diversos propósitos. A linguagem atua sob o sentido dos sujeitos, agindo

sob o seu controle e influenciando nas suas mais íntimas percepções e intenções (EAGLETON, 2006; PETERS, 2000; WILLIAMS, 2012).

Esse aspecto de resistir e trabalhar contra verdades e essências sobre o sujeito e a consciência ocorre por entender que tanto a consciência quanto o sujeito são construídos sócio-historicamente, e por meio de modos de discurso, sendo a verdade proveniente da relação de forças que se confrontam. Assim, o Pós-estruturalismo faz sua análise com base em um sistema de diferenças e identifica formas de poder na sociedade (EAGLETON, 2006; PETERS, 2000; WILLIAMS, 2012).

A teoria do Pós-desenvolvimento se propõe a questionar as definições do fenômeno do desenvolvimento e confrontar supostas verdades ou poderes que são construídos por meio de representações de uma dada realidade e, também, pelas relações de poder, apontando para as fragilidades que se apresentam nesses entendimentos sobre o conceito de desenvolvimento, uma vez que o sujeito constrói o meio sociocultural e é, ao mesmo tempo, construído por ele (ESCOBAR, 2012). Essa teoria e seus pressupostos se alinham à matriz pós-estruturalista, aproximação esta que favorece o embasamento do argumento deste trabalho.

A Análise de Discurso Foucaultiana se mostrou adequada para operacionalizar esta análise, uma vez que identifica as condições de uma verdade ao se debruçar sobre formações discursivas. Essa estratégia permite conciliar as premissas teóricas aqui adotadas (FOUCAULT, 2013A).

Considerando questões teórico-metodológicas e analíticas, este estudo está em consonância com a orientação teórica do método e da abordagem. O processo segue o caráter indutivo, ocorrendo a partir dos dados para a teoria e as interpretações feitas pela pesquisadora acerca dos significados dos dados (CRESWELL, 2010; FLICK, 2013).

## 5.2 Análise de Discurso Foucaultiana

Optamos por utilizar a Análise de Discurso Foucaultiana, desenvolvida pelo filósofo Michel Foucault. Tal estratégia se mostrou adequada para operacionalizar esta análise, porque evidencia as condições de uma verdade ao se debruçar sobre formações discursivas, além de fornecer a possibilidade de conciliar as premissas teóricas que foram adotadas.

A Análise de Discurso Foucaultiana busca identificar a condição existencial de uma verdade por meio da análise de unidades de discursos e formações discursivas que é composta de diferentes categorias analíticas. Assim, para realizar a análise, parte-se de um sistema geral composto por enunciados, denominado *arquivo*, e investiga-se a condição de existência de discursos e enunciados, produzidos e encontrados em determinada cultura e época, desvelando no interior desses discursos uma rede de relações que estabelecem regularidades, limites, validades e possibilidades de deslocamento e uso desses discursos (FOUCAULT, 2013A).

A Análise de Discurso Foucaultiana consiste em uma modalidade de análise de discurso do arquivo que corresponde ao primeiro ciclo de estudos de Michel Foucault, que desenvolveu outros dois eixos de estudo: a genealogia e a ética. Em linhas gerais, podemos dizer que o arquivo é o corpo da arqueologia e, como tal, corresponde a um sistema de enunciados que constituem os discursos em determinada sociedade (FOUCAULT, 2013A).

Utilizando tal análise, buscaram-se formas descontínuas dos discursos pronunciados nos acontecimentos discursivos (FOUCAULT, 2013A). O conjunto de enunciados que constituem o discurso se apoia sempre em uma mesma formação discursiva. Foucault (2013A) esclarece que o discurso, sendo constituído por um conjunto signos, não possui apenas um sentido ou uma verdade.

Ainda segundo Foucault (2013A), analisar enunciados não se trata de buscar uma interpretação para significados existentes no conjunto das representações, tampouco, busca

resgatar o que se foi dito. Um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido pode esgotar inteiramente, isso porque o enunciado e a língua não estão no mesmo nível de existência.

Enunciados não são frases, mas uma função que aparece em forma concreta no tempo e no espaço em seu exercício e condições, nas regras que controlam tal função e no campo em que se realiza. É preciso se deslocar do sistema do signo, embora este não apresente em si mesmo sua totalidade, mas apenas sua materialidade. Contudo, o enunciado não sendo oculto, nem por isso é visível (FOUCAULT, 2013A).

Foucault (2013A) define o **enunciado** como uma função que possibilita a um conjunto de signo se relacionar com um domínio de objetos e com outros enunciados, receber um sujeito possível e aparecer como materialidade repetível. O procedimento de revelar essas unidades no interior do arquivo é o primeiro procedimento da análise. Além do **enunciado**, o processo metodológico da arqueologia se dá em mais três níveis: o da **função enunciativa**, o das **regras** e o da **formação discursiva** que será revelada por meio da dispersão das regras (FOUCAULT, 2013A).

A **função** contida em cada enunciado no campo discursivo significa a condição de ação de cada elemento no interior dos enunciados nas práticas discursivas. Revelar essa função só é possível a partir da análise de suas relações com o contexto. Por isso, na descrição de um enunciado deve-se considerar sempre uma função enunciativa, que é uma condição de existência do enunciado (FOUCAULT, 2013A).

As **regras** de formação que caracterizam uma formação discursiva regulam os atos discursivos. Segundo a definição de Foucault (2013A), essas regras são estabelecidas pelas condições a que estão submetidos os seus elementos apresentados em quatro critérios: 1) formação dos objetos, 2) modalidade de enunciação, 3) formação dos conceitos e 4) escolhas estratégicas.

Foucault (2013A) explica que tais regras correspondem aos quatro domínios em que se exerce a função enunciativa e que relacionados entre si formam práticas discursivas. As regras formadas a partir desses critérios são estabelecidas pelas condições de existência e de coexistência, de manutenção e de modificação, de desaparecimento em uma dada repartição discursiva.

Assim, as formações dos objetos são suscetíveis ao conjunto de regras do campo discursivo, e suas condições de aparecimento permitem o seu desenvolvimento histórico. São definidos a partir de critérios de emergência de delimitações e especificações dos enunciados. O critério para a formação de objetos de um discurso depende de existência de regras de formação para o seu objeto, para as suas operações, para os seus conceitos e para as suas opções teóricas. Distingue-se uma formação discursiva definindo esse conjunto de regras (FOUCAULT, 2013A).

A **modalidade** enunciativa representa posições diversas no campo discursivo. Compreende um sistema de relações que evoca o sujeito do discurso e o nível de autoridade de quem fala, ou seja, quem se pronuncia, e de onde este enunciado se manifesta. Isso indica *status* e posições em relação ao conjunto da sociedade. Foucault reforça que a modalidade enunciativa não está relacionada a um sujeito singular, mas, a diversas instâncias e posições descontinuas dos planos de onde se fala (FOUCAULT, 2013A).

Os **conceitos** dizem respeito às regras que tornam possível o aparecimento de certas noções, a condição de emergência e dispersão no campo discursivo. Refere-se às diversas disposições enunciativas e às formas de coexistência histórica e definição de procedimento e métodos de sistematizações, conforme o que constitui um sistema de formação conceitual depende sempre da ordenação do campo discursivo e sua ligação quanto à forma de hierarquia e subordinação que regem os enunciados e suas relações (FOUCAULT, 2013A).

A **estratégia** se refere a temas e teorias pelas quais o discurso é guiado. Revela o conjunto de regras que determina as escolhas temáticas que é capaz de efetivar a unidade do discurso no campo discursivo. As regras de formação são sistematizadas em relação aos domínios de seus objetos, dos conceitos e das modalidades enunciativas em virtude do sistema de formação de suas escolhas estratégicas (FOUCAULT, 2013A).

A partir das regras e por meio do relacionamento entre enunciados e funções são encontradas as formações discursivas. Uma **formação discursiva** consiste no princípio da multiplicidade e da dispersão das regras, determina uma regularidade própria do processo temporal e coloca uma série de acontecimentos, transformações, mutações e processos em um sistema organizado em uma área de conhecimento (FOUCAULT, 2013A).

Busca-se através da análise dessas práticas discursivas evidenciar essas relações de discursos a partir da correlação das condições de existências dos enunciados, tendo em vista que o discurso constitui o social e se apresenta por meio das práticas dos sujeitos, acessar discursos permite o acesso da realidade social. Dessa forma, a arqueologia analisa os discursos enquanto práticas, obedecendo às regras de formação dos objetos, das modalidades enunciativas, dos conceitos e estratégias (FOUCAULT, 2013A).

### **5.3 Planejamento de pesquisa**

Apresentamos nesta seção o procedimento analítico com base na Análise de Discurso Foucaultiana. Em seguida, fazemos uma exposição detalhada do processo da construção do arquivo, seguida da exposição dos pontos que são adotados como critérios de qualidade da pesquisa.

### 5.3.1 Construção do arquivo

Para que pudéssemos realizar a análise, partimos de um conjunto de dados que Foucault (2013A) denominou *arquivo*. A construção do arquivo representa o conjunto dos discursos pronunciados capazes de revelar as práticas discursivas, esses discursos analisados permitiram o aparecimento dos enunciados em nossa análise.

Para compor o arquivo foram utilizados dados secundários disponíveis na Internet. O uso de documentos eletrônicos permitiu acessar mais rapidamente os dados, sem precisar transcrevê-los, além de facilitar o seu armazenamento (BAUER & AARTS, 2010; CREWELL, 2010; FLICK, 2013). Na Análise de Discurso Foucaultiana, esse conjunto de documentos que compõem o arquivo, os quais trazem em si os discursos estudados, leva em consideração o momento específico em questão (FOUCAULT, 2013A).

Foi escolhido como fonte documental o conjunto de notícias que abordaram temáticas relacionadas à Bomba do Hemetério publicadas no período entre 2008 e 2015. O recorte temporal se justifica pela ocorrência das ações de desenvolvimento local que foram implantadas na comunidade ocorridas no período de 2008 a 2011, considerando que o bairro se constituiu como polo criativo em 2011 e que o plano de economia criativa foi elaborado para o período de 2011 a 2014, como mencionado anteriormente. Além disso, como o interesse era acessar os discursos enquanto práticas, pois eles revelam a realidade estudada, foram coletados dados informativos que mencionassem tanto alguma ação realizada no bairro quanto a ação dos agentes envolvidos, procedimento que revelou informações pertinentes aos acontecimentos e orientou acerca de como esses agentes agiram em função de suas práticas. Como o limite desta pesquisa estabelece que a coleta de dados seria efetuada através da Internet, optou-se por efetuar a coleta de forma variada e abrangente.

A decisão de selecionar dados preliminares e analisar a sua variedade facilitou a nossa busca de documentos, permitiu o acesso a mais variedades e auxiliou na definição do que

seria mais relevante para cumprir nosso objetivo. Essa variedade é pertinente na pesquisa qualitativa, considerando os critérios de qualidade da pesquisa quanto à sua representatividade (BAUER E AARTS, 2010; CRESWELL, 2010).

Assim, por meio desses discursos oriundos dessas diversas vozes presente no campo discursivo, acessamos a cultura carnavalesca da Bomba do Hemetério. Como o entendimento partiu do princípio de que essa cultura assume grande representatividade local, nela também se concentra a maioria das atividades exercidas pela população local. O armazenamento dos dados possibilitou usá-los mesmo que não estivessem mais disponíveis na Internet, procedimento permitiu também a condição de manipulá-los sempre que fosse necessário. Para a coleta, foi usado o *site* de busca Google, com a utilização de palavras-chaves. Além de diferentes fontes que totalizou o apanhado geral do arquivo formado por 206 documentos de *sites* jornalísticos de cobertura regional e nacional. As notícias se referem a textos jornalísticos em geral envolvendo a posição de diferentes agentes. A seguir, é apresentado o Quadro 1, contendo o levantamento das diferentes fontes utilizadas.

**Quadro 1 (5) Fontes informativas**

<b>Portais de notícias</b>		<b>Blogs - sites jornalísticos</b>	
Portal Rádio Cultura	1	Blog PE Cultural	3
Portal R7	4	<i>Blog</i> João Alberto	2
Portal UOL	5	<i>Blog</i> Roberta Jungmann	5
Portal NE10	15	<i>Blog</i> PE da Gente	1
Leia Já	13	<i>Web site</i> PEGN-Globo	1
JC Online	8	<i>Blog</i> Acha Notícias	1
Globo PE	3	<i>Blog</i> do Vermelho	2
Portal G1	39	<i>Blog</i> do Roberto Santos	2
Folha PE	5	<i>Blog</i> Carlos Brito	2
Portal EBC - Brasil	3	<i>Blog</i> PE no Carnaval	2
Dario de PE	16	<i>Blog</i> da Besta Fubana	1
Jornal Tribuna	1	<i>Blog</i> do Frevo	2
Terra	2	<i>Blog</i> O Som de Pernambuco	1
Jornal Correio do Brasil	3	<i>Blog</i> Ricardo Schott	1
Correio Brasiliense	1	<i>Blog</i> Acontece em Petrópolis	1
Rede Brasil	3	<i>Blog</i> eco Cidades	1

**Fonte:** Elaborado pela pesquisadora (2015)

**Quadro 1 (5)- Fontes informativas (continuação)**

Gazeta evidência	1	<i>Blog do Magno</i>	2
CBN Recife	2	<i>Site do Teatro Santa Izabel</i>	2
Manchete <i>online</i>	1	<i>Blog Revista Continente</i>	3
Folha do Cerrado	1	<i>Site CCBA</i>	1
Pernambuco.com	2	<i>Blog Revista Click</i>	3
Correio da Paraíba	1	<i>Blog Agenda Cultural</i>	1
Jornal de Caruaru	1	<i>Blog Fernando Barbosa</i>	2
		<i>Blog Curta PE</i>	3
		<i>Blog Edmar Lyra</i>	1
		<i>Blog Carnaval Recife</i>	2
		<i>Blog A Pauta</i>	3
		<i>Blog Henrique Barbosa</i>	2
		<i>Blog turismo PE</i>	1
		<i>Blog Adeilton Meira</i>	2
		<i>Blog Over Mundo</i>	1
		<i>Blog PE Para o Mundo</i>	2
		<i>Blog Zona Norte do Recife</i>	2
		<i>Blog Acontece PE</i>	3
		<i>Site Paço Alfândega</i>	1
		<i>Blog Marcos Leite</i>	2
		<i>Blog Quilomblog</i>	1
		<i>Site Olhar Direto</i>	2
		<i>Site Casa do Carnaval</i>	1
		<i>Blog Sérgio Xavier</i>	2
		<i>Blog Fazenda Turismo</i>	2
		<i>Site PE Desenvolvimento</i>	2
	131		75

**Fonte:** Elaborado pela pesquisadora (2015)

Neste estudo foi utilizado o suporte do *software* NVivo versão 10. Com o uso desse programa, foi possível arquivar, classificar e manusear os dados coletados. O programa permitiu, além do manuseio, agilidade no processo de busca. Além de disso, permitiu localizá-los de forma rápida e auxiliou na etapa de cruzamento de dados e visualização das possíveis relações entre eles. Como nos mostra Lage (2011), programas do tipo Computer-Aided Qualitative Data Analysis Software (CAQDAS) são importantes, porque facilitam as tarefas de descrição. Contudo, vale ressaltar que, na etapa da análise em que conectamos os feixes de relações entre enunciados, funções, regras e as formações discursivas, não foi necessário recorrer ao *software*.

### 5.3.2 Procedimentos analíticos

Considerando que a Análise de Discurso Foucaultiana, conforme apontado pelo próprio pensador, apresenta uma lógica, mas não evidencia a operacionalização do procedimento analítico, foi proposto recorrer à maneira como Leão e colegas têm se utilizado deste procedimento (CAMARGO E LEÃO 2015A; 2015B; COSTA E LEÃO, 2011; 2012; 2013). A partir da organização analítica utilizada nos seus trabalhos, esse planejamento de pesquisa ganhou forma. Esse processo ocorreu em quatro etapas: com o desvelamento dos enunciados, suas funções e regras e depois com a identificação das formações discursivas.

Na primeira etapa se evidenciam os **enunciados** que, *a priori*, encontravam-se deslocados ou "suspensos" e que acabaram revelados no procedimento de leitura e releitura dos dados. Com o aparecimento dos enunciados presentes em cada texto, ainda nesta etapa passamos a descrevê-los em uma lista. Concluído esse processo, os resultados foram discutidos entre os pesquisadores para validação do grupo de enunciados. Esse debate permitiu que retornássemos à releitura dos dados e só após nova validação foi possível avançar com a análise.

Na segunda etapa, identificamos as **funções** enunciativas. Tal etapa ocorreu quase que simultânea à dos enunciados, mas não se deu o mesmo com a validação do conjunto de funções. Com esse procedimento, amplia-se subjetivamente a análise, pois, para realizá-la, tomamos por base as descrições dos enunciados já encontrados. Esse procedimento ocorreu meramente por inferência e acabou por revelar a intencionalidade de cada enunciado no discurso, antes não visíveis no texto. Após a descrição das funções, passa-se para a validação entre os pesquisadores. Assim, como ocorreu com os enunciados, retomamos a análise e novamente a validação dos pesquisadores.

Na terceira etapa, evidenciam-se as regras de formação. Para isso, foram identificados os quatro critérios delineados por Foucault (2013A). Uma vez que o discurso se baseia na

unidade do **objeto**, na forma de **modalidade**, na permanência de determinados **conceitos** e de determinada **estratégia**, partimos da análise do agrupamento de enunciados e funções para descrever as relações daquilo que se mostrou ao fim desta etapa: as regras de formação. Essa etapa ocorreu por meio de análise sintagmática e pelos processos de validação dos pesquisadores.

Após encontrarmos as regras, partimos para a quarta etapa: o desvelamento das formações discursivas que se deu por meio das regras. Essa etapa ocorreu após a descrição sistemática de cada regra. Assim como a descrição de suas relações em cada feixe de enunciados, além de sua ilustração por meio de um gráfico, esses procedimentos permitiram a validação dessa etapa por parte dos pesquisadores.

Ainda baseado nos trabalhos de Leão e colegas (CAMARGO E LEÃO 2015A; 2015B; COSTA E LEÃO, 2011; 2012; 2013), além de descrever as formações discursivas, as regras de formação dos critérios objeto, modalidade, conceito e estratégia, função enunciativa e enunciados, e suas relações, também demonstramos, através de mapas, todas as correlações entre o que foi revelado por meio da análise. Assim, cada formação discursiva foi apresentada através de suas relações.

Além dos mapas de relação, é apresentada para cada formação discursiva sua descrição analítica a partir da validação dos pesquisadores. Cada procedimento realizado e descrito aqui corresponde funcionalmente à demonstração dos resultados da pesquisa no capítulo 6.

### **5.3.3 Critérios de qualidade da pesquisa**

Tendo em vista o caráter da pesquisa qualitativa e sua particularidade quanto à certificação de seus resultados analíticos, buscamos assegurar os critérios de qualidade da

presente pesquisa utilizando a reflexividade, a triangulação e a descrição rica e detalhada (PAIVA JR. ET AL., 2011)

A reflexibilidade e atitude autorreflexiva foi utilizada durante todo processo. Com isso, ao longo do processo se operacionalizam as descrições minuciosas que nos permitiram retomar constantes questionamentos, evitando, com isso, informações pré-concebidas. Assim, o procedimento analítico se deu por etapas, o que possibilitou a condição de descrever detalhadamente cada uma delas, assim como a reorganização da análise quando necessária. (CRESWELL 2010; PAIVA JR. ET AL., 2011).

Como segundo critério, foi usada a triangulação que foi feita através da validação da análise pelo orientador (DENZIN & LINCOLN, 2005; PAIVA JR. ET AL., 2011). Essa etapa ocorreu com várias rodadas de análises e retorno aos dados, ocasionando contínuas reflexões que permitiram estabelecer níveis de significação acerca do material analisado. Esse processo também possibilitou reduzir às inconstâncias e contradições na interpretação. Com o entendimento das visões da pesquisadora e o orientador que validou cada etapa da análise, os questionamentos resultaram em reorganizações da análise.

Por fim, o outro critério utilizado foi a descrição rica e detalhada de cada procedimento da análise, que permite ao leitor compreender melhor como se procedeu as diferentes situações durante a análise. Com esses procedimentos, é possível chegar a um resultado desta investigação atendendo aos critérios de qualidade da pesquisa (CRESWELL 2010; GUION, DIEHL & MCDONALD, 2011; PAIVA JR ET AL., 2011).

## **6 Descrição dos resultados da pesquisa**

---

Neste capítulo, apresentamos a interpretação dos dados e os resultados obtidos na pesquisa. Iniciamos com a descrição dos enunciados, funções enunciativas, critérios de regras e as regras que embasam as formações discursivas que foram reveladas em nossa investigação. Na sequência, apresentamos as formações discursivas e as relações de cada feixe que nos levaram a revelá-las. Para elucidar a explicação de cada formação, colocamos exemplos retirados do arquivo e apresentamos os mapas de relações de cada formação que apareceu na análise.

### **6.1 Descrição das formações discursivas e os seus elementos constitutivos**

O primeiro elemento revelado na análise se refere aos enunciados. Eles são as unidades discursivas no interior do arquivo que indicam uma dada verdade no campo em que se realizam. Aqui, eles foram transcritos de acordo com as proposições afirmativas, denominando um sujeito possível. Como esses enunciados não estão isolados nesse campo, é possível apresentar, além de sua descrição conceitual, uma explicação que permite mostrar suas características e uma noção do contexto no qual foram encontrados, o que indica a quais discursos se proferem. Foram identificados doze enunciados, conforme ilustra o Quadro 2 (6).

Quadro 2 (6) - Enunciados

Enunciados	Descrição
A Bomba do Hemetério abriga agremiações carnavalescas de cultura indígena e afrodescendente.	Diz respeito à presença de grupos que se caracterizam por suas raízes étnicas, religiosas e culturais, expressas por meio de suas manifestações. Nos nossos achados, isso se apresenta tanto no número significativo desses grupos, que desfilam no carnaval local, quanto em divulgações sobre tribos indígenas e grupos afros que possuem sede no bairro.
A Bomba do Hemetério é reconhecida pela diversidade de suas manifestações carnavalescas.	Diz respeito à cultura carnavalesca local, que foi reconhecida e valorizada por sua pluralidade. Esse reconhecimento ocorre tanto no âmbito local quanto nacional. Nos nossos achados, apresenta-se em documentos que ressaltam os diversos tipos de manifestações dos mais de 50 grupos existentes na localidade, tendo como exemplo os cortejos carnavalescos de maracatus, troças, clubes e agremiações carnavalescas centenárias.
A Bomba do Hemetério é promovida pelo Maestro Forró e sua orquestra.	Diz respeito à cultura local que é divulgada pelo Maestro e sua orquestra, por meio de suas composições, apresentações e letras de músicas que, por vezes, exaltam as características culturais do bairro, por exemplo, o <i>CD Jorrando Cultura</i> , que em todo o repertório faz referência à Bomba do Hemetério. Nos nossos achados, isso se evidencia em diversas reportagens que ressaltam suas apresentações fazendo um resgate da diversidade de ritmos musicais, como o maracatu, frevo, caboclinho, coco e a ciranda, entre outros, demonstrando uma reunião de ritmos da cultura popular.
A Bomba do Hemetério se tornou um polo criativo pelo potencial econômico de sua cultura.	Afirma que a cultura é a principal fonte do potencial criativo da Bomba do Hemetério. Assim, criatividade e cultura são usadas em favor da economia local. Nos nossos achados, isso é evidenciado por meio de comentários de agentes de iniciativa privada e pública, como o IADH, o IWM, a Prefeitura do Recife, além de um estudo divulgado por Selma Lima, de 2011, sobre polos criativos do Brasil.
A Bomba da Hemetério tem seu desenvolvimento local baseado no <i>Programa Bombando Cidadania</i> .	Diz respeito à intervenção no desenvolvimento local realizada pelo IWM, em parceria com o poder público (governo do Estado Prefeitura do Recife, Mtur), instituições nacionais e internacionais e organizações não governamentais. Isso é verificado nos dados mediante a realização de várias atividades para produzir produtos e serviços, criar eventos e reformular operações e práticas dos grupos culturais, com a finalidade de fortalecer a economia local em prol do desenvolvimento e também no livro do IADH (experiência de desenvolvimento local da Bomba de Hemetério) e <i>site</i> do IWM.
A Bomba do Hemetério tem manifestações que expressam a cultura pernambucana.	Argumenta que as manifestações culturais existentes na Bomba do Hemetério são representativas da cultura popular pernambucana, cuja significação do espaço social onde convivem agrupa uma diversidade de agremiações que expressam essa cultura. Isto está presente nos dados em comentários que revelam o referencial simbólico de muitos desses grupos, que fortalecem o patrimônio cultural local, como os maracatus, o reisado, a orquestra de frevo, o coco e o afoxé.

Quadro 2 (6) - Enunciados (continuação)

Enunciados	Descrição
A Bomba do Hemetério tem grupos culturais de sucesso.	Alega que os grupos culturais da Bomba do Hemetério têm um talento reconhecido para além da comunidade local. Isso foi evidenciado nos achados pelos comentários que ressaltam as apresentações desses grupos em diversos eventos nacionais e internacionais, durante todo o ano e não apenas no Carnaval.
A Bomba do Hemetério teve investimentos do governo e da iniciativa privada para estabelecer um roteiro turístico de base comunitária.	Profere que o turismo de base comunitária partiu de uma articulação do Governo e da iniciativa privada para gerar renda e emprego para essa comunidade. Nos achados, isso se evidencia tanto em argumentos que ressaltam o roteiro turístico como uma experiência cultural oferecida pelos grupos culturais, quanto nas declarações que elogiam a postura do governo municipal e da iniciativa privada pelos seus interesses em promover a cultura local.
Na Bomba do Hemetério, a cultura local é transformada em produtos turísticos.	Afirma que as manifestações culturais foram formatadas como produtos para serem comercializados com o propósito de movimentar a economia local. Isso foi apontado nos dados pelas atividades que foram realizadas pelos grupos culturais no bairro: as novas propostas de apresentações culturais das agremiações carnavalescas.
Na Bomba do Hemetério, as sedes dos grupos culturais se tornaram atrações turísticas.	Diz respeito ao modo como os grupos culturais locais se adequaram à nova maneira de utilizar seus espaços-sedes para receber grupos de turistas. Isso está presente em declarações que apresentam as propostas de atrações dos estabelecimentos, como a degustação de comidas preparadas nos terreiros, adereços e apresentações das agremiações que realizaram parcerias com instituições privadas e públicas, para o revigoramento e promoção de eventos turísticos.
Na Bomba do Hemetério, os grupos culturais reconfiguraram suas atividades para torná-las lucrativas.	Aponta que devido às ações de desenvolvimento realizadas no bairro os grupos culturais modificaram suas atividades culturais para impulsionar a economia local, motivados pela possibilidade de se obter lucro. Isso ficou evidenciado por argumentos que evocam o uso da cultura local para gerar emprego e renda.
Na Bomba do Hemetério, os mestres populares são guardiões dos saberes da cultura local.	Diz respeito aos modos como o conhecimento cultural local é armazenado, protegido como relíquia por conhecedores dos fazeres locais. Nos nossos achados, isso se apresenta por meio de comentários que enaltecem tanto os saberes quanto os fazeres desses mestres, a partir de homenagens prestadas e ações que invocam seus conhecimentos culturais.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015)

O segundo elemento revelado na análise se refere as funções enunciativas revelam a condição de ação de cada enunciado nas práticas discursivas, por isso pode existir nesse

campo uma função para mais de um enunciado, e por representar uma ação, sua descrição inicia sempre com um verbo no infinitivo. Identificamos cinco funções e apresentamos uma descrição conceitual de cada uma, como ilustra o Quadro 3 (6) a seguir.

**Quadro 3 (6) - Funções enunciativas**

<b>Funções</b>	<b>Descrição</b>
Atribuir valor à cultura local.	Exerce a função de estabelecer valor econômico às manifestações culturais para promover a cultura para criar oportunidade de geração de emprego e renda. Esta função se apresenta em enunciados que postulam a cultura como fonte de desenvolvimento para garantir o crescimento e que invocam a riqueza cultural local para produção e circulação de produtos com o propósito de atrair rendimentos financeiros.
Defender as raízes da cultura local.	Cumprir a função de proteger o patrimônio cultural local por reconhecer a importância de preservar a coexistência dessas culturas. Esta função se evidencia em enunciados que pronunciam a preservação dos costumes culturais locais, que ressaltam as manifestações culturais e intentam para o fortalecimento dos aspectos étnicos, sociais e religiosos.
Demonstrar articulação política.	Executa a função de demonstrar ações que evidenciam a participação de parcerias com ações integradas de instituições públicas, privadas, empresas de fomento e ONGs que planejam e operacionalizam os projetos de desenvolvimento. Tal função é revelada em enunciados que comprovam as iniciativas e fundamentam as ações para o fortalecimento econômico da comunidade.
Divulgar características da cultura local.	Encarrega-se da função de evocar a cultura com vistas a popularizar suas práticas. Em nossos achados, tal função é revelada em enunciados que ressaltam os atrativos locais, enaltecendo as manifestações e tradições culturais.
Potencializar ações culturais.	Desempenha a função de estabelecer ações de economia criativa que gerem produtos, serviços e negócios que otimizem os rendimentos da comunidade local e com isso promovem o desenvolvimento. Isso fica evidenciado em enunciados que demonstram a criação e implantação de projetos e atividades, a realização de fomentos e programas destinados a gerar empregos e renda para aumentar o padrão de vida da comunidade da Bomba do Hemetério.

**Fonte:** Elaborado pela pesquisadora (2015)

O terceiro elemento revelado na análise se refere as regras e seus critérios. A análise do conjunto de enunciados e suas funções fez surgir as regras de formações, que foram formadas pelo grupo de critérios composto de: objetos, conceitos, modalidade e estratégia.

Por isso, primeiro foram descritos os critérios utilizando substantivos ou locuções substantivas. Em seguida, foi apresentada uma descrição conceitual de cada um. Nessa etapa, foram revelados seis objetos, quatro conceitos, cinco modalidades e quatro regras, conforme ilustra o Quadro 4 (6).

**Quadro 4 (6) - Critérios de regras**

<b>Objeto</b>	
Cultura como recurso.	Diz respeito ao uso da cultura local como catalizadora do desenvolvimento.
Potencial criativo.	Diz respeito à forma como a cultura local foi ressignificada se tornando um potencial criativo para atender à lógica comercial local, no entanto reforçada por um apelo global.
Cidadania.	Diz respeito aos benefícios sociais promovidos pelo desenvolvimento aos cidadãos no exercício da cidadania, evidenciados pelos direitos e deveres dos atores locais por meio da gestão ambiental, qualidade vida e responsabilidade social.
Manifestação cultural.	Diz respeito à cultura local e suas expressões.
Herança cultural.	Diz respeito ao cultivo dos hábitos culturais que foram historicamente construídos, repassados e herdados por aqueles descendentes que convivem ou conviveram com a cultura local.
Produto turístico.	Diz respeito aos produtos criados por meio da cultura local.
<b>Conceito</b>	
Gestão pública.	Refere-se às ações do governo para gerir os recursos necessários para o desenvolvimento econômico local.
Lógica econômica.	Refere-se às operações de fins mercadológicos dali derivados.
Bem-estar.	Refere-se à mudança social e econômica trazida pelo desenvolvimento local.
Saberes e fazeres.	Refere-se ao legado de condutas, costumes, normas e valores produzidos no cotidiano da cultura local.
<b>Modalidade</b>	
Regulamentação.	Expressa o modo como o governo age para realizar ações de desenvolvimento econômico e promover a mudança.
Adaptação.	Revela as condições de adequação às novas situações para se atingir o desenvolvimento.
Orientação.	Expressa o modo de comportamento social, econômico, cultural e político incluídas na proposta de desenvolvimento.
Preservação.	Revela a condição para se manter os costumes, as crenças e os valores da cultura local protegidos e, com isso, preservar a tradição.
Incentivo.	Diz respeito ao que está associado na realização de parcerias para promover o desenvolvimento econômico.
<b>Estratégia</b>	
Gerenciamento da cultura.	Demonstra as medidas relacionadas à cultura, seja no plano local, regional, nacional ou internacional nas ações de

	desenvolvimento.
Sabedoria popular.	Revela as experiências e práticas cotidianas da cultura local.
Mudança político-econômico-cultural.	Revela a dinâmica de estabelecer meios pertinentes relacionados à promoção e à proteção das expressões culturais, com vistas a se adequar ao desenvolvimento.
Intercâmbio cultural.	Demonstra a tática de desenvolver interações simbólicas evidenciadas pela gestão e promoção de expressões culturais.

**Fonte:** Elaborado pela pesquisadora (2015)

Como exposto, os critérios de regras fizeram surgir as regras de formação. Para descrevê-las, também foram utilizados substantivos ou locuções subjetivas. Foram reveladas quatro regras de formação presentes no campo discursivo, como ilustra o Quadro 5 (6).

**Quadro 5 (6) - Regras de formações**

<b>Regras</b>	
Política cultural.	Esta regra reflete a relação entre cultura e desenvolvimento, a partir da formulação e implementação de políticas culturais. Essas políticas tratam tanto da promoção quanto da preservação da cultura local.
Instrumentalização da cultura.	Esta regra reflete a condição de atingir o desenvolvimento econômico e suas implicações na cultura local. Tal desenvolvimento ocorre via regulação e reformulação da cultura.
Cultura local.	A regra reflete a cultura local indissociável dos seus sistemas de valores e crenças que indica a condição de sobrevivência das tradições locais.
Diversidade criativa.	Esta regra reflete a relação entre cultura e criatividade e indica que expressões culturais locais estão sendo concebidas como fonte de criação de produtos e serviços culturais para gerar desenvolvimento econômico.

**Fonte:** Elaborado pela autora (2015)

Por fim, essas regras nos mostraram as formações discursivas no encadeamento do campo discursivo, que, por sua vez, demonstra a condição de existência dessas verdades desveladas pelos enunciados. As regularidades entre objetos, conceitos, modalidades e estratégias fundamentam as regras de formações, visto que partem das relações entre enunciados, funções e dos critérios de regras.

As formações discursivas resultam, então, dessa condição de dispersão das regras, que apontaram a existência de três formações discursivas. Essas formações são apresentadas na próxima seção. Demonstramos a seguir, no Quadro 6 (6), a relação dessas regras com os critérios apresentados e como elas resultaram dessas relações.

**Quadro 6 (6) - Relação entre critério de regras e regra**

	Objetos					Conceitos					Modalidades				Estratégias				
	Cultura como recurso	Potencial criativo	Cidadania	Manifestação cultural	Herança cultural	Produto turístico	Gestão pública	Lógica econômica	Bem-estar	Saberes e fazeres	Regulamentação	Adaptação	Orientação	Preservação	Incentivo	Gerenciamento da cultura	Sabedoria popular	Mudança político-econômica-cultural	Intercâmbio cultural
Cultura local			X	X	X					X				X			X		
Instrumentalização da cultura	X	X				X		X				X	X					X	
Política cultural	X	X	X	X		X	X	X	X		X	X			X	X		X	X
Diversidade criativa	X	X		X		X	X	X	X		X	X	X		X	X		X	X

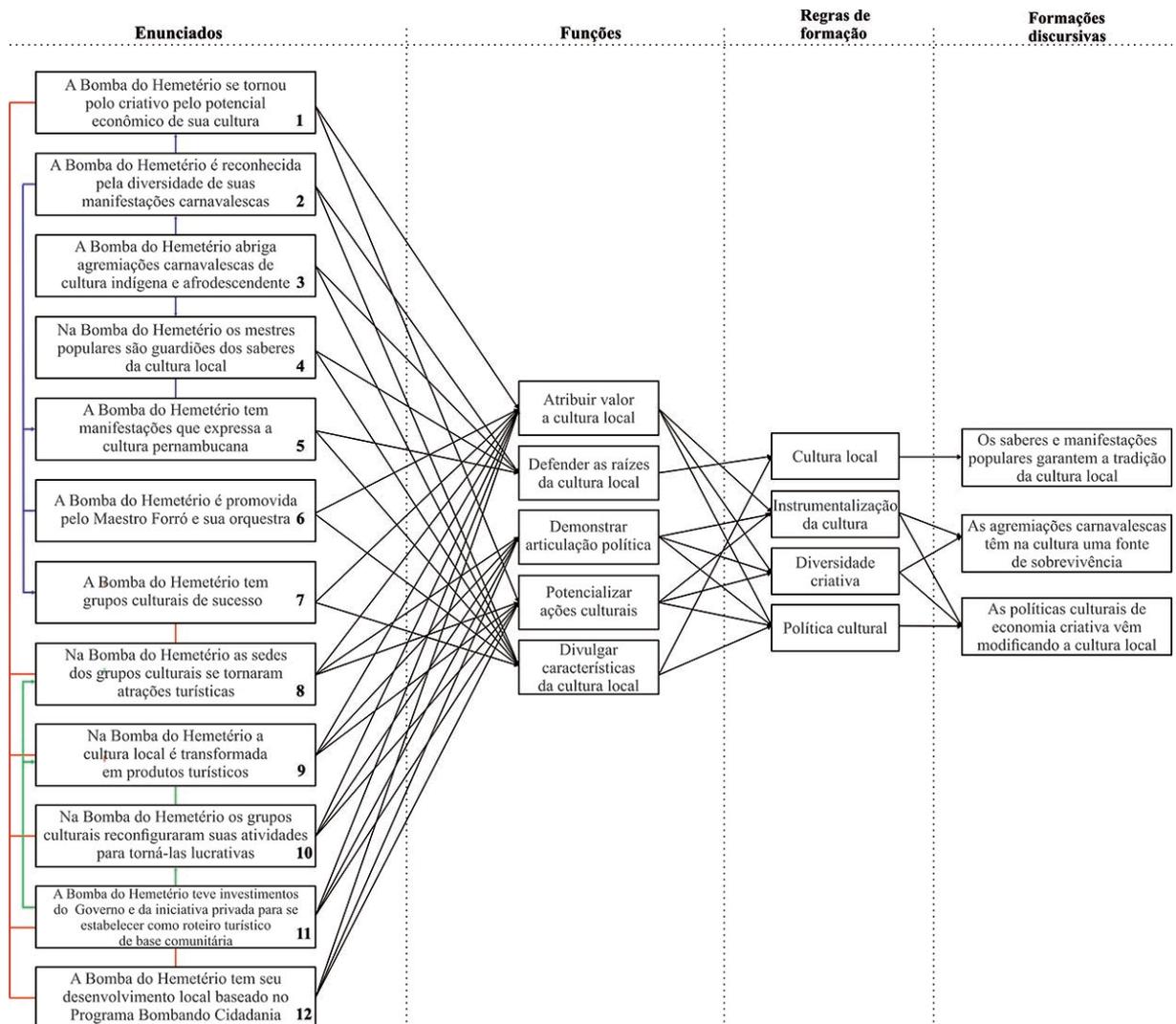
**Fonte:** Elaborada pela autora (2015)

## 6.2 As formações discursivas

Nossa análise levou à identificação das formações discursivas evidenciadas pelos processos de relações. Das quatro regras de formação, três estão visivelmente apoiando a formação discursiva que confirma a reconfiguração de atividades culturais locais pelos processos de economia criativa, enquanto uma das regras sustenta a formação discursiva que aponta para a cultura carnavalesca como fonte de tradições da cultura local e que busca preservar suas raízes culturais. Duas regras de formação sustentam à formação discursiva que

reconhece a cultura carnavalesca como uma fonte de sobrevivência para assegurar ganhos financeiros. Apresentamos na Figura 1(6) os feixes de relações dessas três formações.

**Figura 1 (6) - Mapa de relações das formações discursivas**



**Fonte:** Elabora pela autora (2015)

A análise apontou a existência de 12 enunciados, 5 funções, 4 regras e 3 formações discursivas, como demonstrado na Figura 1 (6) acima. A primeira coluna se compõe de enunciados e as suas relações entre si, que estão destacadas por cores. A relação entre eles pode ser de dois tipos: incidentes (referem-se àqueles enunciados que explicam outros, conectados por seta) e síncronas (aqueles enunciados reciprocamente explicativos, conectados por reta). A segunda coluna é composta pelas funções discursivas, conectadas aos enunciados

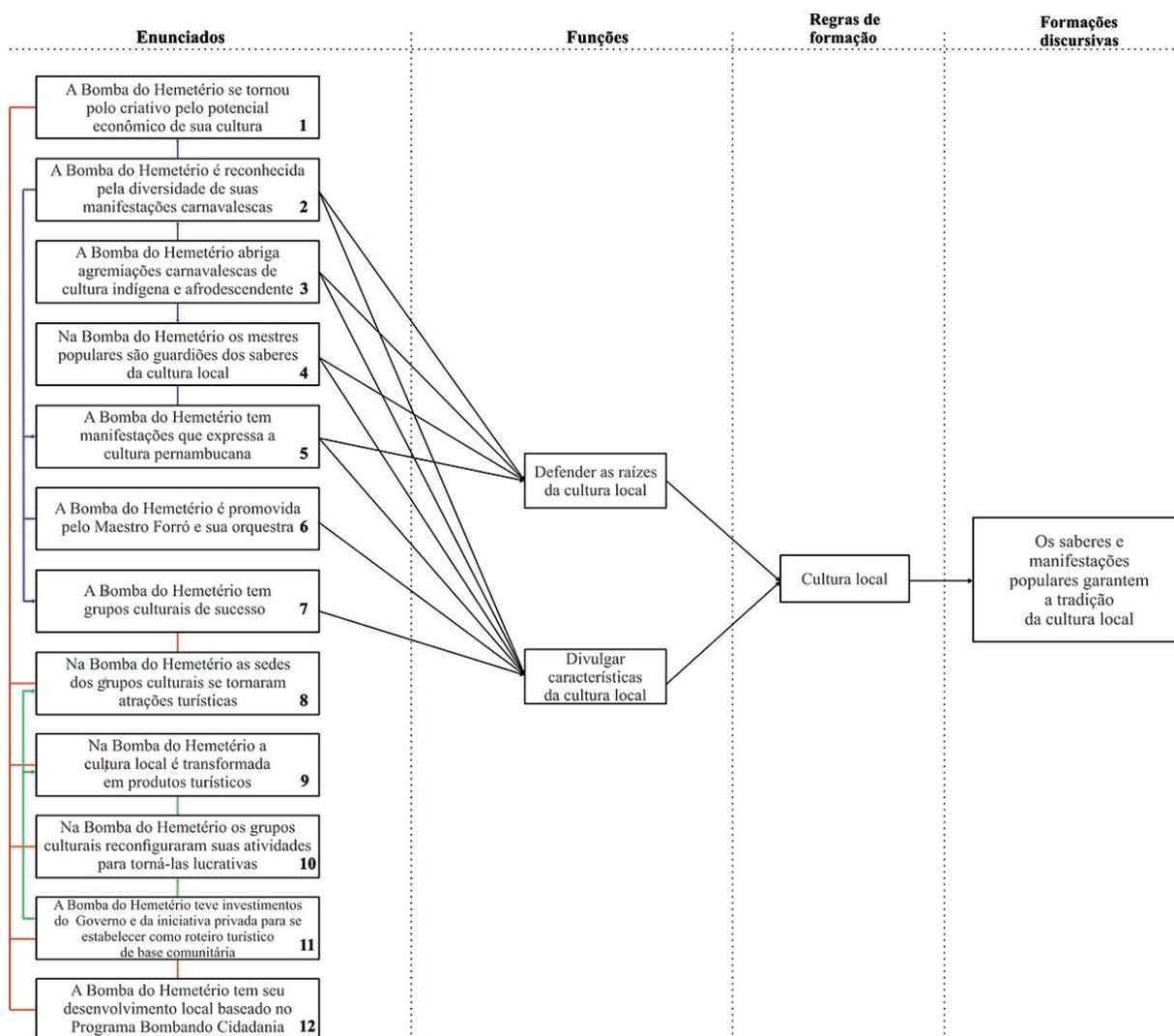
com os quais se relacionam. Na terceira coluna, temos as regras de formação que foram evidenciadas pela relação entre enunciados e suas relações, e, por fim, as formações discursivas. Optamos por apresentar nas próximas subseções um relato a partir de cada formação. Para tanto, apoiamos nossa análise na teoria do Pós-desenvolvimento e mostramos ilustrações a partir dos dados.

### **6.2.1 Os saberes e as manifestações populares garantem a tradição da cultura local**

A formação discursiva **os saberes e as manifestações populares garantem a tradição da cultura local** está ancorada pela regra de formação **cultura local** e está alinhada às categorias analíticas **cultura local, população e igualdade**. Esses conceitos fazem uma menção aos modos de vida locais que abrangem a discussão feita na seção 2.2.1 (*vide* capítulo 2). Segundo a teoria do Pós-desenvolvimento, a noção de cultura parte do lugar, conforme se refere aos modos de vida locais construídos, sobretudo, pelos dramas e imaginários vividos pelos participantes desta cultura, ou seja: o lugar de vivência de uma dada população. A cultura e o conhecimento baseiam-se em processos históricos e linguísticos e retêm as especificidades do lugar. Assim, as práticas sociais e econômicas são baseadas na experiência e concepção de semelhança desses modos de vida. Essa cultura, mesmo que exposta às narrativas de processos globalizantes, delimita suas categorias resistindo relativamente ao modo de saber universalizante (CANCLINI, 2003; DUDEN, 2010; ESCOBAR, 2005; LUMMIS, 2010). Dessa forma, a cultura popular local se origina das relações profundas entre a comunidade do lugar e o seu meio natural, social e econômico. Os saberes e as manifestações populares garantem a tradição da cultura local e resultam, portanto desse entendimento, uma vez que essa formação diz respeito às práticas baseadas no lugar, no modo operante que delimita e reafirma as raízes culturais locais.

A Figura 2 (6) ilustra essa formação a partir dos seus feixes de relações entre funções, enunciados relacionados entre si.

**Figura 2 (6) - Mapa de relações da primeira formação discursiva**



**Fonte:** Elaborada pela pesquisadora (2015)

Esse grupo de relações é ancorado pelas funções enunciativas **defender as raízes da cultura local** e **divulgar características da cultura local**. Essas relações indicaram dois grupos de significações: a fragilização que esse contexto globalizado coloca como desafio e a preservação das manifestações culturais, especialmente pelas intensas lutas de correntes homogeneizadoras que evidenciam a tendência de uso da cultura como propulsão ou de resistência ao desenvolvimento econômico. Isso fica claro nos enunciados 3 (**a Bomba do**

**Hemetério abriga agremiações carnavalescas de cultura indígena e afrodescendente)** e 4 (**os mestres populares são guardiões dos saberes da cultura local**). A relação entre esses enunciados ocorre de forma incidental, o que significa dizer que o enunciado 4 é uma consequência do enunciado 3, pois esses saberes são incorporados e resultam dos fazeres, ou seja, das práticas cotidianas e dos acontecimentos carnavalescos e festejos culturais dessas agremiações. Do mesmo modo, evidencia a tensão das interações culturais e o esforço por se estabelecer um contexto cultural em que se preservem componentes culturais e seus modos de expressão, como as memórias, os valores e os aspectos étnicos e religiosos. Desse modo, o reconhecimento dessas matrizes culturais de expressão indígena e afro-brasileira é revelado no contexto local e detém em seu bojo saberes fundamentais para a continuidade de preservação das características culturais naturais. Isso fica claro no enunciado 2 (**a Bomba do Hemetério é reconhecida pela diversidade de suas manifestações carnavalescas**), que também se relaciona de forma incidental, ou seja, deriva do enunciado 3. Ainda o enunciado 2 incide sobre os enunciados 5 (**a Bomba do Hemetério tem manifestações que expressam a cultura pernambucana**) e 7 (**a Bomba do Hemetério tem grupos culturais de sucesso**).

O enunciado 5 tanto se refere à cultura popular pernambucana, com suas celebrações carnavalescas, quanto diz respeito à participação das diversas agremiações da Bomba do Hemetério no Carnaval. Outros dois aspectos são revelados nos enunciados 5 e 6 (**a Bomba do Hemetério é promovida pelo Maestro Forró e sua orquestra**). No enunciado 5, as características culturais locais são evocadas para criar a diferença, e o enunciado 6 completa o 5, pois é dessa demarcação de diferença que se atribui o valor dos seus componentes culturais — isto é, os significados culturais são reforçados, transportados e reconhecidos na figura do Maestro e na *performance* de sua orquestra. Esse ponto evidencia, assim, toda a vivência de uma comunidade, onde os aspectos culturais são valorizados e compartilhados, tidos como herança dessas matrizes culturais. O enunciado 5 também mostra uma particularidade: a busca

de firmar um vínculo, a ideia de pertencer ao lugar, o que sinaliza que, mesmo com as atuais trocas entre culturas mediadas pelos sistemas de comunicação e por mudanças que se estabelecem nos contextos sociais, essa cultura local busca preservar seus valores, ainda que, para manter sua existência, transite nesses espaços em que forças globais atuam tanto na política e na economia quanto na cultura. Nessa perspectiva, fica evidente que o enunciado 3 assume uma centralidade, embora incida sobre o enunciado 2, que, por sua vez, incide sobre os enunciados 5 e 7. Ainda nesse grupo, apresenta-se uma relação síncrona entre os enunciados 4 e 5. Do mesmo modo, os enunciados 2 e 6 também mantêm uma relação síncrona.

Desses vínculos se estabelece a regra **cultura local**, que sustenta a formação. Essa regra foi desvelada pelos critérios objetos (manifestação cultural, herança cultural e cidadania), conceitos (saberes e fazeres), modalidades (preservação) e estratégias (sabedoria popular). Diante de muitos relatos sobre os grupos culturais existentes na Bomba do Hemetério, escolhemos dos dados o trecho abaixo, capaz de ilustrar argumentos que sustentam esse feixe que evidencia a força cultural que emerge das manifestações culturais dessa comunidade:

#### **Trecho**

O Brasil, e principalmente Pernambuco, é conhecido pela sua diversidade cultural. Um dos representantes da cultura popular é o Balé de Cultura Negra do Recife - Bacnaré, fundado em 1985, pelo Filho de Santo, professor, pesquisador e coreógrafo Ubiracy Ferreira. A bisavó dele foi escrava. Na senzala, ela entrou em contato com a capoeira e participava dos maracatus. As influências das danças afro-brasileiras e também da religião Candomblé passaram de geração em geração até chegar aos olhos de Ubiracy, cuja luta era pela preservação e reconhecimento de sua cultura.

Nesse trecho, que é um recorte de reportagem de um jornal local sobre o Balé Bacnaré, aparecem claramente os enunciados 3 e 4, assim como a função enunciativa **defender as raízes da cultura local**. A primeira parte do trecho tanto ressalta a diversidade cultural preexistente no bairro, quanto destaca a força da cultura popular pernambucana. Na segunda parte, o trecho demonstra a presença da cultura de matriz afro-brasileira e da religião,

mas também a preocupação para se preservar a herança cultural local. Diante disso, surge o argumento de se manterem as tradições culturais e a disseminação dessa cultura. Já no trecho recortado diretamente do dado que mostra a dança do Afoxé Ogbon Obá, as mesmas preocupações quanto à herança da cultura local são demonstradas, como se observa na Figura 3 (6):

**Figura 3 (6) - Afoxé Ogdon Obá**

Nem o preconceito, a pobreza e nem as péssimas condições das ruas com o lixo tomando conta e esgotos a céu aberto, foram capazes de impedir a explosão de criatividade dos integrantes do Afoxé Ogbon Obá, que foi fundado em 10 de fevereiro de 2007 tendo como sede o Centro Espírita João Felipe de Aguiar, criado em 1990. É uma casa de matriz africana onde se realiza um trabalho cultural e social com crianças e adolescentes. Desde o início de sua fundação, o grupo interage com as diversas linguagens artísticas de percussão, capoeira, artesanato e dança afro, desenvolvendo e promovendo a cultura afro-brasileira.



O presidente do grupo, Everaldo Silva Alves, explica que Ogbon Obá significa "conselheiros do rei" no dialeto iorubá, com o intuito de conscientizar sobre a importância da resistência cultural da religião de matriz africana e resgatar a história do povo negro. É uma iniciativa de luta e construção de uma sociedade igualitária, democrática, livre da discriminação racial e do preconceito em todas as suas formas. Proposta Artística: o Afoxé Ogbon Obá apresenta proposta artística para apresentações de palco, com duração de 45 a 60 minutos, de acordo com a organização do evento. O grupo dispõe de 20 componentes, divididos entre músicos e dançarinos.

**Fonte:** disponível a acesso público no Quilomblog e publicado em 13 de dezembro 2012

Essas agremiações carnavalescas de matrizes indígena e africana revelam traços identitário de uma matriz nacional (brasileira). Esse tipo de manifestação cultural recebe atualmente notoriedade pelo caráter cultural em que é constituída, diante da valorização das

culturas em âmbito global na perspectiva do desenvolvimento. É nesse sentido que os teóricos do Pós-desenvolvimento atuam em defesa do lugar e do conhecimento local, ao problematizarem as noções de desenvolvimento que ligam processos mais gerais a produção social e econômica local. Essa tendência mais geral evidencia discursões na esfera política e epistemológica, pois faz emergir discursos de diferenças culturais.

O segundo grupo de significação embasado pelas relações entre os enunciados é evidenciado pela função **divulgar as características da cultura local** e suas relações entre os enunciados. Pode-se perceber o modo como essas manifestações culturais expressam seu simbolismo e o princípio de igualdade de oportunidade no sentido aos processos básicos pelos quais a igualdade do ser é assegurada na seguinte passagem, retirada do arquivo. Aqui percebe-se como os grupos agem de forma involuntária na defesa e preservação das manifestações:

#### **Trecho**

[...] Ogbom Obá significa “conselheiros do rei” no dialeto iorubá, com o intuito de conscientizar sobre a importância da resistência cultural da religião de matriz africana e resgatar a história do povo negro. É uma iniciativa de luta e construção de uma sociedade igualitária, democrática, livre da discriminação racial e do preconceito em todas as suas formas.

Esse trecho, retirado dos dados, mostra que em instância local as manifestações culturais expressam um modo particular de prezar pela igualdade no exercício da cidadania, pois as condições de intenções demonstram os grupos culturais locais utilizando-se de seus saberes e fazeres em suas manifestações, interagindo nesse espaço social e desenvolvendo processos de significação. Ao estabelecer esses significados expressando suas práticas, passam a se reconhecer nessa cultura, realimentando essa condição de existência.

Essas manifestações culturais, com seus processos simbólicos produzidos no âmbito da cultura local, seus modos de produzir e viver, estão condicionadas às transformações socioeconômicas, determinadas pelo próprio modo de vida da sociedade capitalista na contemporaneidade. As noções de desenvolvimento apontadas pelos teóricos do Pós-

desenvolvimento remetem à maneira como esse conceito se liga ao processo mais geral da produção social no contexto capitalista e à condição que coloca o local conectado ao global por meio de relações de poder, já que essas relações se estabelecem como verdades por meio do discurso desenvolvimentista que indica em que medida devem se estabelecer os processos de desenvolvimento na sociedade.

### **6.2.2 As agremiações carnavalescas têm na cultura uma fonte de sobrevivência**

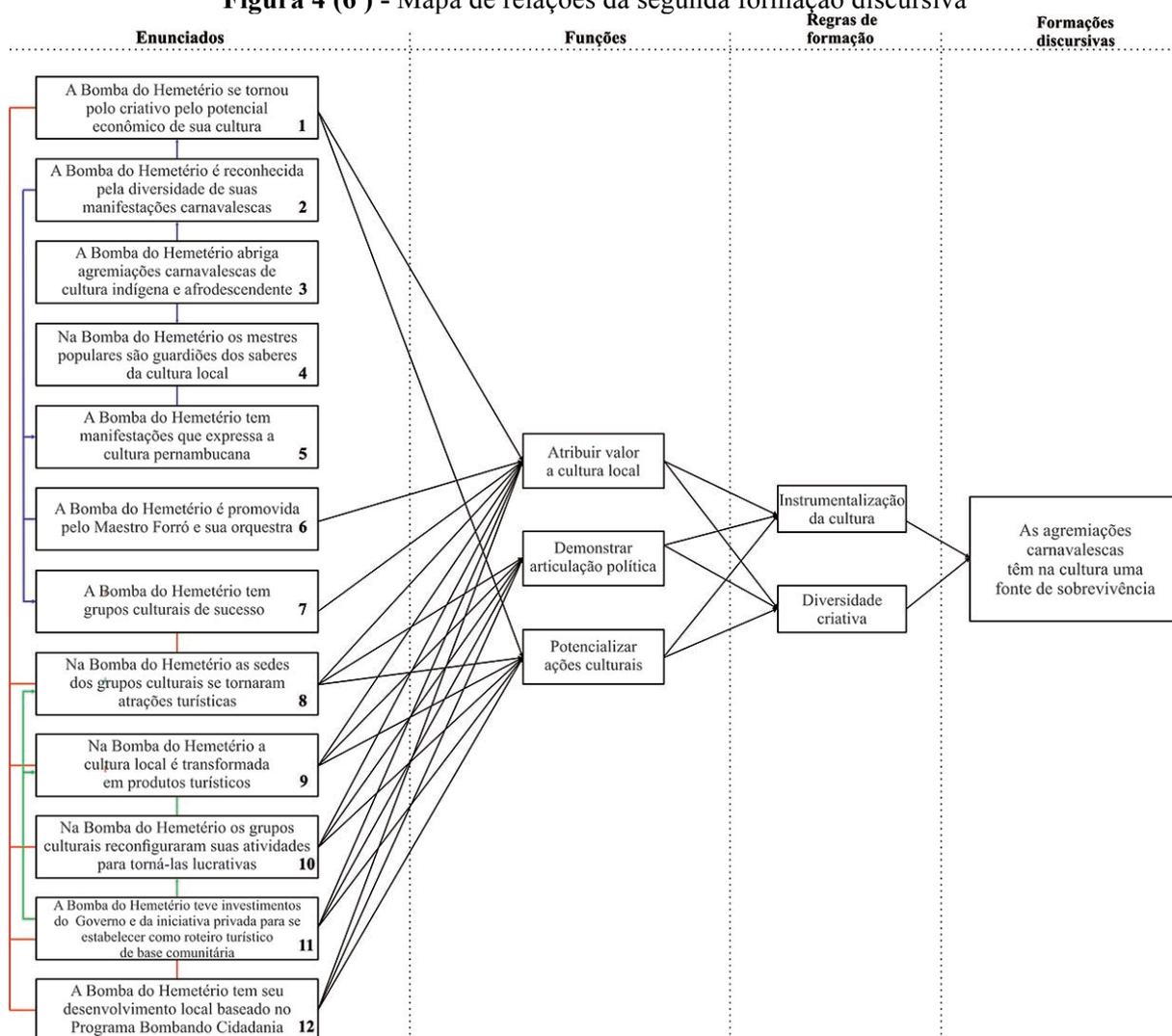
Essa formação discursiva está ancorada pelas regras de formação **diversidade criativa** e **instrumentalização da cultura** e está alinhada às categorias analíticas **cultura local**, **população**, **padrão de vida**, **necessidade**, **pobreza** e **produção**. Esses conceitos fazem uma menção à forma como os aspectos da produção, da distribuição e do consumo impactam na cultura local e nos modos de vida locais que abrangem, em parte, as discussões realizadas nas seções 2.2.1 e 2.2.2 (*vide* capítulo 2). Essa formação aponta as convicções que reforçam o discurso desenvolvimentista e sua representação no imaginário social. De acordo com os teóricos do Pós-desenvolvimento, as noções de desenvolvimento — e seus derivados, como *progresso* e *desenvolvimento local* — são construídas por meio de um discurso que molda realidades, e essas noções estão incorporadas ao imaginário social. Esta é, portanto a condição em que passa a ser projetada a sobrevivência, por meio da produção e consumo de bens e serviços. Contudo, outras categorias aparecem face a essas narrativas que permeiam a esfera do desenvolvimento, como a noção de necessidade, que revela a condição de pobreza. E é por meio de ações que elevem o padrão de vida da população que a pobreza passa a ser combatida. Assim, o almejado desenvolvimento só ocorrerá com ações que promovam o aumento do padrão de vida da população local, que busca desenvolver-se lidando com as insuficiências do subdesenvolvimento. Podemos perceber como esses conceitos são

componentes do discurso desenvolvimentista (CANCLINI, 2003; DUDEN, 2010; ESCOBAR, 2005; ILLICH, 2010; LATOUCHE, 2010; RAHNEMA, 2010; ROBERT, 2010).

Essa formação discursiva parte das relações de três funções e os enunciados ligados a essas funções com suas relações entre si. Tal formação revela a condição da cultura como fonte de sobrevivência dos grupos culturais, evidenciadas no âmbito do projeto de desenvolvimento local realizado na comunidade da Bomba do Hemetério. Como a intermediação dos agentes envolvidos na constituição de ações econômicas para promover o comércio local, por meio de ações culturais, eventos e incentivos de financiamento, foram criados eixos produtivos para transformar as práticas culturais em atividades para gerar lucro, emprego e renda. O estabelecimento das políticas de apoio, incentivo e técnicas de qualificação mercadológica instrumentalizam os modos de vida local. A condição de se aplicarem técnicas de gestão cultural para integrar ações empreendedoras ao modo dos fazeres locais propicia adequação à lógica do mercado. Presume-se que os grupos carnavalescos possam reconfigurar a forma de extrair sua fonte de sobrevivência por meio da cultura e, com isso, possa-se aumentar o padrão de vida local.

As três funções, os enunciados e suas relações entre si indicaram a existência de três grupos de significação: o primeiro grupo se refere às manifestações culturais que se concentram no bairro e nas expressões ou conteúdos culturais provenientes dos grupos de cultura carnavalesca; o segundo indica o modo como essas manifestações são promovidas por narrativas que revigoram a pluralidade e a riqueza cultural do lugar (enunciados 1, 6 e 7) e o terceiro grupo se refere ao modo como as manifestações, a partir de modos de instrumentalização, partiram para integrar novas atividades às práticas culturais estimulando ganhos financeiros (enunciados 8, 9, 10, 11 e 12). As relações entre enunciados, funções e regras são ilustradas na Figura 4 (6).

**Figura 4 (6) - Mapa de relações da segunda formação discursiva**



Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Os vínculos que estabelecem as regras **política cultural** e **instrumentalização da cultura que sustentam a formação** foram desvelados pelos seguintes critérios, vinculados à regra política cultural: objetos (**cultura como recurso, potencial criativo, cidadania e manifestação popular**), conceitos (**lógica econômica, bem-estar e regulação**), modalidades (**regulação, adaptação e incentivo**), estratégias (**gerenciamento da cultura, mudança político-econômico-cultural e intercâmbio cultural**). Por sua vez, os critérios objetos (**cultura como recurso e potencial criativo**), conceitos (**produto turístico e lógica**

econômica), modalidades (**adaptação e orientação**), estratégias (**mudança político-econômico-cultural**) estão vinculados à regra **instrumentalização da cultura**.

Desse modo, as regras **instrumentalização da cultura e diversidade criativa** e as funções **atribuir valor a cultura local, demonstrar articulação política e potencializar ações culturais** e suas relações com os enunciados ligados a cada função, e que explicam essa formação, mantiveram como propósito o estabelecimento de vínculos e definições de processos e práticas, tendo como base a formação de instrumentos capazes de promover essa articulação entre a cultura local, política cultural e o desenvolvimento econômico.

Como se vê, o enunciado 12 (**A Bomba do Hemetério tem seu desenvolvimento local baseado no Programa Bombando Cidadania**) tem relação síncrona com os enunciados 1, 8, 9, 10 e 11. Essas relações não apenas indicam a valorização das manifestações culturais no sentido econômico, reforçando a lógica de mercado, mas a orientação para imersão dos aspectos culturais nessa lógica. Trechos retirados dos dados ilustram esse feixe de relações:

#### **Trecho**

(IADH), entidade que foi responsável por montar todas as estratégias e metodologias para que o bairro se organizasse. Nascia assim o projeto *Bombando Cidadania*. As lideranças foram capacitadas e as competências das pessoas descobertas. A área toda passou por uma grande reestruturação e eixos produtivos foram criados. Com isso, os moradores passaram a ter uma geração de renda e o projeto focado na cultura de raiz ganhou sustentabilidade.

#### **Trecho 02:**

Com a palavra de ordem *Bombando Cidadania*, o Instituto montou uma completa equipe de profissionais dos mais diversos ramos de atividades, firmou parcerias com o Sebrae e Universidade Federal de Pernambuco e, desde 2008, o bairro é alvo de iniciativas que focam a organização social, a geração de renda, o desenvolvimento cultural, a educação, a saúde e o meio ambiente. Os projetos implementados na comunidade — entre eles os 18 produtos turísticos oferecidos nas visitas ao bairro — beneficiam diretamente mais de 3 mil pessoas.

Os textos apresentados apontam como essa adequação dos grupos culturais, baseada em estratégias metodológicas, contribuiu para transformar a cultura local em fonte de renda.

O trecho ainda destaca a participação das lideranças da comunidade que em todo o processo

incorporaram as capacidades técnicas para execução de projetos, definindo-se como coordenadoras das atividades culturais na comunidade.

#### **Trecho**

A nova área de turismo da cidade ganhou força a partir de um projeto de revitalização do bairro e resgate das origens. A Unversidart, um centro de cultura e artes, com sede na Rua do Rio, iniciou um trabalho com os moradores e já conseguiu formar uma equipe preparada para apresentar uma nova cara do Recife.

Essa passagem mostra como essa adequação ao desenvolvimento requer a ampliação de competências para uma gestão empreendedora, a partir das ações promovidas no bairro, da qualificação das lideranças e da capacidade de reorganização desses grupos para o desenvolvimento econômico, pois isso tem impacto na política da comunidade enquanto objeto do desenvolvimento. As relações entre a cultura local e mercado faz com que as atividades culturais passem a ser concebidas como produtos e, conseqüentemente, ocorrerá a geração de lucro e a cultura carnavalesca local se tornará passível de gerenciamento, conforme diz Yúdice (2013), e transformada em bens vendáveis.

Os enunciados 8, 9, 10 e 11 permitiram compreender como os grupos carnavalescos foram orientados para se tornarem produto turístico. Como destaca o enunciado 11 (**A Bomba do Hemetério teve investimentos do Governo e da iniciativa privada para se estabelecer como roteiro turístico de base comunitária**), foi a articulação dos agentes que permitiu posicionar o bairro como um destino turístico. Esse entendimento pode ser alcançado tendo em vista as relações desses enunciados e as funções às quais estão ligados, conforme indicado na Figura 4 (6). Os trechos abaixo retirados dos dados ilustram o posicionamento desses enunciados e suas relações:

#### **Trecho**

[...] nestes últimos quatro anos trabalhamos diversos temas determinantes para o desenvolvimento sustentável de qualquer comunidade; saúde, educação, trabalho e renda, empreendedorismo, meio ambiente e, claro, cultura. O Polo de Turismo Comunitário da Bomba do Hemetério é mais um projeto, dentro dos quase 30 que executamos até agora, que busca a sustentabilidade da comunidade [...].

**Trecho**

O Polo [...] é fruto de um trabalho intenso de formação e capacitação dos artistas e brincantes locais. Por meio dele, esperamos movimentar o bairro; gerar renda para os comerciantes; atrair atenção do poder público para melhorar a infraestrutura; e fazer com que as agremiações não dependam de apadrinhamento político ou, apenas, do Carnaval para se sustentarem.

Os textos expostos acima evidenciam as relações dos enunciados ligados a essa formação, pois trazem narrativas que permitem contextualizar a importância da cultura carnavalesca no cenário cultural da comunidade da Bomba do Hemetério em meio à problemática da sustentabilidade econômica dos grupos culturais da comunidade. Diante da expectativa de gerar emprego e renda, a sustentabilidade econômica dos grupos foi projetada na condição de sua cultura, tendo em vista a possibilidade de se extrair dela esses recursos. Como a população fica vulnerável à condição de ações dos agentes, torna-se alvo do Governo e das formas de governança, e a força do mercado, apoiada pela iniciativa privada, que busca promover, por meio de projetos de ações de políticas públicas e culturais o discurso desenvolvimentista. Aí está a concepção da cultura (recurso) como fator de desenvolvimento e sua conveniência no eixo econômico, conforme expôs Yúdice (2013), como a transformação das manifestações culturais em apresentações com o valor de troca à lógica de mercado. É nesse sentido que o enunciado 10 (**Na Bomba do Hemetério os grupos culturais reconfiguraram suas atividades para torná-las lucrativas**) revela a adaptação desses grupos de cultura carnavalesca a essas mudanças no cenário cultural, a partir de processos políticos e econômicos. Com isso, o enunciado 2 (**A Bomba do Hemetério é reconhecida pela diversidade de suas manifestações carnavalescas**) atua de forma incidental sobre o enunciado 1 (**A Bomba do Hemetério se tornou Polo Criativo pelo potencial econômico de sua cultura**), revelando, portanto, que no contexto local a execução de projetos de desenvolvimento ocorre com vistas a adequar processos de mudanças em decorrência de transformações globais. A forma como as ações foram implantadas para adaptar e qualificar

os grupos culturais confirma que esses grupos tiveram de aprender novos métodos e sequência de trabalho para retirar da manifestação da cultura sua sustentabilidade.

A produção de artesanato (artefatos com símbolos que fazem referência aos grupos culturais e ao lugar) e a criação de produtos (eventos e feira) são exemplos dessa prática econômica caracterizada pela interação dos agentes (já citados neste estudo) envolvidos nas ações de desenvolvimento e fizeram com que os grupos culturais da comunidade passassem a lidar com sua cultura estabelecendo relações comerciais. O gerenciamento das ações culturais acaba por desafiar os modelos locais (culturais, econômicos e políticos), pois a condição de adaptação das manifestações culturais ocorre por regras que operacionalizam a cultura em propulsão ao desenvolvimento, com promessa de melhoria do padrão de vida da comunidade para promover a mudança da realidade local. A adequação das ações culturais ou até mesmo as características culturais vivenciadas pela cultura local quando são transformadas em produtos vendáveis requer, pois, planejamento. Os modelos locais são experiências de vida e desenvolvem-se através do uso na imbricação das práticas locais conforme defende Escobar (2005). Cabe dizer que os processos de desenvolvimento a intento da uniformização cultural e a forma particular associada à hegemonia capitalista que preconiza a uniformidade econômica são aspectos contestados pelos teóricos do Pós-desenvolvimento.

### **6.2.3 As políticas culturais de economia criativa vêm modificando a cultura local**

Esta formação discursiva está alinhada às categorias analíticas **Estado, planejamento, progresso, produção, mercado, ajuda e igualdade** e faz menção a como a noção de progresso estabeleceu uma parceira mundial para o desenvolvimento. Essa formação pode ser identificada nas discussões desses conceitos realizadas nas seções: 2.2.1, 2.2.2 e 2.2.3 (*vide*

capítulo 2). De acordo com a teoria do Pós-desenvolvimento, essa parceria surge como perspectiva para orientar vários países para atingir o desenvolvimento. Assim, o Estado assume em grande medida a tarefa de atrair recursos e criar os meios necessários para igualar as economias globais, assegurando alto nível de produção e facilitando os processos de ajuda ao desenvolvimento (BERTHOUD, 2010; ESCOBAR, 2010; GRONEMEYER, 2010; LUMMINS, 2010; NANDY, 2010; ROBERT, 2010; SBERT, 2010).

Essa regra diz respeito à política de economia criativa concebida como estratégia para o desenvolvimento. A lógica por trás dessa classificação é a interação entre cultura e desenvolvimento, pois a economia criativa atua a partir do simbólico, nomeando aspectos da cultura como recurso para produção de bens materiais e imateriais. O caráter desenvolvimentista fica evidente nessa proposta pela maneira como se operacionaliza a interface entre a força do mercado, a esfera política e econômica na cultura. Essa integração resulta na cultura dentro da produção de mercadorias e ações culturais que requer seu gerenciamento. Assim, a cultura é, pois, solução para problemas econômicos e de desenvolvimento.

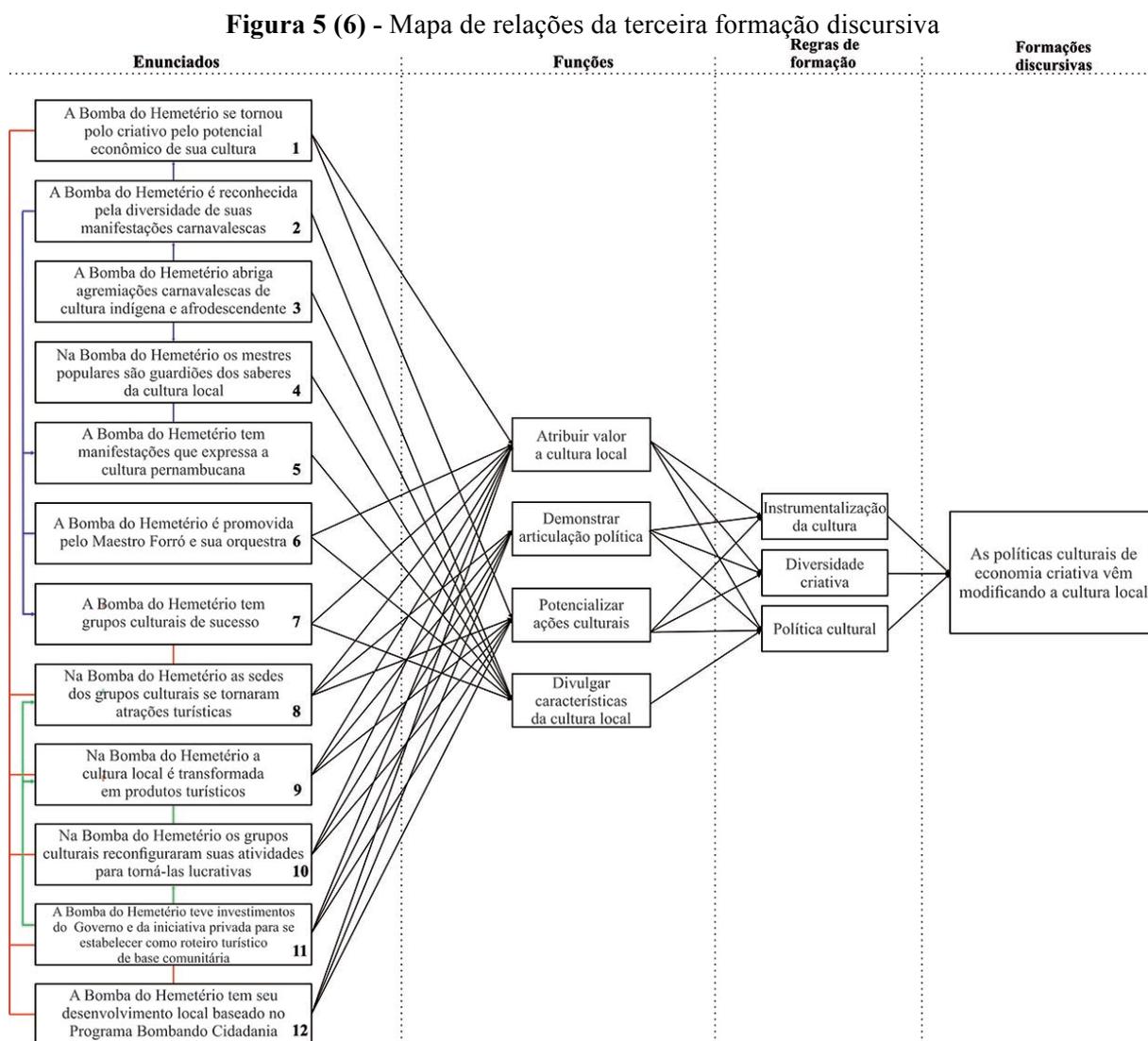
Essa formação revelou portanto, a condição dos grupos culturais sediados na Bomba do Hemetério que, à propósito das iniciativas de economia criativa e por meio das ações de desenvolvimento local implantadas na comunidade, passaram a atuar na produção e distribuição de bens e serviços culturais a partir da cultura. As regras e suas relações com as funções enunciativas e os enunciados ligados às funções evidenciam esse nosso posicionamento.

Essa formação foi desvelada a partir do agrupamento de três regras de formação: **instrumentalização da cultura, diversidade criativa e política cultural**. Essas regras, por sua vez, estão ligadas a quatro funções e suas correlações com os enunciados. Desses enunciados, seis fazem referência aos processos de economia criativa implantados na

comunidade. Já as relações das cinco funções e dos enunciados e suas relações entre si indicaram a existência de dois grupos de significação: o primeiro se refere às manifestações culturais que emanam dos grupos carnavalescos presentes na comunidade (enunciados 2, 3, 4, 5, 6 e 7) e o segundo menciona o modo como os agentes utilizaram estratégias de economia criativa por meio de articulação de política cultural para implantar produtos e serviços, reconfigurando as atividades dos grupos culturais (enunciados 1, 8, 9, 10, 11 e 12).

Os vínculos que estabelecem as regras **instrumentalização da cultura, diversidade criativa e política cultural**, que sustentam a formação, foram desvelados pelos seguintes critérios: objetos (**cultura como recurso e potencial criativo**), conceitos (**produto turístico e lógica econômica**), modalidades (**adaptação e orientação**) e estratégias (**mudança político-econômico-cultural**). Esses critérios estão vinculados à regra **instrumentalização da cultura**: objetos (**cultura como recurso, produto turístico, manifestação cultural e potencial criativo**), conceitos (**gestão pública, lógica econômica e bem-estar**), modalidades (**regulação, orientação, incentivo e adaptação**), estratégias (**gerenciamento da cultura, mudança político-econômico-cultural**) e **intercâmbio cultural**, vinculados à regra **diversidade criativa** e, por fim, vinculados à regra **política cultural**. Assim, tem-se: objetos (**cultura como recurso, potencial criativo, cidadania e manifestação popular**), conceitos (**lógica econômica, bem-estar e regulação**) modalidades (**regulação, adaptação e incentivo**) estratégias (**gerenciamento da cultura, mudança político-econômico-cultural e intercâmbio cultural**).

As relações entre enunciados, funções, regras e formações discursivas são ilustradas pelo mapa na Figura 5 (6).



Fonte: Elaborada pela autora (2015)

A regra **instrumentalização da cultura** ligada às funções **atribuir valor à cultura local**, **demonstrar articulação política** e **potencializar ações culturais** e as relações entre os enunciados que se conectam a cada função demonstra os vínculos estabelecidos pelos agentes envolvidos e articulados por meio da política cultural, com o propósito de atingir o desenvolvimento econômico.

A regra **diversidade criativa**, ligada às funções **divulgar características da cultura local, demonstrar articulação política e potencializar ações culturais** e as relações entre os enunciados que se conectam a cada função, demonstra as ações implantadas no bairro quanto à definição dos recursos e critérios utilizados para se atingir o desenvolvimento. Os dados confirmam que a diversidade de agremiações carnavalescas encontradas na comunidade é percebida como fonte de criatividade.

Finalmente, a regra **política cultural**, ligada às funções **atribuir valor a cultura local, demonstrar articulação política e potencializar ações culturais** e as relações entre os enunciados que se conectam a cada uma dessas funções, além de revelar vínculos estabelecidos pelos agentes envolvidos e articulados por meio da política cultural com o propósito de atingir o desenvolvimento econômico, demonstra o modo como essa cultura local foi identificada e definida por esses agentes como produtos ou como um recurso para criação de produtos, uma vez que a criatividade é vista como fruto dessa cultura.

O fato de existir na Bomba do Hemetério uma grande concentração de grupos culturais (carnavalescos) de forte tradição cultural fez com que esse bairro tenha se tornado polo criativo. A relação incidente entre os enunciados 1, 2, 3, 4, 5 e 7, assim como a relação sincrônica entre os enunciados 1, 8, 9, 10, 11 e 12, demonstra isso. Os diversos tipos de segmentos carnavalescos, como agremiações, orquestras de frevo, clubes, troças, maracatus, tribos indígenas, escolas de samba, mestres populares e brincantes da cultura popular, revelados nos dados, confirmam esse cenário cultural. Além disso, a relação incidente do enunciado 11 e os enunciados 8, 9 e 10, indica as atividades turísticas como um dos eixos da economia criativa que desperta grande expectativa, especialmente a forma como foi trabalhado na Bomba do Hemetério, falamos do turismo cultural. Os trechos de dois jornais de grande circulação em Pernambuco reproduzidos a seguir elucidam esse ponto de vista.

#### **Trecho**

A Secretaria de Turismo do Recife, em parceria com o Sebrae, vai realizar um programa de qualificação em 30 equipamentos turísticos do município. O objetivo é preparar quem trabalha com atividades ligadas ao setor do turismo para receber bem os visitantes da cidade durante grandes eventos, em especial a Copa do Mundo de 2014 [...].

**Trecho**

“A Bomba do Hemetério é um lugar de forte efervescência cultural, no qual estamos investindo enquanto ponto turístico. Por isso ele deve ganhar um CAT”, explicou a assessora técnica. O investimento para a execução das obras, previstas para serem concluídas em dezembro de 2013, é de R\$ 4,6 milhões.

**Trecho**

Turismo de base comunitária. Eis os planos da Prefeitura do Recife para a Bomba do Hemetério. Através da Secretaria de Turismo e Lazer, serão promovidas ações para intensificar a identidade cultural e turística da comunidade. No local, será erguido um Centro Cultural Seu Hemetério, um Centro de Atendimento ao Turista (CAT), além de ser oferecida a qualificação de idiomas (inglês e espanhol) aos moradores.

Os textos acima se referem a um eixo dos projetos realizados na Bomba do Hemetério.

Como esse está ligado às quatro funções, conecta-se também com as regras, indicando que, entre todos os projetos ali realizados, esse concentrou, sem dúvida, uma série de ações envolvendo diversos agentes. Como a intenção dos agentes foi posicionar o bairro como destino atrativo do Recife, por meio da elaboração de um roteiro turístico cultural, diversas ações se integraram, como dinamizar culturalmente o local, divulgar os produtos e serviços produzidos na comunidade e fortalecer as agremiações carnavalescas para gerar emprego e renda. Essas ações são evidenciadas nesse feixe que resultou das regras e suas relações, pelas funções enunciativas e enunciados relacionados entre si. Um desses enunciados é o 9 (**Na Bomba do Hemetério a cultura local é transformada em produto turístico**). Esse feixe e seus enunciados apontam para mudanças ocorridas na comunidade, no âmbito das suas manifestações culturais. Os enunciados 8 (**Na Bomba do Hemetério as sedes dos grupos culturais se tornaram atração turística**) e 10 (**Na Bomba os grupos culturais reconfiguraram suas atividades para torná-las lucrativas**), ligados a esse feixe de relações, deixam clara a forma como as agremiações do bairro estão integradas no roteiro turístico.

O envolvimento dos agentes no processo de mudança na comunidade fica visível a partir da ilustração do dado a seguir.

### Figura 6 (6) - Moradores da Bomba do Hemetério

A Loa mantém uma relação estreita com a [Universidart](#) (F: (81) 9667-3393), um centro de cultura e artes que vem mudando a cara do bairro desde 2000. Sobretudo, depois que o Instituto Walmart aportou na Bomba do Hemetério no ano de 2008. Em parceria com o Governo de Pernambuco, a Prefeitura do Recife, instituições privadas e organizações não governamentais, o instituto resolveu investir não só na Universidart, como na região como um todo. O Bombando Cidadania é um programa de desenvolvimento social, traçado a partir de estratégias voltadas a economia, educação, saúde e meio ambiente. "Desde então, o bairro vem se transformando", garante Elisandro Damasceno, coordenador institucional da Universidart, com sede no número 458 da Rua do Rio. "Hoje, inclusive, temos 20 moradores capacitados para atuar como condutores locais". A capacitação foi conduzida pelo Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia de Pernambuco (IFPE). A Universidart, por sua vez, também organiza passeios pela Bomba do Hemetério. Valores a combinar, a depender do passeio.



Moradores da Bomba do Hemetério participam do Bombando Cidadania, programa desenvolvido pelo Instituto Walmart. Foto: Rodrigo Silva/Esp. DP/DA Press

**Fonte:** disponível a acesso público no Pernambuco.com e publicado em 19 de março de 2015

O trecho acima ilustrado na figura 6 (6) se refere a um dos grupos que fazem parte das atrações do roteiro turístico e comprova as interações dos agentes e atores locais. Os trechos abaixo explicam como os grupos culturais da comunidade integram suas atividades culturais e comerciais:

#### Trecho

[...] É lá onde eles desenvolvem a autossustentabilidade do Bacnaré: o figurino, os instrumentos, o depósito dos materiais, absolutamente tudo é

produzido na residência do fundador. Os integrantes também elaboram peças para venda, como cangas, alguns chocalhos e camisas com a logomarca do Bacnaré.

### Trecho

Além disso, eles ainda organizam apresentações para turistas, quando o terraço da casa vira um verdadeiro teatro. Quem paga o ingresso usufrui da parte artística, claro, e degusta três tipos de pratos preparados especialmente para dar maior integração à atmosfera da cultura Zulu. Entre eles, mingau de cará e um feito à base de mariscos, em homenagem à Iemanjá. Ao todo, o Bacnaré possui 38 integrantes, que precisam seguir um rigoroso manual de disciplina.

Outro grupo que também faz parte do roteiro turístico da Bomba do Hemetério é o Ogbom Obá. Os trechos abaixo são extraídos dos dados:

### Figura 7 (6) - Terreiro Obá Ogunté e Ogbom Obá

O Bombando Cidadania entende a Bomba do Hemetério como um território expandido. O bairro de Água Fria faz parte dessa lista. É lá que o visitante tem acesso ao primeiro terreiro tombado no Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), no dia 5 de setembro de 1985. O Conjunto Ritualístico do Terreiro Obá Ogunté, mais conhecido como Sítio do Pai Adão, é ainda o primeiro terreiro de candomblé da Nação Nagô no país. Sua história remete ao final do século XIX, quando Inês Joaquina da Costa (1875-1905) chegou ao Recife como escrava nigeriana. Conhecida como Ifá Tinuké, dona Inês teria se instalado no entorno do que hoje é a Bomba do Hemetério. É considerada pela população, portanto, a fundadora do Sítio do Pai Adão. A tradição atravessou os séculos. Atualmente, o babalorixá Manoel Papai é o responsável pelo terreiro, que inclui um ilê, ou barracão, como sede dos cultos às divindades. Nos fundos do terreno, repousa um Iroko, termo que remete à árvore de origem africana que abrigaria um poderoso orixá de mesmo nome. No Brasil, a árvore é também chamada de gameleira.



A árvore-orixá Iroko fica nos fundos do terreno do Sítio do Pai Adão, primeiro terreiro de candomblé da Nação Nagô no Brasil. Foto: Rodrigo Silva/Esp. DP/DA Press

**Fonte:** disponível a acesso público no Pernambuco.com e publicado em 19 de março de 2015

Os trechos elucidam que, além das expressões culturais e atividades turísticas, locais culturais fazem parte das atrações da comunidade da Bomba do Hemetério.

**Trecho**

[...] uma vez por mês, eles organizam festas voltadas para explicar o funcionamento do terreiro. Os eventos, claro, também funcionam como uma boa forma de capitalização para as atividades feitas no local, onde é desenvolvido um trabalho social com jovens da comunidade há 20 anos.

**Trecho**

No terreiro, cultuam-se 16 orixás, os santos do candomblé. Nas festas abertas, a iabassê produz pratos que são oferecidos a pelo menos 13 deles. Nos eventos, ela explica a relação de cada um com as entidades mitológicas. Xangô, o orixá do fogo, também o guardião [...], recebe uma oferenda de beguiri [...].

**Trecho**

No Ogbom Obá, como é mais conhecido, são oferecidos cursos de percussão, gastronomia, capoeira e coco, por exemplo. O espaço proporciona uma mini-imersão, por assim dizer, na cultura afro. É o chamado turismo de experiência, que vai além da contemplação visual. Nos eventos turísticos promovidos pelo terreiro, o sagrado e o divino passeiam de mãos dadas. Os batuques do afoxé que leva o mesmo nome do terreiro são ouvidos ainda da rua e, no ar, se misturam ao forte cheiro das iguarias [...].

Além das tradicionais atividades culturais, como música, dança e artesanato, é possível identificar outras categorias classificadas como ações da economia criativa inspiradas pelo patrimônio, valor identitário e significado simbólico. Como exemplo, citamos o turismo, os terreiros e lugares considerados sagrados nas religiões de matriz africana como vimos na figura 7 (6). Nessa regra, o discurso desenvolvimentista se apresenta por meio da política de economia criativa. A política cultural, motivada por demandas de caráter promocional, como a realização de festas e eventos, estabelece vínculos estruturais dessas políticas. À vista disso, a maneira como a cultura local vem sendo promovida reflete essas transformações realizadas mediante o estabelecimento de relações entre agentes (setor público, privado e sociedade), isto aparece no feixe de relações que resultou da regra **diversidade criativa**.

O processo político (política de economia criativa) apresenta-se nessa articulação entre os agentes no desdobramento das atividades de economia criativa para promover mudanças na

esfera econômica, através da cultura local. Nesse contexto, o conjunto de relações que resultou da regra **política cultural** comprova que a função **demonstrar articulação política** se liga a essa regra. A política pública cultural como catalizadora da criatividade se desdobra como alternativa de criação de APL, pois parte da ideia de se concentrar na comunidade e desenvolver ações de valorização das manifestações culturais ou até mesmo a proteção e a multiplicação das expressões culturais, para criar condições para a produção de bens e serviços culturais diversificados, como fica evidenciado na Figura 8 (6), no trecho que ressalta o primeiro terreiro tombado do Brasil pelo Iphan. A ilustração do dado ajuda a entender como esse processo se desenvolve por meio dos agentes:

#### **Trecho**

A Prefeitura do Recife lançou, hoje (3), o projeto *Recife da Gente*, com o objetivo de incentivar o Turismo de Base Comunitária e valorizar os cartões-postais das periferias da capital. Os três primeiros focos da intervenção, prevista para começar em julho, são os bairros Alto José do Pinho, Largo da Bomba do Hemetério e Morro da Conceição, na Zona Norte.

#### **Trecho**

Com um investimento inicial de 250 mil reais, a Secretaria de Turismo e Lazer anunciou a implementação de ações de apoio a eventos culturais nas localidades, além de intervenções físicas e capacitação de profissionais. Para isso, o órgão contará com o apoio da Fundação Gilberto Freyre.

Nos trechos apresentados, retirados do arquivo que confirmaram esse feixe, percebe-se a condição de se projetar a cultura local como fonte indutora dessa estratégia de desenvolvimento econômico local, impulsionada por ações e políticas culturais, enquanto a economia criativa dispõe de meios para se desenvolver nos planos locais e globais.

O conjunto de relações que resultou da regra **instrumentalização da cultura** ligado à quatro funções faz parte do processo de mudanças que se apresentam no cenário da cultura local. Essa regra aponta para a maneira como se operacionaliza o processo de adequação no âmbito local visando promover sua integração com o global. Esse processo é típico do desenvolvimento. E é, nesse processo de desenvolvimento, que a proposta de desenvolvimento local ganha todo sentido, pois tem sua ênfase na melhoria da qualidade de

vida, no aumento nos níveis de saúde e educação com a diversificação produtiva. Isto revela sua importância para o desenvolvimento econômico. A economia criativa permite o estreitamento da relação entre cultura e desenvolvimento, sobretudo por suas interface com a dimensão econômica, sua condição de lidar com o saber local, ou seja, conhecimento e criatividade para produzir e distribuir bens e serviços, faz dessa política a promessa para promover mudanças socioeconômicas. As relações desse feixe evidenciam esse nosso posicionamento.

**Figura 8 (6) - Destino Bomba do Hemetério**



Imagine um turista que chega ao Recife no período extra-Carnaval e quer conhecer as manifestações culturais do Estado. Para onde ele vai? Na Bomba do Hemetério, Zona Norte do Recife, bairro que concentra cerca de 30% das agremiações carnavalescas da capital, o turismo cultural começa a ganhar formatação. Nesta quarta-feira, o trade turístico de Pernambuco foi convidado a caminhar pelas ruas da Bomba e assistir a apresentações de grupos artísticos nascidos na comunidade. A ideia do Circuito Turístico Bomba Cultural é tornar o local que pulsa arte em destino turístico o ano inteiro.

"A Bomba do Hemetério traz todas as mazelas das periferias. Mas estamos falando de cultura imaterial, riqueza cultural. As pessoas hoje vão atrás do diferente. O mundo está muito igual", diz Karina Zapata, consultora de Economias Criativas do IADH (Instituto de Assessoria para o Desenvolvimento Humano). A empresa, junto com o Instituto Walmart e apoio de órgãos como o Ministério do Turismo e Sebrae, desenvolve há quatro anos o programa Bombando Cidadania, que trabalha o desenvolvimento e sustentabilidade do bairro, fazendo de artistas locais empreendedores.

**Fonte:** disponível a acesso público no Pernambuco da gente e publicado em 23 de novembro 2012

A imagem do texto acima se refere à Tribo de Índios 7 Flechas, sediada na Bomba do Hemetério. O texto reflete as ações realizadas em torno dessa cultura. O enunciado 12 (A **Bomba do Hemetério tem seu desenvolvimento local baseado no Programa Bombando**

*Cidadania*), que tem relação com o enunciado 1 (**A Bomba do Hemetério se tornou Polo Criativo pelo potencial econômico de sua cultura**), denota essa realidade.

As ações e os projetos realizados na comunidade pelos agentes do *Programa Bombando Cidadania* (setor privado), do setor público (Prefeitura, Empetur e MTur), além de parceiros técnicos (IADH, Sebrae, AE) e a própria comunidade e lideranças (sociedade), se estabelecem nos moldes de uma dupla condição atual do desenvolvimento: promover o desenvolvimento e desenvolvimento local. A economia criativa, com seu conjunto de ações, se tornou a estratégia política para mudar o padrão de vida local e promover o bem-estar socioambiental.

A condição de mudança situa-se na adequação de atividades culturais e até mesmo de comportamento das formas locais. Um exemplo disso na comunidade é o cortejo carnavalesco que une os grupos e segmentos culturais do bairro em um único. Essa integração acabou a disputa que existia entre as agremiações locais nos desfiles carnavalescos. Como já mencionado, esse polo se refere à extensão dos bairros no entorno da Bomba do Hemetério.

A condição de mudança no que diz respeito à diversificação das atividades culturais, requer adequação, pois além de ampliadas, passam a integrar um conjunto de técnicas e requisitos para serem ofertadas ao mercado, uma vez que são caracterizadas como produto com a finalidade de se obter lucro. A produção de atividades culturais ofertadas como produto atende a uma demanda que provém do mercado consumidor, que acaba por reconfigurar certas práticas, moldando-as para atender as exigências desse mercado tanto em qualidade do que se é ofertado como produto ou serviço quanto por diferenciais almejados pelo consumidor no momento da escolha do produto. É nesse ponto, especificamente, que se imbricam os supostos diferenciais simbólicos e financeiros contidos na proposta de economia criativa. Essa condição gera a conveniência da visão empreendedora e da gestão dos processos produtivos.

A função **atribuir valor à cultura local** e os enunciados ligados a ela demonstram claramente a discussão sobre valorizar as características culturais locais e suas tradições, mas não como se o que fosse considerado devesse ser apenas os valores da própria cultura, pois, de certa forma, isso seria caracterizar o etnocentrismo, mas as manifestações culturais em forma de patrimônio cultural daquela localidade. Os enunciados ligados a essa função revelam, também, o discurso da diversidade cultural que promove a mundialização cultural e valoriza as manifestações culturais. Dessa forma, as manifestações culturais são configuradas como potencialidades econômicas e criativas.

Escolhemos dos dados o trecho abaixo, que é um relato publicado no jornal local retirado do arquivo:

#### **Trecho**

“A beleza da Bomba está no amor à cultura e à riqueza imaterial”, afirma Karina Zapata, assessora técnica do Instituto de Assessoria para o Desenvolvimento Humano (IADH), uma das entidades envolvidas no trabalho de desenvolvimento do bairro com foco na economia criativa. “O Sebrae atua na busca de uma estrutura de negócio, pois esses elementos estão presentes de uma forma intuitiva e voluntária. Também promovemos o trabalho da comunidade para que os elementos da economia criativa sejam conhecidos em outros estados e atraiam”, completa Castelo Branco.

Esse trecho demonstra que o propósito de promover a cultura da comunidade tornou-se meio de promover a economia criativa como estratégia de desenvolvimento. O discurso desenvolvimentista aparece nas vozes desses agentes envolvidos no trabalho e nas ações de economia criativa realizadas no bairro. Isto foi evidenciado nos enunciados 1, 8, 9, 10, 11 e 12, que têm relação simultânea. Assim, essa formação nos mostra que a política cultural, por sua vez, gera produção, distribuição e consumo da cultura por meio de processos financiamentos e viabilização econômica dos projetos artísticos e culturais, viabilizados muitas vezes pela iniciativa privada e instituições de ajuda. Nessa circunstância, os grupos culturais atendem às condições e relações do mercado tanto local como global.

## 7 Considerações finais

---

Ao nos debruçarmos para analisar os dados tínhamos como objetivo revelar os discursos que caracterizam a cultura carnavalesca da Bomba do Hemetério como recurso econômico de desenvolvimento local entendendo que a experiência de desenvolvimento realizada na comunidade refletiu no processo de constituição do bairro como polo criativo e que tal articulação envolveu diversos agentes do setor público, do setor privado e organizações sem fins lucrativos, com o propósito de melhorar o padrão de vida local potencializando as manifestações culturais. Com isso, a cultura passou a ser percebida como recurso a ser explorado para produção de bens, serviços e experiências.

Após a análise dos dados expostos anteriormente, vimos que os discursos que caracterizam a cultura da Bomba do Hemetério apontam para três formações discursivas. Das três formações discursivas apresentadas na descrição de resultados, duas reforçam o discurso desenvolvimentista, mas abordam aspectos diferentes sobre as ações de desenvolvimento implantadas. Enquanto uma abordagem anuncia que a partir da gestão da cultura local, os grupos culturais entenderam a cultura como fonte de subsistência, a outra nomeia a economia criativa como uma promessa para o desenvolvimento econômico local. E, por fim, outra formação discursiva confirma que as tradições rompem o limite da técnica para preservação da cultura local mantendo a coexistência das raízes culturais locais. Os discursos que caracterizam essa cultura são apresentados seguidos de uma discussão feita com base na teoria que nos orientou durante toda a pesquisa.

A primeira formação (**Os saberes e manifestações populares garantem a tradição da cultura local**) nos mostra que as posições encontradas revelam que a cultura carnavalesca da Bomba do Hemetério se constitui por meio das próprias práticas, experiências de vida e por relações que se estabelecem nesse espaço social em que as agremiações carnavalescas

mantêm a **cultura local**, indicando que o conhecimento e modo de vida são gerados por processos sócio-históricos desde o povoamento do bairro. O fato de a **população** local possuir seus sistemas de conhecimento, digamos naturais e fortemente embasados no lugar, incide na configuração de mecanismos cognitivos que delineiam a ordem de existência e de manutenção de suas práticas culturais e o modo como essas práticas são aprendidas, construídas e repassadas — seus meios de manifestação popular. Dessa forma, o saber local designa o modo como essas construções simbólicas são dinamizadas, e, por meio dessas construções, garantem sua sobrevivência. Esses saberes são concebidos e conservados pela comunidade por meio dos símbolos, rituais e práticas que se estabelecem sustentados por vínculos que resguardam as tradições e dão continuidade à cultura local.

A cultura local e seus sistemas de produção que foram elucidados por esta formação constituem a própria condição de realidade desse espaço social, fruto dessa convivência coletiva dos grupos do lugar, seus significados e culto às práticas de cultura popular carnavalesca (rituais das tribos indígenas, cortejos dos maracatus, o sincretismo religioso dos terreiros e os desfiles emblemáticos das diversas outras manifestações) que definem os modelos produtivos de ordem social e econômica da comunidade. Esses modelos são estabelecidos pela sabedoria local em que a cultura é concebida muitas vezes como um dom divino.

Podemos dizer que mesmo que essa cultura esteja exposta às forças globalizantes e aos processos de comunicação, as novas tecnologias e à integração de novas forças de trabalho, suas práticas, memórias e crenças tornam possíveis múltiplas formas de expressões e criação popular para garantir a sobrevivência da cultura baseada na realidade local.

Evidenciamos neste estudo que o modo local afirma-se, muitas vezes, em oposição ao global, pois a oportunidade do saber e do fazer cultural no local são manifestações garantidas aos cidadãos como um fator básico assegurado pela condição de **igualdade**, ou seja, as

percepções de igualdade passam a ser evidenciadas pela condição de semelhança e não em termos econômicos. A condição de igualdade no discurso desenvolvimentista tem significado de oportunidade de desenvolvimento econômico. Contudo, essa promessa refletida na cultura local é concebida pelas ações que, de fato, o desenvolvimento produz e pela condição de usos e de significados desta localidade. Ao evidenciarmos tais questões em nossa análise, percebemos que, nesta regra cultura local, os grupos culturais têm suas oportunidades pela forma como são construídos os seus sistemas de conhecimentos e guiados pelos processos de desenvolvimento e recursos que constituem a condição de manejo de recursos completamente restrita ao seu ambiente. Assim, a tradição e o saber local são efetivamente preservados pelos vínculos da comunidade criados coletivamente e a maneira como os grupos reconhecem e revalorizam suas atividades, formas de expressão, modos de criar e fazer suas manifestações.

A cultura local submetida às condições de desenvolvimento revelou a segunda formação (**As agremiações carnavalescas têm na cultura uma fonte de sobrevivência**), pois tal formação rompe de certa forma com a dinâmica natural da **cultural local** que estava ali configurada. Mesmo que a comunidade local mantenha seus processos de resistência no que diz respeito à preservação dos seus costumes e saberes locais, as narrativas do discurso do desenvolvimento evidenciadas pelos seus derivados atuam como um forte apelo das forças globalizantes na perspectiva do desenvolvimento local. A população é, sobretudo, o primeiro ponto de atuação das ações de desenvolvimento e, portanto, alvo dos projetos políticos. Em favor do processo de desenvolvimento realizado na comunidade da Bomba do Hemetério, foi revelada a articulação política evidenciada pelas parceiras firmadas dos agentes envolvidos do poder público e da iniciativa privada visando ao empoderamento das ações culturais dos grupos e agremiações carnavalescas para elevar o padrão de vida da comunidade. A cultura carnavalesca percebida como diversidade (abundância) criativa (capacidade criativa advinda da cultura) é uma das regras que possibilita estabelecer e criar recursos para garantir a

sobrevivência dos grupos culturais locais. A satisfação das **necessidades** é, por sua vez, uma prerrogativa dessa proposta de desenvolvimento. É preciso, pois, garantir emprego e renda para a população melhorar as condições de saúde e habitação. Esse é um apelo não apenas para se combater a **pobreza** mas da condição de se incorporar técnicas de **produção** para favorecer o desenvolvimento econômico. Assim, a regra **instrumentalização da cultura** dessa formação indicou como os grupos culturais da comunidade foram condicionados a requalificar suas práticas e incorporar técnicas de produção e gestão, embora conduzidos por uma racionalidade centrada na vivência cultural local.

Essa formação revela como a cultura passou a ser um recurso para sobrevivência dos grupos culturais ali concentrados. Como podemos observar neste estudo, várias ações foram empreendidas e técnicas profissionais foram introduzidas e esquemas de capacitação conduziram os grupos para aumentar suas demandas de produções culturais (exibições ritualísticas consagradas pela comunidade, ritos cíclicos e comemorativos). Essas medidas, em que a cultura torna-se um fim econômico, partem da incorporação de técnicas instrumentais que reorganizam as expressões culturais e as manifestações, ao mesmo tempo que passam a garantir emprego e renda. Assim, a condição de adaptação dos grupos e de suas manifestação culturais foram evidenciadas nesta formação. Oferecer a população a oportunidade de desenvolver-se caracteriza a ação política para a realização de ações de desenvolvimento, a capacidade para mudar a condição de pobreza faz ser necessária a introdução de técnicas nas atividades de produção para a fortalecer a economia local.

Assim, o discurso desenvolvimentista passa a ser disseminado por meio dos conceitos a ele relacionados, como a necessidade que traz implicitamente a ideia de valor econômico por estar associado à ideia da falta e de insatisfação com a condição de pobreza. A pobreza é concebida como o resultado da impossibilidade de satisfação das necessidades humanas fundamentais. Contudo, busca-se melhorar essa condição elevando o padrão de vida, por meio

da produção de bens e serviços que, por sua vez, geram o consumo — quanto maior for a produção e o consumo, maior será o aumento do padrão de vida. Desse modo, a formação aponta que proposta de desenvolvimento local realizada na comunidade teve a cultura local concebida como uma fonte de recurso econômico. Os grupos culturais e suas manifestações foram as ferramentas com potencialidades para estabelecer na Bomba do Hemetério um centro comercial de eventos carnavalescos, gastronômicos e turísticos.

A terceira formação discursiva (**as políticas culturais de economia criativa vêm modificando a cultura local**) desvelou a forma como a cultura local foi concebida como fonte criativa por meio da política pública de economia criativa. A condição da Bomba do Hemetério como polo criativo, permitiu entender que a capacidade criativa dos grupos e agremiações locais assume aqui a ideia de potencialidade criativa. As expressões culturais tornam possíveis negócios criativos. A estratégia de economia criativa foi operacionalizada na condução das ações de desenvolvimento local realizadas na comunidade. O delineamento do espaço denominado *polo criativo* uniu os bairros no entorno da Bomba do Hemetério, aproveitando a força cultural dos grupos carnavalescos espalhados nessas áreas. Os locais de vivências e experiências cotidianas são compreendidos como terreno fértil onde brotam os processos criativos humanos e, assim, colidem com as experiências singulares comunitárias. Essas experiências, vivências manifestas, são concebidas como a diversidade criativa plasmada da cultura, de formas e modelos específicos combinados com as tradições locais que resultam em expressões tangíveis e intangíveis. O reconhecimento dessa diversidade criativa na comunidade da Bomba do Hemetério foi, portanto, revelado como uma das regras que compõem essa formação. As duas outras, tanto instrumentação da cultura local quanto política cultural, integram-se nesse eixo, que tem tudo a ver com a ação política que integra a categoria de economia criativa como estratégia central para a conveniência da cultura na articulação de desenvolvimento local, que tem sobretudo reflexos do eixo econômico, do

mercado e do valor de troca das mercadorias aspectos próprios da condição da sociedade contemporânea. A experiência de desenvolvimento local na comunidade da Bomba do Hemetério reflete, pois, a intensidade desses eixos, uma vez que os processos simbólicos da cultura foram integrados aos modelos produtivos locais. Por sua vez, a **produção** e distribuição dos produtos culturais passaram a agregar valor econômico. O cruzamento entre os processos culturais e criativos, ou seja, a cultura local passou a ser oferecida como um conjunto de produtos e serviços ou como negócio à disposição da sociedade (consumidor), como o turismo cultural de base comunitária estabelecido no lugar evidencia a lógica de **mercado** contida nessa proposta de desenvolvimento.

Essa formação apontou a economia criativa adotada como uma política pública que parte do **planejamento** de desenvolvimento nacional elaborada pelo governo brasileiro. O mapeamento, identificação e nomeação de polos criativos, como o próprio Polo Bomba do Hemetério, serve como exemplo de ação dessa política. A consolidação do papel do **Estado** como articulador dos processos de desenvolvimento para garantir o aumento nos níveis de saúde e educação da população por meio da implementação de políticas econômicas e culturais. Com isso, aspectos sociais vão sendo incorporados nas propostas de desenvolvimento, assim como são os programas de **ajuda** ao desenvolvimento que ganham todo sentido nessa lógica que busca promover condições econômicas igualitárias. Na perspectiva do Pós-desenvolvimento as percepções sobre pobreza divergem de acordo com as diferentes culturas, além disso, as condições de **igualdade** na visão desenvolvimentista não envolvem todos os âmbitos sociais. Nesse sentido, percebemos que esse conceito, nessa formação, se evidencia em termos econômicos. Ou seja, para se combater a pobreza, busca-se promover a igualdade econômica. Por sua vez, o Estado inseparável da sua condição de favorecer o desenvolvimento, ao mesmo tempo que articula políticas públicas protecionistas das expressões culturais, assume o papel tanto defensor quanto provedor dos valores culturais.

Isto expõe o dilema entre preservar e promover as manifestações culturais locais. Essas duas posições requerem implementação de políticas culturais.

Para salvaguardar as diversas formas de produção e as expressões culturais locais e ao mesmo tempo promovê-las a política cultural é adaptada tanto para se criar condições de produtos e serviços culturais como medir o consumo e a influência do contexto global no local. Como foi possível observar neste estudo, a definição e caracterização das ações de preservação e promoção mostra essa dupla natureza quanto à valorização dos produtos, que, nesta lógica, incluem aspectos simbólicos e econômicos. A política de economia criativa em sua dimensão mais ampla coloca-se no contexto do desenvolvimento, e sua relação com a cultura na esfera global emprega-se a elaboração de métodos e instrumentos de avaliação, medição e monitoramento que passou a ser a fundamental para o gerenciamento da cultura, uma vez que a cultura está cada vez mais investigada pelos observatórios internacionais, nacionais e estaduais, além dos segmentos de políticas públicas que objetivam construir alicerces incorporados às práticas do desenvolvimento. Dessa forma, a proposta de desenvolvimento econômico incorpora a base territorial como o *lugar* que passa a servir como aglutinador de um conjunto de atividades e projetos que ajudam a reproduzir à lógica do desenvolvimento com vista para alcançar a promessa de **progresso**.

Nossa análise revelou a presença de diferentes discursos que convergem para reestruturação dos eixos produtivos da cultura carnavalesca que foi potencializada com as ações de desenvolvimento local. Seus conteúdos simbólicos foram transformados em produtos e serviços, como as manifestações culturais, o turismo e a gastronomia, dotados de referências dos saberes e fazeres dos grupos culturais locais. Atividades e processos produtivos (novas produções simbólicas) foram incorporados às experiências e às práticas cotidianas desses grupos. Essas atividades foram convertidas em fontes lucrativas para subsistência desses grupos. Entretanto, em meio a esses arranjos produtivos, uma visão

romântica de cultura ainda resiste, uma cultura que reflete a historicidade dessa comunidade que reúne matrizes étnicas que fazem parte da cultura popular local. O enfoque do desenvolvimento local criou as condições para se estabelecer a política de economia criativa. Assim, as três formações apresentadas indicam as mudanças ocorridas na cultura carnavalesca da Bomba do Hemetério proporcionadas pela articulação dos diversos agentes envolvidos no processo. Evidenciamos que esses processos políticos, econômicos e sociais ocorridos na Bomba do Hemetério não só mudaram a realidade local, mas revelam a dimensão das transformações que vêm ocorrendo no campo da cultura, especialmente cultura local, em função de política de economia criativa.

À luz da teoria do Pós-desenvolvimento, pudemos analisar esses discursos presentes na cultura carnavalesca da Bomba do Hemetério. Cada formação revelou aspectos que caracterizam essa cultura no cenário atual, marcada pelas ações de desenvolvimento realizadas no local. A análise revelou que os discursos aparecem por meio das práticas dos agentes (mencionados ao longo dessa discussão) envolvidos no processo de mudanças de concepções e modelos de adequação para o desenvolvimento.

O movimento posto pela teoria do Pós-desenvolvimento aponta para uma crítica às políticas desenvolvimentista, que operacionalizam à ideia de desenvolvimento como processo universal (todos devem desenvolver-se) e todos os imaginários associados a ele. O condicionamento desse discurso como uma verdade que ao mesmo tempo que está implícita, expressa-se pelas práticas da sociedade produtora e consumidora. Dessa forma, o poder posto como verdade se constitui por meio dos discursos que se reproduzem pelos intensos movimentos comunicacionais e a constante organização de relações que mantém o funcionamento dessa verdade posta pelas instituições (Estado, mercado e sociedade) marcadas por esse discurso.

Assim, nossa escolha pelo uso da teoria do Pós-desenvolvimento se mostrou coerente com resultados, uma vez as categorias que escolhemos para realizar a análise apareceram de forma evidente nos resultados, como foi apresentado nas formações discursivas. Ao utilizar a teoria do Pós-desenvolvimento, evidenciamos com certa facilidade as práticas discursivas dos agentes que revelam a lógica desenvolvimentista, nos agenciamentos da cultura e suas relações no próprio processo de desenvolvimento. A economia criativa apareceu como fator estratégico que reforça o desenvolvimento econômico por meio de sua dinâmica que contempla um conjunto de atividades econômicas. O estudo possibilitou refletir a influência desses discursos nas práticas da cultura local. Cabe ressaltar que não foi nosso objetivo apontar ou propor um modelo alternativo de desenvolvimento local para a cultura carnavalesca da Bomba do Hemetério, mas, sim, trazer à tona esses discursos e provocar uma reflexão crítica sobre eles.

Assumimos que, apesar da riqueza das informações acessadas, reconhecemos como limitação da pesquisa o fato de trabalhar apenas com dados documentais veiculados na Internet, visto que a realização de entrevistas com os agentes se mostrou inviável, tanto pela dificuldade das fontes (o poder público é um exemplo que podemos apontar, pois lidamos com instância federal, estadual e municipal), quanto pelo número de agentes envolvidos no processo, no caso dos atores locais. Outra limitação encontrada foi o tempo para realização do estudo, considerando que a pesquisa tem um prazo limite para ser apresentada. Apesar dessas limitações, ressaltamos que o trabalho não foi comprometido. Para minimizar essa condição, optamos por efetuar a coleta de forma variada e abrangente. Além disso, como mencionamos, os dados documentais se mostraram ricos em informações.

Podemos dizer que a interdisciplinaridade marca este estudo. Acreditamos que os resultados apresentados contribuem para as ciências sociais, entre elas o campo da Administração. Buscamos compreender a dinâmica em torno de significados nos quais se

colocam em um mesmo plano de discussão dos aspectos sociais, econômicos e políticos pela temática do desenvolvimento. Esta pesquisa permitiu também perceber a cultura carnavalesca da Bomba do Hemetério por meio das suas manifestações culturais que expressa a cultura popular local, como apresentada no longo dessa pesquisa. Tais manifestações possuem seu papel nesta sociedade, pois elas surgem dos costumes e valores culturais, e são produzidas por um processo discursivo e simbólico. Mas, os modos como ocorrem às mudanças nos processos globais, e, devido ao próprio caráter dinâmico da cultura, essas manifestações se expõem aos efeitos homogeneizadores, por estarem sujeitas às relações de poder impostas pela hegemonia capitalista, e tendem a se moldar para atender às exigências dessas transformações, o que reforça a necessidade de outras pesquisas que possam aprofundar as questões discutidas aqui.

Quanto às recomendações de estudos futuros, fica evidente a necessidade da realização de novas pesquisas que possam apresentar resultados que completem nossos achados e que tragam novas perspectivas sobre as ações realizadas (por exemplo, o turismo de base comunitária), e saber até que ponto essas ações beneficiaram a comunidade e os grupos culturais locais. Sugerimos novas abordagens no campo de economia criativa, dado que, diante das ações apresentadas nesta pesquisa, torna-se importante desenvolver estudos futuros, partindo de aspectos críticos neste campo. Sugerimos, ainda, a realização de estudos sobre a contradição cultura local *versus* mercado global, investigando as condições e concepções que as políticas culturais oferecem quanto à preservação das culturas locais e suas contribuições quanto à expansão de aglomerados culturais, como no caso da Bomba do Hemetério. Cada agremiação que faz parte do cenário cultural da Bomba do Hemetério possui sua historicidade e, nesse sentido, alguns estudos podem abordar suas narrativas, problematizando a mercadorização das manifestações culturais e seus artefatos. Por fim, vislumbramos a possibilidade de um estudo dedicado ao Carnaval, dias de Momo e folia na

Bomba do Hemetério enquanto território que agrega o maior número de agremiações carnavalescas de Pernambuco.

## Referências

ALCADIPANI, R.; CAVALCANTI, M. F. R. Em defesa de uma crítica organizacional pós-estruturalista: recuperando o pragmatismo foucaultiano-deleuziano. **Revista de Administração: ensino e pesquisa** v. 12, n. 4, p. 557-582, out/nov/dez 2011.

ALENCAR, J. O. de. A Bomba do Hemetério na primeira metade do Século XX, seu povo e seus problemas. In: **Blog Vozes da zona Norte**. Disponível em: <<http://vozesdazonanorte.blogspot.com.br/2015/01/a-bomba-do-hemeterio-nos-tempos-das.html>>. Acesso em 01 de fev. de 2015.

ALVES, E. P. M. Diversidade cultural, patrimônio cultural material e cultura popular: a Unesco e a construção de um universalismo global. **Revista Sociedade e Estado** Vol. 25 n 3 set/dez 2010. (p. 539 - 560)

ARAÚJO, R. C. B. de. **Festas: máscaras do tempo** (Entrudo, mascarada e frevo no Carnaval do Recife). Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2009.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BAUER, M.; AARTS, B. A construção do *corpus*: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M.; GASKEL, G. (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BERTHOUD, G. Market. In SACHS, Wolfgang (org). **The development dictionary: a Guide to knowledge as power**. 2. ed. London/New York: Zed Book, 2010. (p. 132–154).

BRASIL. Ministério da Cultura. **Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações, 2011-2014**. Brasília, DF, 2011.

BURITY, J. Cultura e desenvolvimento. In: NUSSBAUMER, G. M. (org). **Teorias e políticas da cultura: visões multidisciplinares**. EDUFBA, Salvador, 2007. p. 51- 66.

CANCLINI, N. G. **A globalização imaginada**. São Paulo, Iluminuras, 2003

CAMARGO, I. T.; LEÃO, A. L. M. S. Pulando a cerca ponto com: a opinião pública sobre a mercantilização do adultério. **O&S** - Salvador, v. 22 - n. 74, p. 443-464 - jul./set., 2015a.

CAMARGO, T. I.; LEÃO, A. L. M. S. Pague e Peque: Uma Arqueologia do Discurso do Adultério Mercadorizado. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 6, art. 4, pp. 732-749, Nov./Dez. 2015b.

COSTA, F. Z. N.; LEÃO, A.L. M. S. Desvelamento do limiar discursivo de uma marca global em uma cultura local. **Cadernos EBAPE**, v. 9, n. 2, p. 299-332, 2011.

COSTA, F. Z. N.; LEÃO, A. L. M. S. Formações discursivas de uma marca global num contexto local: um estudo inspirado no método arqueológico de Michel Foucault. **Organização & Sociedade**, v.19, n.62, p. 453-469, 2012.

COSTA, F. Z. N.; LEÃO, A. L. M. S. Bidimensionalidade mundana no lado Coca-Cola da vida: um estudo arqueológico fotoetnográfico. *Discursos Fotográficos*, v. 9, n. 15, p. 139-170, 2013.

COSTA, R. C. Economia criativa: uma política pública da economia para a cultura e sua integração na política econômica do Governo Federal. **V Seminário Internacional Políticas Culturais**, 7-9 de mai. 2014, Rio de Janeiro.

COSTA, V. G. **É do dendê!** História e memórias urbanas da Nação Xambá no Recife (1950-1992). São Paulo: Annablume, 2009.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRESWELL, John W. *Qualitative inquiry and research design: choosing among five traditions*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1998.

CRESWELL, John W. *Research design: qualitative, quantitative and mixed methods approaches*. 2.ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2003.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introduction: the discipline and practice of qualitative research. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Handbook of qualitative research**. 3. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2005.

DIARIO DE PERNAMBUCO. **Bomba do Hemetério receberá ações sociais**. Recife, 02 jul. 2008. Disponível em: <<http://www.old.pernambuco.com/ultimas/noticia.asp?Materia=200872153709>> Acesso em: 15 de mai. de 2015.

DIARIO DE PERNAMBUCO. **Orquestra da Bomba do Hemetério ganha prêmio de melhor grupo musical no Rio de Janeiro**. Recife, 06 dez. 2013. Disponível em: <[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2013/06/12/internas\\_viver,444538/orquestra-popular-da-bomba-do-hemeterio-ganha-premio-de-melhor-grupo-musical-no-rio.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2013/06/12/internas_viver,444538/orquestra-popular-da-bomba-do-hemeterio-ganha-premio-de-melhor-grupo-musical-no-rio.shtml)> Acesso em: 15 de fevereiro de 2015.

DUDEN, B. Population. In: SACHS, Wolfgang. (org). **The development dictionary: a guide to knowledge as power**. 2. ed. London/New York: Zed Book, 2010. p. 251-266.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

EAGLETON, T. **Teoria da literatura: Uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ESCOBAR, A. **Discourse and power in development: Michel Foucault and the relevance of his work to the third world, alternatives**. *Out*, 1985, p. 377- 400.

ESCOBAR, A. **Power and Visibility: The Invention and Management of Development in the Third World**, Ann Arbor, MI: UMI dissertation services, 1987.

ESCOBAR, A. **Power and Visibility: Development and the invention and management of the third world**, *Cultural Anthropology*, 3 (4), 428-443, 1988.

ESCOBAR, A. **Encountering development: the making and unmaking of the third world.** Princeton: Princeton University Press, 2012.

ESCOBAR, A. **lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento?** En: A colonialidade do saber: eucentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americana . Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: <[http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624102140/8\\_Escobar.pdf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624102140/8_Escobar.pdf)>.

ESCOBAR, A. Planning. In: SACHS, Wolfgang (org). **The Development Dictionary: A Guide to Knowledge as Power.** 2. ed. London/New York: Zed Book, 2010. p. 211-228.

ESTEVA, G. Development. In: SACHS, Wolfgang (org). **The Development Dictionary: A Guide to Knowledge as Power.** 2. ed. London/New York: Zed Book, 2010. p. 59-83.

ESTEVA, G. **Development: metaphor, myth, threat, development: seeds of change.** V 3 1985. (p. 78-79).

ESTEVA, G. **Regenerating peoples's space, alternatives,** v. 12, n.1, p. 125-152, 1987.

FERGUSON, J. **The anti-politics machine: "development," depoliticization, and bureaucratic power in Lesotho.** Cambridge: Cabridnge University, Press, 1990.

FERNADEZ, S. C. L; LIMA, S. M. S; CARDOSO, D. M. **Curso de extensão e aperfeiçoamento em gestão cultural: Diversidade Cultural e Desenvolvimento Eixo II.** Belém: EditAedi, 2013.

FLICK, U. **Introdução à Metodologia de Pesquisa: um guia para iniciantes.** Porto Alegre: Pensa, 2013.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber.** 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013a.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural do College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.** 23. ed. São Paulo: Loyola, 2013b.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREYRE, G. **Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano.** 15. ed. São Paulo: Global, 2012.

FURTADO, C. **Criatividade e dependência na civilização industrial.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

GASPAR, L. **Agremiações carnavalescas do Recife e Olinda: Clubes de frevo.** Disponível em: <[http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar\\_en/](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar_en/)>. Acesso em: 24 de jan. de 2015.

GAIÃO, B. F. S.; LEÃO, A. L. M. S. MELLO, S. C. B. A Teoria do Discurso do Carnaval Multicultural do Recife: uma análise da festa carnavalesca de Recife à luz da Teoria de Laclau e Mouffe. **RAM – Revista de Administração Mackenzie**, v. 15, n. 6, Edição Especial, São Paulo, pp. 149-171, Nov./Dez. 2014.

GRONEMEYER, M. Help. In: SACHS, Wolfgang. (org). **The Development Dictionary: a guide to knowledge as power**. 2. ed. London/New York: Zed Book, 2010. p. 18-39.

GUION, L. A.; DIEHL, D. C.; MCDONALD, D. **Triangulation: Establishing the validity of qualitative studies**. Florida, 2011.

HARTLEY, J. (Ed.). **Creative industries. Oxford (UK):** Blackwell Publishing, 2005.

HOWKINS, J. **The creative economy: how people make money from ideas**. London: Penguin Press, 2001.

ILLICH, I. Neds. In: SACHS, Wolfgang. (org). **The Development Dictionary: A Guide to Knowledge as Power**. 2. ed. London/New York: Zed Book, 2010. p. 155-172.

INSTITUTO DE ASSESSORIA PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO. **A experiência de desenvolvimento local na Bomba do Hemetério: Um olhar sobre a concepção Pedagógica**. Recife: IADH, 2011.

INSTITUTO WALMART. **Bombando Cidadania**. [2013?] Disponível em: <<http://www.iwm.org.br/causas/desenvolvimento-local/bombando-cidadania/>> Acesso em: 01 de abr. de 2015.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **1880 textos para discussão: panorama da economia criativa no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 2013.

JAMESON, F. **Pós-modernismo, a lógica cultural do capitalismo tardio**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.

KUBRUSLY, C. As moradas da calunga dona Joventina: objetos, pessoas, e deuses nos maracatus de Recife. In: GONÇALVES, José Reginaldo Santos; GUIMARÃES, Roberta Sampaio; BITAR, Nina Pinheiro. **A alma das coisas: patrimônios, materialidade e ressonância**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2013.

LAGE, M. C. Os softwares tipo CAQDAS e a sua contribuição para a pesquisa qualitativa em educação. ETD: **Educação Temáticas e Digital Campinas**, v. 12, n. 2, p. 42-58, jan./jun. 2011.

LATOUCHE, S. **Faut-il refuser le développement?: essai sur l'anti-economique dutiers-monde**, Paris: PUF, 1986.

LATOUCHE, S. **Pequeno tratado do decrescimento sereno**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

LATOUCHE, S. **As vantagens do decrescimento**. 2003. Disponível em: <[https://xa.yimg.com/kq/groups/21640335/246419081/name/latouche\\_portugues.pdf](https://xa.yimg.com/kq/groups/21640335/246419081/name/latouche_portugues.pdf)>.

Acesso em 02 de mai. de 2015.

LATOUCHE, S. Existirá uma vida após o desenvolvimento? **Estudos de Sociologia**, v. 2, n. 16, p. 217-230, 2014.

LATOUCHE, S. Standard of living. In: SACHS, Wolfgang. (org). **The Development Dictionary: A Guide to Knowledge as Power**. 2. ed. London/New York: Zed Book, 2010. p. 173-189.

LEÃO, A. L. M. S.; MELLO, S. C. B. VIEIRA, R. S. G. O papel da teoria no método de pesquisa em Administração. **Organizações em Contexto**, v. 5, n. 10, p. 1-16, 2011.

LEITE, R. Recife dos morros e córregos: a fragosa derrota do exterminador de mocambos e sua liga social em Casa Amarela. **X Encontro de História Oral**. Recife, de abr. 2010.

LÉLIS, C. Agremiações Carnavalescas. In: ASSOCIAÇÃO DOS MARACATUS DE BAQUE SOLTO DE PERNAMBUCO. **Catálogo de agremiações carnavalescas do Recife e região metropolitana**. Prefeitura do Recife: Recife, 2009.

LIMA, S. M. S. **Polos Criativos: Um estudo sobre os pequenos territórios criativos brasileiros**. Brasília, 2011.

LUMMIS, C. D. Equality. In: SACHS, Wolfgang. (org). **The Development Dictionary: A Guide to Knowledge as Power**. 2. ed. London/New York: Zed Book, 2010. p. 98-116.

MACHADO, R. M. Da indústria cultural à economia criativa. **Revista Alceu** v. 9 n 18 jan/jun 2009. (p. 83 - 95)

MARCHI, L. Construindo um conceito neodesenvolvimentista de economia criativa no Brasil: Política cultural na era do novo MinC. **Revista Novos Olhares** - v. 2, n.2 p. 37-48, São Paulo, 2014.

MARÇAL, M. C. C. Discurso do sistema tecnológico Portomídia: um estudo no campo da economia criativa e artes digitais - Tese 194 folhas (Doutorado em Administração) –UFPE, CCSA, Recife, 2014.

MARSHALL, C.; ROSSMAN, G. B. *Desining qualitative research*. 3.ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 1999.

MENDES, F. Meu bairro. **Agenda Cultural**, Recife, abril 2010. Disponível em: <[http://www.recife.pe.gov.br/fccr/agenda/index\\_eventos.php?AgendaEdicaoAno=2010&AgendaEdicaoNumero=176&TiposEventosCodigo=33](http://www.recife.pe.gov.br/fccr/agenda/index_eventos.php?AgendaEdicaoAno=2010&AgendaEdicaoNumero=176&TiposEventosCodigo=33)>. Acesso em: 17 de fev de 2015.

MIGUEZ, P. Economia criativa: uma discussão preliminar. In NUSSBAUMER, G. M. (org). **Teorias e políticas da cultura: visões multidisciplinares**. ed. EDUFBA Salvador, 2007. (p. 95 – 114).

MIGUEZ, P. Cultura, diversidade cultural e desenvolvimento 13. Um olhar territorial para o desenvolvimento: Nordeste. BNDES Biblioteca digital, 2013. (p. 363 – 387). Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br/bibliotecadigital>>.

MILES, M. B.; HUBERMAN, A. M. *Qualitative data analysis: an expanded sourcebook*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994.

NANDY, A. State. In SACHS, Wolfgang (org). **The Development Dictionary: a guide to knowledge as power**. 2. ed. London/New York: Zed Book, 2010. (p. 85 – 97).

NICOLAI, M. Diversidade cultural e sistema ONU: Um lugar para a cultura. In: BRANT, L. (org). **Diversidade cultural: globalização e culturas locais: dimensões, efeitos e perspectivas**. São Paulo: Instituto Pensarte, 2005. p. 131-147

OBULJEN, N. Um resumo da história do instituto para a discussão de diversidade cultural para as relações internacionais Zabreb, Culrelink Network. In: BRANT, L. (org). **Diversidade cultural: globalização e culturas locais: dimensões, efeitos e perspectivas**. São Paulo: Instituto Pensarte, 2005. p. 121-129.

PAIVA JR, F. G.; LEÃO, A. L.M.S.; MELLO, S. C. B. Validade e confiabilidade na pesquisa qualitativa em administração. **Revista de Ciências da Administração**. v.13, n.31, p.190-209, set/dez, 2011.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

PÉREZ, M. S.; GÓMEZ, J. R. M. Políticas de desenvolvimento da pesca e aquicultura: conflitos e resistências nos territórios dos pescadores e pescadoras artesanais da vila do superagüi, Paraná, Brasil. **Sociedade & Natureza**, v. 26, n. 1, p. 37-47, 2014.

PIRES, V. S. Ideias-força no pós-fordismo e a emergência da economia criativa. **Liinc em Revista**, v. 5, n. 2, set., 2009, Rio de Janeiro, p. 215-230.

PITOMBO, M. Entre o universal e o heterogêneo: uma leitura do conceito de cultura da Unesco. In: NUSSBAUMER, G. M. (org). **Teorias e políticas da cultura: visões multidisciplinares**. Salvador. EDUFBA, 2007. p. 115- 138.

PONTUAL, V. **Uma cidade e dois prefeitos: narrativas do Recife nas décadas de 1930 a 1950**. Recife: Ed UFPE, 2001.

PREFEITURA DO RECIFE. **Bomba do Hemetério**. [2013?] Disponível em: <<http://www2.recife.pe.gov.br/servico/bomba-do-hemeterio>> Acesso em: 01 de fev. de 2015.

PREFEITURA DO RECIFE. **João da Costa divulga programação do Carnaval Multicultural 2011**. 03 fev. 2011. Disponível em: <<http://www2.recife.pe.gov.br/servico/bomba-do-hemeterio>> Acesso em: 01 de fev. de 2015.

PREFEITURA DO RECIFE. **Catálogo de agremiações carnavalesca do Recife e Região Metropolitana**. Associação dos Maracatus de Baque Solto de Pernambuco. Recife, 2009.

RADOMSKY, G. Desenvolvimento, pós-estruturalismo e pós-desenvolvimento: a crítica da modernidade e emergência de “modernidades” alternativas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 26, p. 149-162, 2011a.

RADOMSKY G. Pós-desenvolvimento, culturas de auditoria e etnografia de projetos: problemas recentes em antropologia do desenvolvimento. **Conferência do Desenvolvimento**, 2, 2011, [s.l.]. **Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos**, [s.l.]: IPEA, 2011b.

RADOMSKY, G. Pós-desenvolvimento, indicadores e culturas de auditoria: reflexões críticas sobre governança e desenvolvimento. **Ciências Sociais Unisinos**. mai/ago, Porto Alegre, 2013.

RAHNEMA, M. Povert. In SACHS, Wolfgang (org). **The development dictionary: a guide to knowledge as power**. 2. ed. London, 2010. (p. 129 – 150).

RAHNEMA, M. Sifting the Wheat from the Caff. in: *Development: seeds of change*. NGOs, 1985.

RAHNEMA, M.; BAWTREE, V. **The Post-Development Reader**. London/New York, Zed Books, 1997.

REIS, A. C. F. R. (org). **Economia criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento**. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

RIST, G. **The history of development: from western origins to global faith**. 4. ed. London/New York: Zed books, 2004.

RIST, G; SABELLI, F. *L'était une fois le développement*. Éditions d'en bas, coll. **Forum du développement**, Lausanne, 1986.

ROBERT, J. Production. In SACHS, Wolfgang (org). **The development dictionary: a guide to knowledge as power**. 2. ed. London/New York: Zed Book, 2010. (p. 167 – 183).

SACHS, W. (org). **The Development Dictionary: a guide to knowledge as power**. 2. ed. London/New York: Zed Book, 2010.

SACHS, W. Environment. In: SACHS, Wolfgang. (org). **The Development Dictionary: a guide to knowledge as power**. 2. ed. London/New York: Zed Book, 2010. p. 117-131.

SANTOS, L. H. C. In: *O carnaval nos arrabaldes recifenses: os foliões e as práticas culturais nos anos 1950*. V **Colóquio de história Perspectivas históricas: historiografia, pesquisa e patrimônio**, 16 - 18 nov. Recife, 2011.

SANTOS, E. L.; SANTOS, R. S.; BRAGA, V. L. A Administração do Pós-desenvolvimento de Arturo Escobar. **ENANPAD...XXXVIII** 13-17 set. Rio de Janeiro, 2014.

SATRÚSTEGUI, K. U. Desenvolvimento, subdesenvolvimento, mau-desenvolvimento e pós-desenvolvimento: um olhar transdisciplinar sobre o debate e suas implicações. **Revista perspectivas do desenvolvimento**, v. 1, n. 1, p. 34-69 2013.

SBERT, J.M. Progress. In: SACHS, W. (org). **The development dictionary: a guide to knowledge as power**. 2. ed. London/New York: Zed Book, 2010. p. 294-299.

SOUZA, E. M. de. Pós-modernidade nos estudos organizacionais: equívocos, antagonismos e dilemas. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 10, n. 2, p. 270-283, 2012.

SOUZA, M. A. A. Avanço e arrefecimento do processo de regularização fundiária dos assentamentos populares do Recife. in **Anais do III Congresso Brasileiro de Direito Urbanístico**, 2004.

SOUZA, M. A. A.; LUBAMBO, C. W.; NETO, A. R. **O processo de formação de formação das favelas do Recife**: um estudo de caso: das favelas de Casa Amarela. Recife: MDU-UFPE, 1984.

UNCTAD, 2010. Disponível em: <[http://unctad.org/pt/docs/ditctab20103\\_pt.pdf](http://unctad.org/pt/docs/ditctab20103_pt.pdf)>. Acesso em: 22 de jan. de 2015.

UNESCO. **As indústrias criativas impulsionam as economias e o desenvolvimento, segundo o Relatório da ONU**. Disponível em: <[http://www.unesco.org/new/pt/brasil/this-office/single-view/news/creative\\_industries\\_boost\\_economies\\_and\\_development\\_shows\\_un\\_report/#.VMD59kfF-Ag](http://www.unesco.org/new/pt/brasil/this-office/single-view/news/creative_industries_boost_economies_and_development_shows_un_report/#.VMD59kfF-Ag)> Acesso em: 22 de jan. de 2015.

UNESCO. **Diversidade cultural no Brasil**. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/culture-and-development/>> Acesso em: 15.06.15.

UNESCO. **Informe mundial sobre a cultura 2000**: diversidade cultural, conflito e pluralismo. São Paulo: Moderna; Paris: Unesco, 2004.

UNESCO. **Convenção sobre a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais**. Paris: Unesco, 2005.

UNESCO. **Declaração universal sobre diversidade cultural**. Unesco, 2002. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>> Acesso em: 23.06.2015.

UNESCO. **Relatório mundial**: investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural. Unesco, 2009. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184755por.pdf>> Acesso em: 23.06.2015.

UNESCO. Disponível em: <[http://www.unesco.org/new/pt/brasil/this-office/single-view/news/creative\\_industries\\_boost\\_economies\\_and\\_development\\_shows\\_un\\_report/#.VMD59kfF-Ag](http://www.unesco.org/new/pt/brasil/this-office/single-view/news/creative_industries_boost_economies_and_development_shows_un_report/#.VMD59kfF-Ag)>. Acesso em: 23.06.2015.

UNESCO. **Creative Economy**: A feasible development option. Geneva: UNCTAD, 2010. Disponível em: <[http://unctad.org/en/Docs/ditctab20103\\_en.pdf](http://unctad.org/en/Docs/ditctab20103_en.pdf)> Acesso em: 23.06.2015.

USAID. Disponível em: <<http://portuguese.brazil.usembassy.gov/usaid.html>>. Acesso em: 22 de jan. de 2015.

WANIS, A. Economia criativa como plataforma de política cultural e seus desdobramentos na cidade do Rio de Janeiro. **V Seminário Internacional Políticas Culturais**, 16-8 de out. 2013, Rio de Janeiro.

WERTHEIN, J. **Políticas culturais para o desenvolvimento: uma base de dados para a cultura.** UNESCO. Brasília, 2003.

WILLIAMS, J. **Pós-estruturalismo.** Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

WILLIAMS, R. **Cultura.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

YÚDICE, G. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global.** Belo Horizonte: UFMG, 2013.

ZIAL, A. (ed) **Exploring Post-development: Theory and practice, problems and perspectives** Exploring Post-development. Routledge London/New York, 2007.